

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

*OS SABERES DO CORPO: A “Medicina Caseira” e as
práticas populares de cura no Ceará
(1860-1919)*

Georgina da Silva Gadelha

Fortaleza
Abril de 2007

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

*OS SABERES DO CORPO: A “Medicina Caseira” e as
práticas populares de cura no Ceará
(1860-1919)*

Georgina da Silva Gadelha

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de mestre em História Social à Comissão Julgadora da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação da Profa. Dra. Ivone Cordeiro Barbosa.

Fortaleza
Abril de 2007

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Georgina da Silva Gadelha

Dissertação examinada, em **04** de **abril** de **2007**, em sua forma final,
pela orientadora e membros da banca examinadora, composta pelos professores:

Profa. Dra. Ivone Cordeiro Barbosa
Orientadora

Prof. Dr. Almir Leal de Oliveira

Prof. Dr. Luiz Otávio Ferreira

Fortaleza

Dedico

Aos amigos e professores

Ivone Cordeiro e

Almir Leal

Pela força, coragem e incentivo em
transpor barreiras e em traçar caminhos.

E a Dona Regina

Agradecimentos

**“Sou como eu sou
pronome
pessoal indefinível
do homem que iniciei
na medida do impossível”**

(Torquato Neto)

De alguma forma ou de outra, todas as pessoas que passam por nossas vidas são valiosas. Entretanto farei menção aos amigos que estiveram presentes de forma positiva e significativa no meu caminhar e que souberam respeitar minha singularidade.

Primeiramente, uma atenção especial **aos meus pais e a minha irmã**, que acompanharam de perto minhas conquistas e fraquezas; que ergueram junto comigo cada pedra dos meus sonhos, constituindo-se o alicerce da minha própria existência. Obrigada pela atenção e dedicação exclusiva. **A vocês dedico toda a minha existência.**

Agradeço à amiga e professora **Ivone Cordeiro Barbosa**, pelo apoio incondicional, com um sorriso afável em todos os momentos de dificuldades e, por permitir, sabiamente, algumas alterações inesperadas na minha pesquisa. Obrigada por ter me possibilitado certa autonomia no meu processo de aprendizagem; construímos juntas muitos sonhos através de erros e acertos. E ao professor e amigo incondicional **Almir Leal de Oliveira** pelo apoio e conversas “informais”, que muito contribuíram para a realização deste trabalho. Seu otimismo e confiança, às vezes mais do que meus, para com a realização da pesquisa, foram mais do que significativos, foram essenciais. Obrigada pelas horas destinadas a me ouvir e pela paciência nos momentos de teimas e dúvidas.

Um obrigada e carinho muito especiais ao professor **Franck Pierre Ribard**, que sempre se dispôs gentilmente a me ajudar. Um forte abraço ao amigo sempre presente **Assis de Oliveira**, que, nos meus desabafos, estimulou-me a superar as

dificuldades; e ao **Frederico de Castro Neves** pela amizade sempre presente, incentivos e críticas.

A **Sebastião Rogério Ponte** (Tião), o meu eterno carinho pelo sempre bom-humor, abraços e incentivos junto a Michel Foucault. Obrigada por ter disponibilizado sua biblioteca ao meu estudo e por “perder” seu tempo em me indicar leituras, sempre oportunas.

Um carinho e abraço especial a **Antônio Gilberto Ramos Nogueira** (Gil), o paulista mais cearense que conheci, pelas horas alegres de conversas.

Um obrigada ao amigo e médico **Iran Aquino**, por ter me cedido gentilmente suas horas de folgas e por ter me atendido em seus plantões nos hospitais para conversarmos sobre a pesquisa. O auxílio e apoio de um médico só veio a contribuir nas reflexões sobre as várias formas de cura.

Não poderia deixar de agradecer aos meus amigos mais próximos, **Gláubia Cristiane, Yacê Carleial, Márcio Porto, Márcio Inácio, Marla, Adriana Ribeiro e Tácito Rolim** que sempre acreditaram, apoiaram e contribuíram de forma direta no desenrolar da pesquisa.

Uma atenção e carinho especiais a **Constantino**, dona **Terezinha**, seu **Dantas**, seu Augusto, **Elizabete, Elineuza**, dona **Telma**, dona **Regina** e **Sílvia**, pela companhia nas horas solitárias de espera. Acreditando e torcendo por cada passo deste trajeto. São amigos que guardarei por toda minha existência de forma carinhosa.

Um agradecimento aos funcionários do **NUDOC**, do **Setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública Menezes Pimentel**; aos profissionais do **Instituto Antropológico e Geográfico do Ceará**; da **Academia Cearense de Letras**; da **Academia Cearense de Medicina**; da **Casa de Juvenal Galeno**; ao **Paulo Cardoso** e professor **André**, do Arquivo Público do Estado do Ceará, pelo incentivo na busca de materiais onde eu pudesse “encontrar meus curandeiros”. Na verdade, eles não existiam como pensávamos, estavam “diluídos” nos documentos fragmentados.

A todos, não menos importantes, que, nos bastidores, como o meu amigo de sempre **Mário Silva** e **Helenilde**, fizeram parte deste trajeto, sabendo respeitar todas as minhas “ausências”, “teimas”, “sonhos”, o meu abraço e carinho...

Um muito obrigada juntamente com um forte abraço à Secretária de Educação de Tauá, **Lindomar da Silva Soares**, pela torcida, incentivo e apoio não somente ao meu trabalho de pesquisa, mas a todos que acreditam e prezam por uma educação de qualidade e mais humana. Obrigada por apoiar e estimular a juventude que se forma a cada dia e que busca por um espaço de trabalho para demonstrar seu potencial. Direciono também este agradecimento e reconhecimento social e educacional ao professor **Bonfim**, coordenador do Instituto Práxis. Sua presença em minha formação foi mais do que a de um simples coordenador, foi a de um profissional amigo que me oportunizou caminhar nas “teias” da educação junto às secretarias, possibilitando que eu aprendesse a cada dificuldade através de nossa relação “dialógica”. A vocês um eterno afeto.

Um obrigada à banca de exame de qualificação, composta pela minha orientadora (Ivone Cordeiro), a professora Marilda Santana Silva e o professor Almir Leal de Oliveira, pelas sugestões enriquecedoras ao meu trabalho.

Um obrigada a **FUNCAP** (Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa) pelo incentivo destinado à minha pesquisa e a **todos** que fazem parte do Departamento de História da UFC, pela paciência e receptividade.

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa busca refletir sobre as práticas populares de cura e a ciência médica no Ceará durante a segunda metade do século XIX. Tomamos o livro *Medicina Caseira* de Juvenal Galeno como fonte e objeto de análise, uma vez que o livro se apresentou como uma produção inquietante, por se tratar de um livro de receitas caseiras, com práticas populares de cura, coletadas durante a segunda metade do século XIX e organizado em 1919, período em que a medicina científica no Ceará começava a se estruturar enquanto ciência legitimadora da doença e da saúde. Ao longo do processo de investigação, localizamos pontos de aproximações e distanciamentos entre as práticas de cura que envolvem o saber científico e popular. Tal percepção nos possibilitou refletir sobre como as práticas populares de cura permaneceram presentes e até, em alguns casos, foram apropriadas pela medicina científica no seu processo de afirmação enquanto prática de intervenção no meio social e na sua busca de institucionalização.

Palavras-chaves: Práticas Populares de Cura, Medicina Científica, Folclore e História.

ABSTRACT

The actual dissertation aims to reflect about the popular practices of healing and medical science in the state of Ceará, Brazil, during the second half of the 19th century. The book “Medicina Caseira” (organized in 1919 by Juvenal Galeno) was taken as analysis source and object, because it showed itself as a disturbing production, since it deals with homemade recipes, popular practices of healing during that period, in a moment that medical science in Ceará was beginning to structure itself as a legitimating science of health and disease. Through the process of investigation, some points of convergence and divergence were found out among the practices of healing that are related with scientific and popular knowledge. Such a perception allowed us to think about how these popular practices of healing are found at the present time and even, in some cases, were appropriated into the scientific medicine in its processo of affirmation while intervening practice in the social arena and in its search of institutionalization.

Key Words: Popular Practices of Healing, Scientific Medicine, Folklore and History.

A emoção mais bela e profunda que podemos experimentar é a sensação do místico. Essa é a semente de toda a verdadeira ciência. Aquele para quem essa emoção é estranha, que não mais se maravilha ou se arrebata em admiração, está tão bem quanto um morto (...)

Introdução	12
0.1. Juvenal Galeno e a <i>Medicina Caseira</i>: Poesia e “Medicina”	31
1.1. Romantismo e Povo na obra de Galeno.....	31
1.1.1. Juvenal Galeno: o erudito e o popular na sua poesia.....	44
1.2. Plantas de Quintais como Recursos Medicinais.....	57
0.2. Vivências Cotidianas: a elaboração das práticas populares	74
2.1. Historicizando as Práticas Populares de Cura.....	82
2.1.1. Cegueira Noturna (vitamina A).....	83
2.1.2. Desynteria (ipecacuanha).....	90
2.1.3. Febres (quina).....	92
2.2. As Doenças no Ceará: salubridade, higiene e teorias epidêmicas.....	96
0.3. A Medicina Popular e a Ciência Médica no século XIX	114
3.1. A Medicina Popular e a Ciência Médica: uma relação de aproximação.....	114
3.2. A Medicina Popular e a Ciência Médica: a construção de um distanciamento.....	138
Conclusão	162
Bibliografia	167
Anexos	183

Introdução

A medicina caseira,
Em prosa bem anotada,
Não seria nunca lida
E sim muito desprezada.

(...)

(GALENO, J. Conclusão. In: __. **Medicina Caseira**)

Durante o final do século XX e início do século XXI, várias foram as teses e dissertações que foram pensadas e elaboradas sobre a história da medicina. Até por volta da década de 1990, as pesquisas voltavam-se para a análise do ensino da medicina e sua evolução no Brasil. Com o surgimento dos cursos de pós-graduação na área da história entre fins da década de 1970 e início da de 1980, alguns historiadores, sob a ótica da história social e cultural, lançaram novos olhares para a nossa historiografia, procurando abordar novas reflexões sobre as práticas de cura no Brasil, rompendo com a simples visão médica evolucionista, com uma doutrina uniforme e coerente sobre as formas de perceber e medicar a doença.¹

As novas reflexões nos possibilitam sistematizar elementos que permitem pensar sobre outras nuances além da medicina institucionalizada de tradição européia, que se consolidava a partir do século XIX no Brasil, baseada no

¹ Alguns trabalhos que abordam as práticas de cura no Brasil sob a perspectiva da história social e cultural são: CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Campanha das Letras, 1996; _____. **Artes Ofícios de Curar no Brasil**. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2003; SAMPAIO, Gabriela. **Nas Trincheiras da Cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial**. Campinas, UNICAMP, 1995; WEBER, Teixeira Beatriz. **As Artes de Curar no Brasil: medicina, religião e positivismo na República Rio-Grandense (1889-1928)**. Santa Maria: Ed. da UFSM; Bauru: EDUSC – Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999; WILKER, Nikelen A. Curandeirismo: um outro olhar sobre as práticas de cura no Brasil do século XIX. In: **Revista Vidya** / Centro Franciscano. Vol. 1, nº 1 (nov. 1976) – Santa Maria, 1976.

racionalismo e na observação, como referenciou Foucault: “A este olhar paciente atribuiu-se até mesmo o poder de atingir, por uma dosada adição de raciocínio – nem muito, nem muito pouca – a forma geral de qualquer constatação científica”.² Tal abertura, no campo da análise, possibilita-nos refletir sobre as práticas populares de cura baseada na medicina caseira, que consiste na aplicabilidade de recursos terapêuticos simples de fácil utilização, como as ervas medicinais, tendo sua eficácia fundamentada na “crendice popular”.

Nossas inquietações partiram da leitura de várias obras que traziam como tema central a relação entre as múltiplas formas de medicar³ e as transformações sociais e urbanas que estavam ocorrendo durante o século XIX, no que se referem ao sanitarismo e higienismo.

Na história da medicina, quando as práticas populares de cura, baseadas na cultura e na tradição, são abordadas, geralmente, são apresentadas em oposição ao saber médico ou consideradas como simples crenças, superstições, de uma medicina incipiente, não científica, demonstrando uma oposição entre saberes e práticas, dando ao curandeirismo o caráter de sobrevivência do período colonial que foi, ao longo do século XIX e início do XX, combatida.⁴

A literatura sobre as práticas populares em si mesmas, enquanto expressões de sujeitos que criam e recriam soluções próprias para sua realidade, o que não significa dizer que estão “resistindo” à imposição de outro conhecimento, ainda é muito limitada. Pois, até que ponto, podemos falar em resistências?

² FOULCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1980. p. XIII.

³ Em nosso estudo tomamos o cuidado para não denominarmos as práticas populares de cura como curandeirismo, por considerarmos que só é possível concretizar esse conceito a partir do Código Penal de 1890, onde foi estabelecida uma definição específica para as pessoas que medicavam sem serem médicos formados em academias.

⁴ COSTA, Jurandir F. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 2004 (1ª edição: 1979); IYDA, Massako. **Cem Anos de Saúde Pública: a cidadania negada**. São Paulo: Editora da USP, 1994; LUZ, Madel T. **Medicina e Ordem Política Brasileira: políticas e instituições de saúde (1850-1930)**. Rio de Janeiro: Graal, 1982; MACHADO, R. et al. **Danação da Norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978; SINGER, Paul et al. **Prevenir e Curar: o controle social através dos serviços de saúde**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

Nossa reflexão considera que o ato de encontrar “resistências” nas ações das pessoas, sobretudo dos camponeses, setores iletrados, dentre outros é uma categoria de análise conceitual para classificar determinadas práticas que indicam a recusa, por parte destes setores, de abordarem práticas culturais da sua tradição, mesmo quando já estão disponíveis outras possibilidades de enfrentamento da realidade. Neste caso, evidencia-se a força do costume, do estar sendo, agindo e vivendo de acordo com suas possibilidades reais de vida e tradição de cultura que orienta a sua inserção e percepção do mundo. Todo ato não é rebeldia. Não podemos tomar um caso particular e generalizar, nem nos conceitos nem nas ações dos homens. Considerar as ações dos homens como resistência é refletir sobre a relação homem/sujeito/objeto. Até que ponto o sujeito é um ser ativo, que visa uma objetividade consciente em suas ações, embora que individuais?

Autores diversos estabelecem críticas à criação do “sujeito universal”, que cria estereótipos, abrindo a possibilidade de se pensar o sujeito a partir de uma subjetividade. Silva Dias, ao refletir sobre a subjetividade como dimensão do conhecimento na experiência cotidiana, afirma que “(...) em lugar de indivíduos conscientizados, trata-se freqüentemente de grupos que são atraídos pelas possibilidades de compartilharem sons e danças em festividades (...)”.⁵ A autora está remetendo às práticas coletivas vividas e experimentadas pelos indivíduos como sabe/fazer. É nesse sentido que pensamos, aqui, as práticas populares de cura. Como é que, na dimensão de cultura, expressam-se as tensões e os conflitos, sejam de forma explícita ou não.

Se resistir pode ser considerado o ato de recusa a determinadas atitudes impostas, o que de certa forma volta a estabelecer a dicotomia *controlado* e *controlador*, poderemos considerar a recusa de *sujeitos* ao tratamento condicionado pela medicina científica como um ato de *resistência*, o que nos faz percorrer as análises de Foucault em suas considerações sobre estruturas controladoras e difusoras de saberes que condicionam e controlam *os corpos*. No entanto, se Foucault nos esclarece numa perspectiva de saberes/poderes, é em

Certeau⁶ que encontramos indicadores para pensar a questão de como homens e mulheres “burlam” a normatização sobre suas ações, lidam com o seu cotidiano, através da sua arte de criar e inventar, entendidas aqui como estratégias e táticas de resistência, no caso em estudo, à medicina científica. Pensarmos em processos de “aproximação” não só como forma de tradição, mas também como forma de atualização desta tradição por mecanismos mútuos de troca de saberes entre o costume e o saber científico.

Na ausência de obras que tratem diretamente das práticas populares de cura, fomos buscar nas obras historiográficas, no que foi produzido sobre saúde e doença tanto em nível de concepções gerais, que formularam várias pesquisas nesse campo, como nas de Foucault. Buscamos, também, nos estudos específicos de Sidney Chalhoub, Gabriela Sampaio, Policarpo Barbosa, dentre outros, referências sobre as práticas de cura das camadas populares, realizando aí o que se chama uma leitura a “contra-pelo”, pois estas, apesar de discorrer de forma geral sobre o pensamento médico sanitaria e higienista, também trazem em seus escritos apreciações, embora às vezes sucintas, sobre o comportamento das camadas populares frente às enfermidades.

Iniciar nossa análise por Michel Foucault significa afirmar sua importância para a abertura de se pensar a própria disseminação de estruturas “controladoras” em locais cuja função “aparente” era a de cuidar e zelar pela vida do homem, doutrinando-lhe corpo e mente.

Seus estudos, em especial *O Nascimento da Clínica*⁷ e *a Microfísica do Poder*,⁸ tornam-se importantes referências para a pesquisa por nos fazer refletir

⁵ SILVA DIAS, Maria Odila. **Hermenêutica do Quotidiano na Historiografia Contemporânea**. Revista Projeto História. São Paulo: EDUC, n 17, 1998 (b). p. 254.

⁶ **Cultura no Plural** (1975); **A Invenção do Cotidiano** (1980) e **A Escrita da História** (2002). Em *A Invenção do Cotidiano*, o autor desperta nossa percepção para se pensar as práticas cotidianas como invenções que fogem ao consumo passivo de normas, da “vigilância” pensada por Foucault. O homem cria e recria constantemente táticas de sobrevivência. Outros conceitos também vão sendo formulados ao longo do escrito: *estratégia, tática, lugar*. Observações que já tinham sido levantadas em **Cultura no Plural**, livro em que o autor questiona a uniformidade administrativa gerida em nome de um saber. No livro *A Escrita da História*, Certeau faz suas considerações sobre o papel do historiador na sociedade, através de seus enunciados sobre *lugar social, práticas científicas e escrita*. As pessoas estão sempre sujeitas às imposições e privilégios dos lugares, o que lhes proíbe e permite determinadas reflexões, fazendo com que o saber esteja em constante disputa.

⁷ FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. op. cit.

sobre como a medicina foi se constituindo como ciência baseada na razão e no experimento científico, pois “a medicina como ciência clínica apareceu sob condições que definem, com sua possibilidade histórica, o domínio de sua experiência e a estrutura de sua racionalidade”.⁹ Os seus textos nos possibilitam refletir como esse saber médico foi se consolidando desde o século XVIII e sobre seus primeiros passos e experiências na busca de um raciocínio que deveria ser cada vez mais lógico. À medida que a medicina se desenvolvia no campo da análise e da observação, aumentava a necessidade de se organizar e decidir o que era permitido ou não.

No século XIX, a observação, a intervenção e o controle das práticas sociais de higiene e sanitarismo eram os principais mecanismos na busca de determinar a legislação. Os médicos passaram a influir e determinar sobre o papel da esfera domínio público, inserindo nas experiências cotidianas seu saber. A medicina social propunha a necessidade de, juntamente com suas concepções de contaminação e propagação das doenças, pensar o ordenamento e a organização das cidades, colocando a necessidade de criar espaços para a circulação dos “bons ares”, pois a contaminação e a propagação das doenças se davam através dos miasmas. Além disso, preocupou-se também sobre a própria questão da saúde referente à moralidade e à higiene.

O olhar médico tinha a função de observar, localizar e encontrar a doença, sua causa, seu diagnóstico e a sua terapêutica. Daí, a necessidade dos “grandes laboratórios humanos” para as experiências dos médicos, como perspectiva de perceber e enunciar as doenças a partir do confinamento em clínicas, e, posteriormente, nos hospitais. Esse saber, ao se institucionalizar durante o século XIX, no Brasil, transformou o meio social em seu laboratório, preconizando, inclusive, a necessidade de estudo e pesquisa, precisava de uma *polícia* que tivesse presença interventiva e coercitiva no combate, sobretudo, às doenças epidêmicas.

As palavras chaves para essa ciência médica que estava formulando suas idéias e práticas durante o século XIX foram “vigiar”, “controlar”, “regulamentar”

⁸ . **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

“proibir”. Era um saber que se constituía com a função de controlar não só a doença, mas as relações sociais na sua mais ampla esfera de existência e acontecimento. A medicina saía da esfera meramente técnica para a interferência nas cidades e nos homens, legislando sobre o que era oportuno ou não.

No mesmo ano da publicação de Foucault, Jurandir Freire Costa publicou *Ordem Médica e Norma Familiar*.¹⁰ Costa nos apresenta uma análise de como o pensamento higienista durante o século XIX adentrou os lares familiares “delegando” funções “sociais” aos membros da família: “A higiene ministrava a seu público ensinamentos que iam desde aqueles da alçada de um engenheiro ou de um arquiteto até aqueles da competência de um mentor de etiqueta social”.¹¹

Costa, em sua produção, embora não mencione as práticas populares de cura, torna-se importante para a pesquisa que realizamos por nos possibilitar refletir como o saber médico produziu uma legislação como forma coercitiva e também passou a ser incorporada como *norma*, não mais apenas da conduta do homem, mas de sua forma mais íntima e particular: suas relações pessoais. Assim, o homem passava a ser o seu próprio policial e a mulher seria a principal aliada da higiene. Ainda nesta abordagem, o autor nos relata como esse saber médico foi substituindo os hábitos coloniais de higiene por maneiras europeias de viver, o que possibilitava ao pensamento europeu de conduta, comportamento e higiene adentrar o lar brasileiro através da “ciência da vida”: a medicina.

Tal controle e modificação dos hábitos sociais nos fazem pensar como nesse período de “organização” de costumes e idéias, o médico percebia as outras formas de medicar. Apesar de seus saberes se disseminarem de forma sutil através de várias maneiras como a educação formal para “organizar”, também se fazia necessário proibir práticas corriqueiras do dia-a-dia. Como as pessoas percebiam essas mudanças?

Perceber e analisar sempre a partir do “manipulador” de receitas e práticas que se configuravam e se configuram como bruxaria, feitiçaria ou curandeiro, leva

⁹ _____ . **O Nascimento da Clínica**. op. cit. p. XIX.

¹⁰ COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. op. cit.

¹¹ Id. *Ibidem*. p. 115.

a análise a centrar-se na figura de um sujeito, o praticante particular de um processo de cura como figura símbolo entre o natural e o sobrenatural. Nossa inquietação ultrapassa essa perspectiva. Tentamos pensar como as pessoas de maneira geral buscavam e criavam soluções populares para suas doenças, estabelecendo muitas vezes uma relação simbólica com esses processos de cura.

Sidney Chalhoub em *Cidade Febril*¹² fez importantes comentários de como os higienistas relacionavam “as classes pobres” como “classes perigosas”. Baseados na teoria miasmática, os higienistas procuravam localizar os locais propícios ao contágio, e as residências dos pobres, principalmente os cortiços, deveriam ser extintos das cidades cariocas, por serem nocivos à sociedade. A “higiene pública” era a grande aliada para conduzir o país à “civilização”, daí a necessidade de se pensar o ordenamento da cidade sobre a ótica da medicina, do “olhar disciplinado”. A administração pública deveria assim tomar atitudes políticas que iam além dos princípios da higiene saudável, passando pela violação do lar, como explicitou Nicolau Sevckenko em *Revolta da Vacina (1904)*¹³ ou pela investigação sobre o corpo como explicitou Magali Engel em *Meretrizes e Doutores*.¹⁴

Outra contribuição significativa foi o livro *Artes e Ofícios de Curar no Brasil: Capítulos de História Social*.¹⁵ O próprio título da obra nos traz explícito a pluralidade de maneiras de medicar vindo desde o Brasil colonial até o século XIX. A variedade de temas e caminhos percorridos enriquece nossa reflexão sobre as práticas de cura no que concerne à formulação do conceito de curandeiro. Sidney Chalhoub, em seu artigo no livro, identifica na tradição popular as raízes para a elaboração da vacina contra a varíola pelo médico Jenner, o que nos possibilita refletir sobre a importância das práticas populares e sua contribuição para a elaboração de uma medicina científica, além de nos proporcionar pensar sobre

¹² CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

¹³ SEVCENKO, Nicolau. **Revolta da Vacina**: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Brasiliense, 1984.

¹⁴ ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 1989.

¹⁵ CHALHOUB et al (org.) **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. op. cit.

outras práticas que fazem parte do nosso cotidiano, enfatizando a necessidade de historicizá-las. Outro livro que se deve acrescentar à produção historiográfica que rompe com uma perspectiva evolucionista e homogênea da medicina é o de Gabriela Sampaio, *Nas Trincheiras da Cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial*,¹⁶ que analisa uma multiplicidade de idéias divergentes entre os médicos da corte.

No que se refere ao Ceará, pensar e refletir sobre doença e saúde significa manusear um pequeno acervo de livros e produção dissertativa (dissertação ou tese), por se tratar de uma abordagem nova no campo da pesquisa na esfera local. Para nossa análise, tentamos reunir esta produção, porém, podemos afirmar que sobre as práticas populares de cura pouco foi produzido. As abordagens analisam as instituições e a prática médica científica.

Rodolpho Marcos Theóphilo, farmacêutico e escritor, nasceu na Bahia em 1853, viveu toda a sua vida no Ceará e faleceu em 1932. Escreveu vários trabalhos¹⁷ ao longo de sua vida que discorriam, principalmente, sobre as epidemias (cólera, varíola, febre amarela, etc.) e as secas que ocorreram no Ceará durante a segunda metade do século XIX e início do XX. Com uma produção textual clara e objetiva, filiado à medicina urbana, o farmacêutico deixou proposadamente nas páginas de suas produções o registro histórico da descrição da pobreza, da fome, da higiene pública, dados sobre as epidemias reinantes, a posição e ausência do governo nos socorros aos pobres, dentre outros, como ele mesmo faz referência: “Estes parenthesis, que abro de longe em longe no curso deste trabalho tem por objectivo photographar a nossa epocha, os costumes, índoles e civilização do nosso povo”.¹⁸

Theóphilo, a partir do seu posicionamento de intelectual e homem de ciência, por muitas vezes, apresentou em sua produção a pobreza como principal agente das doenças devido as suas crenças em fatalismos, determinismos, pouca

¹⁶ SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas Trincheiras da Cura**. op. cit.

¹⁷ Diante de sua vasta produção (num total de 28) destacamos: **A Fome**: cenas da seca do Ceará (1890); **História das Secas do Ceará (1877-1880)** (1883); **Secas do Ceará (segunda metade do século XIX)** (1901); **A Seca de 1915** (1922); **A Seca de 1919** (1922); **Varíola e Vacinação no Ceará** (1910).

higiene e recusas a tratamentos médicos. Apesar de seu olhar “distante” sob o prisma da ciência, o farmacêutico deixou, através da tinta de sua escrita, indícios de experiências sociais das camadas pobres e iletradas, suas posturas e elaborações do cotidiano diante da carência alimentar e da realidade concreta das doenças.

Outro médico cearense que também deixou indícios sobre as práticas populares, índices pluviométricos, dados estatísticos sobre mortalidade, etc., em seus trabalhos, foi o dr. Guilherme Studart. Sua produção¹⁹ é relevante por apresentar informações sobre as práticas populares de cura, como, por exemplo, o uso do fígado de boi para a cura da cegueira noturna, dentre outras.

Na ausência de recursos médicos suficientes para toda a população, o desconhecimento da própria medicina do tratamento e da causa de certas doenças como a hemeropia (cegueira noturna), fazia com que a população carente do Ceará criasse e reciasse suas práticas de cura, como da infusão do fígado de boi para ser aplicada nos olhos. A contribuição de Guilherme Studart nos deixa indícios para refletirmos sobre o povo e seu posicionamento frente à doença e à cura, às moléstias, à mortalidade e à higiene.

A produção de Rodolpho Theóphilo e Guilherme Studart é importante porque nos deixa registros sobre o povo e sua relação com o mundo, diferente de outras produções que voltaram suas análises para o campo das instituições no Ceará. Embora essas pesquisas também sejam enriquecedoras no sentido de que nos possibilitam problematizar como se deu a consolidação da medicina científica, seja através da consolidação de suas instituições e de suas práticas, até da simbologia de seus prédios, de onde exerciam e saíam os homens aptos a medicar através de sua racionalidade. A partir dessa “estrutura de poder” era possível identificar o correto e o errado, criando meios e subsídios de combater o que fosse considerado impróprio.

¹⁸ THEOPHILO, Rodolpho. **Variola e Vacinação no Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. p 116.

¹⁹ STUDART, Guilherme. **Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará**. Fortaleza: Fundação Aldemar Alcântara, 1997. (1^o edição 1909).

Nessa linha de pesquisa que analisa a medicina como progresso em suas práticas, identificamos José Policarpo Barbosa com o livro *História da Saúde Pública do Ceará*²⁰ e Maria do Socorro Silva Nobre com *História da Medicina no Ceará: Período Colonial*.²¹ Os livros nos apresentam uma abordagem cronológica da constituição da medicina no Ceará a partir das instituições médicas.

Como exemplo de outra abordagem sobre a medicina urbana e o ordenamento da cidade, referenciamos o livro de Sebastião Rogério Ponte, *Fortaleza Belle Époque: Reforma Urbana e Controle Social (1860-1930)*.²² Em seu estudo, com uma abordagem foucaultiana, Ponte fez uma breve análise sobre as remodelações sociais e urbanas que a cidade de Fortaleza passou durante a segunda metade do século XIX e início do XX, referenciando leis, normas e mudanças de costumes, sem adentrar nas problemáticas da vida, fazendo, assim, uma análise baseada no “discurso da norma”. O pesquisador abre como um de seus capítulos a problemática da imposição do saber médico sobre a estrutura física da cidade, apresentando alguns problemas de construção de casas e localização das mesmas sob a ótica do médico.

Uma das mais recentes pesquisas sobre doença em Fortaleza é o trabalho de doutorado do professor Carlos Jacinto Barbosa *Caminhos da Cura: a experiência dos moradores de Fortaleza (1850-1880)*.²³ Barbosa analisou como a doença passou a ser destaque na segunda metade do século XIX. Além de analisar o discurso médico, abriu um tópico para refletir sobre as práticas populares de cura, citando Juvenal Galeno e suas receitas do livro *Medicina Caseira*²⁴, como tentativa de demonstrar a existência de outro recurso paralelo à medicina científica para a cura.

Através da breve exposição, identificamos que dentro do pouco já refletido e pesquisado sobre doença, “muito” foi produzido sobre a medicina dita científica,

²⁰ BARBOSA, José Policarpo. **História da Saúde Pública do Ceará**: da colônia a Vargas. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

²¹ NOBRE, Maria do Socorro Silva. **História da Medicina no Ceará**: período colonial. Fortaleza, Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1979.

²² PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque**: reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

²³ BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. **Caminhos da Cura**: a experiência dos moradores de Fortaleza (1850-1880). SP/PUC: tese de doutorado, 2002.

envolvendo seus discursos de “saber” e suas instituições. O que nos possibilita afirmar que muito pouco foi pensado sobre esse outro viés que foi tão combatido: as práticas populares de cura.

Talvez Juvenal Galeno tivesse razão ao afirmar que grandes delongas sobre a utilização de mezinhas pelo povo não fosse considerada uma literatura importante e de certa forma obrigatória para o saber médico, após a institucionalização do seu saber, visto que o que não tinha validade científica deveria ser desconsiderado. O caminho de nossa pesquisa foi aberto pela “ausência” de sua presença em nossa historiografia.

Os trabalhos que foram produzidos sobre medicina no Ceará, embora indiquem a presença de práticas populares de cura, não as analisam/interpretam, uma vez que não a tomam como objeto. A ausência de pesquisas específicas sobre as práticas populares de cura constituiu-se como uma das principais dificuldades de nosso trabalho investigativo. Sabíamos da existência de estudos nesse campo no século XX, baseados na história oral, referindo-se a períodos recentes. Como nossa intenção principal era discorrer sobre as práticas populares de cura, como elas estavam acontecendo no Ceará durante a segunda metade do século XIX e primeiras décadas do XX, colocou-se a necessidade de buscar registros diferenciados que possibilitassem uma leitura desses processos em outras temporalidades.

Esse caminho de reflexão é resultado de um processo que se iniciou ainda na graduação, quando participamos, como bolsista CNPq, de um grupo de estudos sobre História e Literatura.²⁵ O grupo, na fase em que ingressamos, estava fazendo estudos sobre a produção dos folcloristas e sua contribuição para a História Social. Foi através da participação neste espaço de reflexão que tivemos nosso primeiro contato com a produção de Juvenal Galeno e o livro *Medicina Caseira*. A aproximação com essa literatura intensificou nossas inquietações e apresentou caminhos a serem percorridos.

Com a leitura do livro *Medicina Caseira* de Juvenal Galeno, foi-nos possível fazer a seguinte interrogação: o que levaria esse autor, intelectual letrado, a

²⁴ GALENO, Juvenal. **Medicina Caseira**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1969.

coletar durante a segunda metade do século XIX receitas caseiras, organizá-las em livro, em 1919?²⁶ Períodos diferenciados, mas que inquietam ao se pensar que Galeno estava produzindo esse material em um momento em que estava ocorrendo uma efervescência na consolidação dos saberes e práticas médicas, fundamentadas na razão, em detrimento da crença e da fé.

Há em Galeno a constante preocupação na preservação das práticas caseiras da medicina popular baseada em plantas de quintais e também de propagação das mesmas. Na conclusão do livro, Galeno, em seu último poema, intitulado *Conclusão*,²⁷ estabelece uma aparente “justificativa” do porquê de um livro em forma de versos e sua preocupação da preservação de tais práticas, em um momento em que o Ceará estava passando por grandes transformações no que se refere ao desenvolvimento urbano e cultural.²⁸

A medicina caseira
Em prosa bem anotada,
Não seria nunca lida
E sim muito desprezada

Por isso escrevi em versos,
Para ler-se, num momento,
Havendo necessidade
De qualquer ensinamento.
Porque tudo, meus leitores,
Hoje está eletrizado:
O bonde corre sem burros,
Como o doido ou cão danado.

²⁵ O grupo era coordenado pela professora doutora Ivone Cordeiro Barbosa.

²⁶ Apesar de organizado e preparado para publicação desde essa data, o livro só veio a público em sua primeira edição em 1969, 50 anos depois.

²⁷ GALENO, Juvenal. *Conclusão*. In: _____. **Medicina Caseira**. op. cit. p.140

²⁸ Sobre as transformações urbanas e culturais ver os escritos de Gilberto Freyre. É de consenso que seus escritos em especial *Casa-Grande e Senzala*, *Sobrados e Mucambos* e *O Nordeste*, consistem em obras que se apresentam com um “saudosismo” e valorização do patriarcalismo do século XIX e do Nordeste brasileiro. Seus registros constituíram-se a partir da leitura de uma ampla variedade de material de pesquisa, o que nos possibilita tomar sua obra como reflexão sobre esse processo de transformação nos hábitos e costumes brasileiros. Suas descrições detalhadas e críticas sobre as mudanças sociais, no século XIX, são enriquecedoras para o campo da pesquisa. E, em *Sobrados e Mucambos*, Freyre fez várias descrições detalhadas sobre como a cidade, a casa e a rua estavam sendo pensadas a partir do processo de urbanização e das profissões bacharéis e médicos. “Os dois, aliados da Cidade contra o Engenho. Da Praça contra a roça. Do Estado contra a Família”. p. 737. VER: SANTIAGO, Silvano (coordenador). **Intérpretes do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2ª edição, 2002. 3 volumes. (Biblioteca luso-brasileira; Série Brasileira).

(...)

Provavelmente esse interesse é que instigou Galeno a afirmar a existência de um conhecimento popular, como também o uso terapêutico de muitas ervas. Ao longo de sua vida e sua obra, preocupou-se com a “opção” pelo povo. Podemos dizer que Galeno, com a publicação do livro, estivesse mais uma vez ratificando esse compromisso. A natureza da obra, resultado da recolha que o autor empreendeu ao longo de 60 anos de pesquisa, coloca-a num patamar que poderíamos classificar como um texto híbrido, com o caráter de registro, de um lado, e de texto “literário” de outro, pois as “informações” que trazem são medidas pela condição de letrado do autor. Além disso, é visível a preocupação pedagógica de ensinar e divulgar os saberes populares.

Sua inquietação frente à necessidade de validar esse saber ao estabelecer comparações com trabalhos de estudiosos como Freire Alemão, Martius e outros, intensificou nosso interesse em perceber como o homem cearense estava se relacionando com essas práticas populares no século XIX. Validado ou não, esse saber popular faz parte da cultura.

Com o intuito de enriquecermos o campo da análise sobre as práticas populares de cura, recorreremos a uma variedade de materiais. A ausência de documentos sobre o assunto é tema recorrente entre os pesquisadores que voltam suas análises para o campo da saúde e da doença. Entretanto como a tarefa do historiador não deve se limitar a ausências, mas a buscas constantes de materiais que possibilite refletir sobre suas inquietações, para a realização de nossa pesquisa, buscamos a presença das experiências dos setores iletrados nos mais variados registros na expectativa de encontrar indícios que permitissem recompor experiências e práticas destes setores da população. Verificamos que em documentos como: correspondências eclesiásticas, registros da Santa Casa de Misericórdia, jornais, Relatórios de Presidente de Província, Ofícios de Saúde Pública, dentre outros, encontramos referências aos costumes do povo e as suas adesões e resistências aos ditames da autoridade pública. Evidentemente que, ao lidar com esses documentos, temos que considerar o lugar social de sua

produção, o que demanda uma atitude de crítica e um olhar educado, procurando sempre fazer o que se convencionou chamar de “leitura a contra-pelo”. A ausência de registros específicos sobre nosso objeto instigou-nos a ampliar nosso campo investigativo, enriquecendo nossa experiência e a própria pesquisa.

Com isso, afirmamos que a documentação referenciada nos permitiu através do manuseio dos Relatórios de Presidente de Província, por exemplo, ter um panorama sobre quais eram as principais doenças no Ceará durante a segunda metade do século XIX, separando por doenças raras, epidêmicas e correntes, e os demais registros possibilitaram tecer considerações sobre como a ciência estava pensando as práticas populares de cura.

Esses materiais analisados, embora não se constituam o centro de nossas preocupações, deram mais consistência ao nosso entendimento sobre a questão da saúde. Para a concretude de nosso processo, investigativo, foi preciso ainda uma aproximação maior com a medicina e seus manuais de farmacologia.²⁹ Na literatura médica, buscamos informações sobre as práticas populares de cura, e encontramos alguns autores que discorreram em seus livros sobre a importância de se aproximar a formação médica das práticas populares, reflexões que muito nos ajudaram a historicizar algumas práticas referenciadas no livro *Medicina Caseira*.

Os poemas do livro *Medicina Caseira* nos trazem muito mais do que receitas caseiras em forma de verso, trazem também o próprio sentido da historicidade da obra e seu lugar social, juntamente com uma reflexão sobre as práticas populares de cura, em um momento em que a medicina científica começava a se firmar e a se consolidar como saber prático e erudito sobre a forma de medicar. Esse material coletado, embora transcrito sobre a percepção de um intelectual letrado, também traz a “oralidade” do povo, deixando indícios de aspectos de seus costumes, de sua cultura e da sua sociabilidade.

Na tentativa de apresentarmos, de forma sistemática, nosso processo investigativo, apresentamos um pequeno sumário dos capítulos:

²⁹ A primeira vista pode parecer estranho ir “buscar” as práticas populares de cura na literatura médica, em seus almanaques e livros consolidados de seus “saberes”. Entretanto, foi junto a esse material que conseguimos formular os caminhos de nossa pesquisa.

No primeiro capítulo, apresentaremos o autor Juvenal Galeno e seu livro *Medicina Caseira*, procurando analisar e refletir sobre a escola literária a qual pertencia (Romantismo) e sobre a inserção do povo em sua produção (folclorista), tentando refletir sobre a questão de “intelectual híbrido”, que buscou no povo o elemento constituidor de sua poesia, mas que escreveu seguindo os ditames de sua erudição.

A produção literária de Galeno se torna importante para nossa pesquisa por nos possibilitar “mapear” alguns “indícios” sobre a saúde (doenças, curas, teorias médicas, etc.) no Ceará durante a segunda metade do século XIX. O poeta além de escrever a partir de material coletado junto ao povo, também escrevia para ele, principalmente para os pobres que necessitavam de medicamentos baratos e próximos de sua realidade e prática cultural, visto que os remédios da botica eram caros, o que os tornavam inacessíveis à grande parte da população. Seu romantismo não era repleto de lirismo, mas de “vestígios” concretos de práticas culturais vivenciadas por uma sociedade localizada e datada.

Apesar de não ser médico e não seguir os ditames rígidos dos escritores românticos, Galeno formulou suas receitas em forma de poesias e procurou vulgarizá-las através da oralidade, no intuito de que seus versos ficassem na memória do povo cearense e pudessem posteriormente ser transmitidos de pessoa a pessoa.

A preocupação do poeta não era com as críticas que surgiriam a sua produção, composta pela inserção popular na sua poesia, mas com a utilidade prática de seu livro para o homem, sobretudo o desprovido de bens materiais. Assim, seu livro é um receituário de práticas medicinais populares, repleto de conselhos sobre saúde e higiene, sendo acessível a qualquer tempo e homem, quer do campo ou cidade.

Juvenal Galeno em *Medicina Caseira* fez mais do que um simples livro de receitas, transformou para a forma escrita práticas e costumes populares que faziam parte da realidade do Ceará durante a segunda metade do século XIX, e dentro desse registro, deixou indícios não somente da medicina popular mas também da científica, afinal, ele fora organizado em 1919, período em que os

saberes médicos já se encontravam mais estruturados e definidos quanto às suas práticas e rituais.

A propósito da temporalidade reconhecível no livro *Medicina Caseira*, Riedel aponta para a necessidade de irmos além das datas indicativas de produção dos poemas e observar as referências históricas neles contidas. Vejamos, por exemplo, esta observação do apresentador:

(...) as datas sotopostas a muitas quadras, mas especialmente as referências à pandemia de gripe (pp. 5, 39) e ao Kaiser Guilherme II (p. 139), não deixam sombra de dúvida que os compôs quando a Primeira Grande Guerra estava vivendo seus últimos dias. Nessa época o bloqueio da navegação mercante dos aliados, conseqüência da campanha submarina desencadeada em 1917 pelos alemães, não poderia deixar de repercutir desfavoravelmente em nosso País também. Ainda não eram, aqui, produzidos os medicamentos que a indústria farmacêutica européia estava então impossibilitada de nos remeter. Daí o imperativo da redescoberta e procura (na opulenta flora, principalmente) de drogas que, por suas propriedades terapêuticas, pudessem suprir a escassez aguda dos fármacos de além-mar.³⁰

Tal periodização nos leva a analisar o livro *Medicina Caseira*, ora como fonte, ora como objeto de análise, pois estudar os registros de um folclorista é muito mais do que “retirar” passagens para fazer citações, é refletir também sobre sua própria escrita que está inserida em uma época, sociedade e classe social. Assim, como Sidney Chalhoub³¹ aponta, é preciso ler *Helena* em suas duas historicidades: a da narrativa e a do autor. Entendemos que Galeno também deverá ser analisado sob essas duas perspectivas, pois, como *Helena*, que fora escrito em 1876 e evocava práticas sociais de 1850, *Medicina Caseira* também fora organizado em um período (1919) diferente ao do registro das práticas sociais contidas em sua escrita (1850-), o que diferencia tempo vivido, de tempo escrito.

A diferenciação do tempo vivido do tempo escrito se torna importante por ser o registro de uma pessoa (autor) que vivenciara a época narrada com suas

³⁰ RIEDEL, Oswaldo. Apresentação. In: GALENO, Juvenal. **Medicina Caseira**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1969. s/p.

³¹ CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis**: historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Sobre o tempo de escrita do autor e o tempo abordado por ele no livro *Helena* ver na página 19 uma breve análise.

contradições, conflitos, antagonismos e práticas sociais pertencentes a um povo e a uma sociedade. Logo, consideramos que a análise do livro *Medicina Caseira* contribuirá para problematizar a importância dos registros dos folcloristas³² como fonte para História Social, principalmente ao que se refere a estudos sobre os setores letrados da sociedade.

No segundo capítulo, tentaremos identificar as práticas populares de cura referenciadas por Juvenal Galeno em seu livro *Medicina Caseira*; tentando refletir como o homem cearense se relacionava com tais práticas e que elementos culturais possibilitavam sua realização frente ao significado simbólico atribuído às plantas de quintais.

Como o livro faz referência a 178 doenças e suas práticas, com o objetivo de recortarmos um pouco nosso campo de pesquisa, utilizamos os Relatórios de Presidente de Província para fazermos uma seleção sobre as doenças que trouxeram e tiveram mais relevância em termos de população e poder público. Nosso objetivo para este capítulo será refletir sobre a historicidade das práticas populares e como o povo fez uso delas, principalmente nas ocasiões de necessidades, onde o auxílio público muitas vezes ficava a desejar. Assim como Elda Rizzo de Oliveira, consideramos que “as medicinas populares devem ser entendidas como parte de um processo histórico vivo e atual”.³³ Para consolidarmos nossa pesquisa, fizemos uso da literatura médica (livros de farmacologia, doenças, etc.), de memorialistas, do *Dicionário Médico* do médico polonês Chernoviz e do *Erário Mineral* do médico Luiz Ferreira da Costa, que residiu e trabalhou em Minas Gerais durante o período colonial. Identificamos que alguns dos usos de plantas formuladas por Luiz Ferreira da Costa também foi registrado por Galeno, o que demonstra uma recorrência das práticas populares, embora o poeta não o mencione em nenhum momento.

Neste capítulo, procuramos também refletir sobre as condições sanitárias da cidade e higiênicas de seus habitantes. Nossa análise no tópico: *As Doenças no*

³² A perspectiva de folclore assumida nesse trabalho se dá no âmbito da reflexão de Thompson sobre a questão da cultura como experiência vivida. Sobre o assunto ver: THOMPSON, E. P. **As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

³³ Oliveira, Elda Rizzo. **O que é Medicina Popular**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985. Coleções Primeiros Passos. Nº 31. p. 16.

Ceará: salubridade, higiene e teorias epidêmicas versou sobre nossas inquietações de como estava sendo pensadas e tratadas as doenças durante a segunda metade do século XIX. Quais enfermidades se manifestaram? Como as autoridades médicas e governamentais percebiam, analisavam e combatiam as doenças?

A coleta e a sistematização das fontes para esse tópico nos possibilitaram compreender como estava a cidade e seus habitantes em termos de saúde e a pensar sobre a relação cidade limpa e urbanizada, somada a homem saudável, é igual a desenvolvimento e progresso. Idéia esta que se configurou no pensamento médico-higienista e adentrou o século XX, interferindo nos mais variados campos da esfera individual, coletiva e social.

E por último, no terceiro capítulo, tentaremos fazer uma reflexão sobre as várias formas de medicar que estavam acontecendo no Ceará durante a segunda metade do século XIX e início do século XX. Está dividido em dois subitens, nos quais procuraremos analisar como as práticas populares de cura se aproximaram e se distanciaram da medicina científica.

É esperado, muitas vezes, um conflito em termos populares e erudito no que concerne à prática popular de cura e à medicina científica. Entretanto, não negando a existência real do embate, procuraremos no sub item *A Medicina Caseira e a Ciência Médica: uma relação de aproximação*, refletir que, durante o século XIX no Ceará, não tínhamos, em nível local, uma referência de saber hegemônico, que pudesse se constituir como centro difusor de discursos e práticas, embora alguns médicos já chamassem a atenção para um maior controle do curandeirismo no Ceará, a partir da década de 70 do século XIX.

Ao pensarmos em *aproximação*, procuramos refletir sobre o que Guimarães³⁴ denomina de “circulação dos saberes”, ou seja, como a medicina popular e científica estava interagindo uma com a outra. Para a pesquisadora, essa dualidade entre as práticas de cura, tão freqüentes em nossa historiografia, delimita o campo de análise e formula conceitos anacrônicos relativos à medicina

³⁴ GUIMARÃES, Maria Regina Contrim. **Civilizando as Artes de Curar**: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado da Fiocruz, 2003.

científica no Império como o de *medicina rudimentar*, de um lado, referenciando as práticas populares, e o de *medicina pré-científica*, a pré-história de uma ciência que se evidenciaria no século XX. Logo tentamos pensar sobre as constantes interpenetrações das artes da cura.

No subitem *A Medicina Popular e a Ciência Médica: a construção de um distanciamento*, buscamos refletir como a ciência médica no Ceará, durante a segunda metade do século XIX, estava formulando e consolidando suas práticas que, no nosso entendimento, evidenciam-se e se consolidam apenas a partir da primeira década do século XX, com a criação da *Faculdade de Farmácia* e da revista *Ceará Médico*. Nosso objetivo é pensar como o próprio processo da construção de uma hegemonia por parte dos médicos se dá como embate, visto que, isso não acontece somente quando um dos grupos se impõe ao outro, mas na própria estruturação e organização de saber/fazer de cada um.

Assim, sob a luz dessa estrutura formulada em três capítulos é que procuramos introduzir nosso leitor no universo da doença e da cura. Aparentemente a teia de reflexões é extensa e possuidora, cada fio, de um caminho próprio e particular. Entretanto, enfatizamos que procuramos compreender as práticas populares não somente por elas mesmas, mas também a partir do que se configurava como científico, sob a ótica da ciência que considerava que tudo o que não era validado pelos pares (homens de ciência) era popular, delegando assim um papel menor e sem reconhecimento de sua eficácia.

A dialética será uma constante em nosso trabalho. Procuramos observar as práticas populares, pelo menos, por dois lados do caleidoscópio, possibilitando que as duas esferas de saberes (popular e científico) se relacionassem, identificassem e se excluíssem.



*JUVENAL GALENO E A MEDICINA CASEIRA:
POESIA E “MEDICINA”*

1.1. Romantismo e Povo na obra
de Juvenal Galeno

Êsses livros de JUVENAL GALENO guardam todo o seu tempo. Homens, mulheres, crianças, hábitos, amores, tristezas, alimentos, caminhos, desgraças, mistérios, amarguras, todos os personagens foram apanhados quando se moviam e a mão do gigante mágico esconde-os nos livros, para que vissem sempre.. Com êles trouxe um pedaço do céu e um pedaço do mar. (...)

(CASCUDO, Luiz da Câmara. JUVENAL GALENO. In: **Anais da Casa de Juvenal Galeno**. Tomo II)

O Romantismo, como perspectiva estética, tinha como um dos objetivos de suas preocupações as situações locais, particulares aos grupos sociais. Diferente dos iluministas, que apresentavam uma preocupação maior pelo homem universal, por uma literatura classicista, o Romantismo muito contribuiu para uma *visão positiva* da cultura popular. Ortiz considera que “é neste contexto que surge o debate sobre a cultura popular” quando “parte da intelligentzia alemã volta sua atenção para as tradições populares e através delas procura legitimar uma cultura

autenticamente nacional”.³⁵ E entre os estudiosos alemães que pensaram a formação de uma identidade nacional a partir do popular, identificamos Johann Gottfried Herder. Filósofo que viveu entre 1744-1803 e que muito influenciou o movimento romântico alemão, Herder procurou estabelecer uma relação entre natureza e homem, defendendo “uma cultura organicamente enraizada na topografia, nos costumes e nas comunidades de tradição nativa local”.³⁶

Essa literatura alemã não ficou restrita à Alemanha. Influenciou também a composição poética e romântica de Juvenal Galeno. Em seu livro *Lendas e Canções Populares*,³⁷ o autor deixa claro, no prólogo, a influência do filósofo alemão em ir ao povo buscar o elemento para a composição de sua poesia:

Acompanhei-o (povo) passo a passo no seu viver (...), ouvi, decorei os seus contos, suas queixas, suas lendas e profecias, aprendi seus usos, costumes e superstições (...), com ele sorri e depois, escrevi o que ele sentia, o que cantava, o que dizia, o que me inspirava.³⁸

Desde o século XVII, a produção literária procurava romper com os dogmas e com o modelo da poesia da antigüidade clássica. Se até o século XVI, havia o predomínio na poesia das sentenças de Boileau, na moral permaneciam os dogmas da Igreja romana, na política a presença das formulações absolutistas, na ciência e na filosofia o empirismo escolástico e nas artes plásticas o modelo e as preocupações do estilo greco-romano; o século XVII representava um período de inquietação e constatação, o que fez com que pensadores alemães, Wieland, Herder, Kant, Novalis, Klopstock, Schiller e Goethe, e ingleses, Locke, Shaftesbury, Hume, Adam Smith, Bentham, Gibbon, questionassem não só a

³⁵ ORTIZ, Renato. **Cultura Popular: Românticos e Folcloristas**. Texto 3. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 1985. Ortiz procura analisar a “abertura” que os românticos deram para os estudos das tradições populares, devido a publicação de lendas e contos populares. Publicação que teve como percursores os irmãos Grimm. Tais registros os diferenciam dos românticos e dos antiquários, surgindo assim nova forma de escrita e coleta de materiais, embora algumas vezes, ocorresse a correção de alguns erros gramaticais. p. 11.

³⁶ VER considerações sobre Herder em: SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 112-116.

³⁷ GALENO, Juvenal. **Lendas e Canções Populares**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1978. A primeira publicação deste livro foi em 1865, pela Tipografia João Evangelista e a segunda edição foi acrescida *Novas Lendas e Canções*, feita em Lisboa, Portugal, em 1892.

produção e estilo literário, mas também as formas de governo, a religião e a sociedade como um todo.³⁹ A razão e a análise crítica passavam a ser os novos cânones e modelos de investigação. Foi dentro dessa efervescência de idéias que o *folklore*, considerado como “campo de saber” do não saber, acolheu a cultura popular e, por isso, ganhou destaque como objeto de pesquisa e de investigação, pois permitiria encontrar os elementos fundadores da tradição ancestral e a constituição da comunidade nacional.

A Alemanha presenciou em meados do século XVIII uma retomada na mística da “rusticidade” e do “nativismo silvestre”, enfatizando a necessidade de se olhar o passado com simpatia e tentando encontrar nele expressões genuínas e as virtudes de seu povo. Tomando como material de pesquisa a cultura nativa, autêntica dos germanos, o folclore, as baladas, contos de fadas e a poesia popular ressaltavam a importância de se voltar à Idade Média ao invés de enaltecer a história greco-romana, como fizeram os filósofos do Iluminismo:

Enquanto estes (filósofos do iluminismo) a rejeitavam como um período de pura barbárie e superstição, a noite da alma clássica, Herder e seus seguidores a celebravam como a melhor de todas as épocas da Alemanha: sagrada, comunitária e heróica. Em sua imaginação, viam não só um mundo germânico, medieval povoado e alegres cantores de baladas, os *Minnesänger*, mas também uma paisagem natal ainda inata – percorrida por javalis e auroques, um grande reino selvagem rico em tesouros tanto para o senhor quanto para o camponês.⁴⁰

Durante o século XIX, o gosto pelo “popular” estava em grande efervescência intelectual, como tentativa de localização e identificação de um ser humano que representasse a nossa nacionalidade, que se mesclava com a natureza. Seria o homem da terra. E o culto à natureza, herança do romantismo europeu, configurou-se como a expressão do artista “(...) contra o caráter cada vez mais opressor da sociedade industrial-capitalista; uma fuga do ambiente sombrio dos grandes conglomerados urbanos de então, uma busca de solidão e

³⁸ Id. Ibidem. p. 30.

³⁹ CARVALHO, Ronald de. **Pequena História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro. F. Briguiet & Comp. 1919.

⁴⁰ SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. op. cit. p. 112.

reencontro consigo mesmo”.⁴¹ Essa valorização de elementos “simples” e “representativos” eram buscados também no folclore e na arte popular, expressões em que a “alma nacional” se conservaria intacta.

O Romantismo brasileiro, inicialmente, em sua generalidade, não dava conta da vida social, das afeições coletivas. Geralmente trazia como característica principal a subjetividade e os afetos pessoais. De certa forma, essa apreensão da realidade mudou de eixo com os *moços do Norte* que, segundo Silvio Romero,⁴² deram mais atenção aos costumes, situações, lendas e fatos populares. Essa geração produziu literatura de cunho social, fazendo com que houvesse uma preocupação de se expor os problemas e a vida social, ou seja, ocorreria a observação dos “problemas alheios”.

Essa preocupação com a realidade estava se configurando como uma constância entre os escritos românticos, o que fez com que a abordagem saísse do indianismo para a busca de outro tipo humano que representasse a afirmação nacional, o que fez com que o sertão, sobretudo, passasse a ser objeto de investigação:

A partir de 1850, sob maior inspiração das Ciências Naturais, são intensificadas as investigações e estudos sobre a fauna e a flora, sobre o solo, sobre a configuração geográfica do território, e, ainda, investigações sobre as raças, hábitos e costumes dos habitantes das cidades, campos e matas, tanto sob o viés literário, como, também, e principalmente, do ponto de vista ‘científico’, como pesquisa etnográfica e antropológica.⁴³

Podemos considerar os registros de Galeno como constituintes de uma literatura rica em experiências sociais em termos de Ceará, pois o poeta procurou registrar o modo de pensar e ser do povo, mantendo em seus registros sua forma de falar, suas lendas e crenças, buscando, assim como Herder, o *Espírito do*

⁴¹ ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro (1857-1945)**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980. p. 42.

⁴² ROMERO, Silvio. **História da Literatura Brasileira**. Tomo 3. 4ª edição. Livraria José Olympio Editora, 1949.

⁴³ BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão: um lugar-incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Fortaleza - CE: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000. p. 40.

Povo. O intelectual “desceu” até o povo: “Chorei a sorte do povo, que nas urnas, no cárcere, e por toda a parte sofria a escravidão. E vendo então que êle ignorava seus direitos, lhos expliquei”.⁴⁴

Foi com o povo e juntamente com o povo que sua poesia nasceu. Assim, respondeu quando da homenagem de sua entrada como “Padeiro-mor Honorário” na Padaria Espiritual:⁴⁵

São do povo ensinamentos
Nas cantigas do seu lar,
Que aprendi, desde menino,
Em busca do meu destino,
Principiando a trovar,
Que me serviram de abrigo
Das procerlas no perigo,
Farol nas ondas do mar!
Das saudades na estação,
Inda me anima e consola
Boa cantiga, à viola,
Daqueles tempos ... Então,
Fugindo à pátria cidade,
Procurei a soledade
Na praia, serra e sertão ...
E, da natureza no meio,
Cantei, ao som do baião,
Prazeres, melancolias,
Nossas noites, nossos dias,
Sendo mestre – o coração!

O poeta procurou registrar os costumes de sua época, os versos populares, que traziam em si as aspirações, desejos e anseios populares. Vaqueiros, boiadas, festas sertanejas, lavadeiras, eleições, escravos, jangadeiros, pescadores, homens, mulheres, crianças, descrições de casas e roçados, recrutamento, a situação da pobreza diante da carestia, a alimentação, seca, emigrantes, dentre outros, representam o elemento constituidor da sua poesia: as pulsações do povo.

A constituição de um elemento representativo é notória na poesia de Juvenal Galeno, ao tentar estabelecer uma construção de tipo humano a partir de

⁴⁴ GALENO, Juvenal. **Lendas e Canções Populares**. op. cit. p. 41.

um recorte reduzido de uma fronteira geo-cultural do Ceará. O poeta buscou nas matrizes culturais o espírito popular. Tal suposição fica evidente na narrativa de seu livro *Lendas e Canções Populares*, ao organizar como os primeiros poemas os três tipos humanos que se configurariam como a “alma do povo”: o agricultor, o vaqueiro e o velho jangadeiro. Três personagens que se apresentam como tipos “simbólicos” do Ceará.

Em *Medicina Caseira* Oswaldo Riedel⁴⁶ o classificou como defensor do “nacionalismo sincero” por ser contra tudo que vinha do estrangeiro e de “regionalista intransigente” por compreender essa nacionalidade como resultado de uma diversidade que respeitasse as práticas culturais.

Nos registros de Juvenal Galeno há um constante recuo ao natural e ao singelo, como elementos constituidores de suas poesias. Se antes se pensava em uma representatividade a partir do índio, com o aumento dos estudos etnográficos e antropológicos que pretendiam reunir elementos que possibilitassem uma “apresentação real” do brasileiro, podemos considerar que com José de Alencar essa representação deveria ser pensada através da miscigenação.

É importante destacar que, embora pouco conhecido e comentado, Juvenal Galeno publicou em 1861 o livro *Porangaba*,⁴⁷ poema indianista, em sua primeira versão. A história em forma de poemas também relatou o relacionamento entre a índia Porangaba e um português, ao mesmo tempo em que descreveu alguns costumes dos Tabajaras e enaltece a natureza:

⁴⁵ MOTA, Leonardo. **Padaria Espiritual**. 2ª Edição. Fortaleza UFC/Casa de José de Alencar, 1994. Coleção Alagadiço Novo, nº 50. p. 100.

⁴⁶ RIEDEL, Oswaldo. Apresentação. In: GALENO, Juvenal. **Medicina Caseira**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1969.

⁴⁷ “Porangaba, poemeto em quinze cantos, no gênero indianista, impresso na tipografia Cearense, ainda em 1861, nada mais é do que uma lenda ouvida por Juvenal da boca de um caboclo: aparece certo dia numa aldeia tabajara um português. Recebido com hospitalidade, o pai de Porangaba, formosa índia, a oferece ao hóspede que com ela passa a noite. Três anos depois, Pirauá, como recompensa por suas proezas em combate, recebe por esposa a linda Porangaba, agora triste e distante. Uma noite, o guerreiro, ao voltar da caça, não encontra sua amada. Mas a surpreende aos braços do português, numa lagoa próxima. Alucinado, Pirauá se vingando matando o seu rival. E como o adultério era punido com a pena de morte, o corpo de Porangaba é crivado de flexas. E à lagoa e à localidade ligou-se o nome da infeliz Tabajara, como que perpetuando o cenário de amor e de ódio...” In: BÓIA, Wilson. **Ao Redor de Juvenal Galeno**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará: 1966. p. 16 (nota de número 08).

A tarde era vinda, pra o rubro ocidente
O sol descambava com o frouxo clarão,
As folhas dourando nas matas frondosas,
E os mares e os rios do grande sertão.
A briza das praias passava gemendo
Nas ervas, nos bosques, nas alvas areias,
E o grande oceano pausado bramia,
E a linfa chorando saltava das veias.

(...)

Que vaga tristeza por toda a natura,
Que doce harmonia nos campos então!
Os bardos alados soltavam seus hinos,
E ao longe a tapuia saudosa canção.

Nos galhos, nos ramos de verdes arbustos
Cantavam graúnas num coro entoado,
Alegres jandaias, vem-vens, papagaios,
Em bandos passavam – voavam no Prado.

(...)

Juvenal Galeno, no mesmo ano da publicação de *Iracema*, já havia percorrido sertões e praias cearenses reunindo informações, lendas, experiências de vida e relações humanas, publicado-as em 1865 no livro *Lendas e Canções Populares*.

O livro *Lendas e Canções Populares* se diferenciou da produção de outros intelectuais românticos porque buscava em seus poemas uma forma “singela da vida”, com sua “pureza” e “originalidade”, criando uma nova expressão “mítico-heróica”: o sertanejo. O que se evidencia com a criação de um “tipo” humano vinculado às matrizes culturais. Se até a publicação de *Lendas e Canções Populares* essas matrizes étnicas eram apresentadas de forma separada, percebemos com a publicação do poema *O Cearense*, em 1905, a constituição do homem representativo: o cearense. Para tanto, Galeno foi buscar também na miscigenação das raças os elementos constituidores desse homem:

(...)

Minha terra era habitada
Pelo Tapuia inocente
Quando veio estranha gente

Da outra banda do mar

(...)

houve lutas porfiadas!
Mas, vencendo o Lusitano
Mandou ao povo Gitano
Qu'infestava o seu País,
Povoar sua conquista,
Cruzando com indianos,
E com pretos africanos
A quem dobrara a cerviz.

E nasceu o Cearense!
D'este mixto, ou cruzamento,
E' o resultado, - o rebento
Florescente, belo e forte!
De sua velha ascendência,
Herdeiro do predicado
Tornou-se assaz estimado
Na pátria de sul a norte

(...)

Na “produção de Galeno, também há valorização da “rusticidade” e a maneira “simples de viver”, o que de certa forma romantizava a pobreza e apresenta certa resignação diante da mesma, justificando-a como “felicidade” diante da simplicidade, embora reconheçamos que no poema *O Pobre Feliz*,⁴⁸ há a constante narrativa da “lida” de uma pessoa que vive do trabalho do campo (seus instrumentos e forma de trabalho, relacionamento com a família, alimentação e descrição da casa):

Sou pobre, mas sou ditoso,
De ninguém invejo o fado.
Me falta, sim, o dinheiro,
Mas, de minha Rosa ao lado,
Não me falta amor constante,
Sossêgo, mimoso agrado.

(...)

Findo o almôço começam

⁴⁸ GALENO, Juvenal. *O Pobre Feliz*. In: _____. **Lendas e Canções Populares**. op. cit. p. 43-47.

Nossas lides – ao roçado
De foice ao ombro, ou enxada,
Marcho a cantar entoado;
Cá, nos arranjos caseiros,
Deixo Rosa sem cuidado.

Entretanto, há a constante poesia carregada de saudosismo e lembranças do campo, como verificamos no poema *Saudades do Sertão*.⁴⁹

(...)

Quem me dera neste instante
Voar nas asas do vento...
Aquêles campos formosos!
Onde está meu pensamento!
Onde o mimoso, o panasco,
Crescem debaixo do casco
Da rês que foge ao carrasco,
Da que procura alimento
 Ai, que saudades dos campos
Onde está meu pensamento!

(...)

E concluiu demonstrando certa aspereza pela vida na cidade, lugar em que as mudanças no campo social, das relações humanas e econômicas se apresentavam de forma acentuada no século XIX, devido ao crescimento dos centros urbanos:

(...)

Té que o sono se intromete
Para acabar o sertão...
Aí, que vida de inocência.
A vida do meu sertão!
Quem lá deseja a cidade?...
Entre o amor, entre a amizade,
Ali tudo é f'licidade...
Purezas do coração!
 Ai, que saudades eu sinto

⁴⁹ GALENO, Juvenal. Saudades do Sertão. In: _____. **Lendas e Canções Populares**. op. cit. p. 348-353.

Da vida do meu sertão!

O material produzido por Galeno nos possibilita momentos de reflexão sobre as experiências do campo em termos social, uma vez que o autor não se constituiu como intelectual de gabinete, mas como um etnólogo que buscou *in locus* o seu processo investigativo e produzindo ele mesmo poemas na forma das coisas que ele pesquisou.

O livro *Medicina Caseira* (que será analisado posteriormente) torna-se fonte de investigação por nos trazer elementos de aspectos sociais referentes à saúde e doença no Ceará durante o século XIX. No seu registro, além da referência de algumas doenças reinantes naquele período, existem também em seus poemas menções sobre teorias médicas, preceitos higiênicos, bem como breves explicações sobre a situação econômica da população cearense.

Segundo Oswaldo Riedel o caráter coletivo do registro do livro *Medicina Caseira* é expresso na referência *o povo* como fonte de informação, o que nos leva a pensar as práticas escritas nos poemas como práticas culturais de tradição popular:

O poeta foi colhê-las na fonte, em contato diuturno com o povo. Ora um pajé lhe ensinou determinado mezinha (p. 47); ora alvitrou-lhe o uso doutra, sua lavadeira (p.72). Lembra que a <<comadre>>, isto é, a parteira, chama dores-demadre à metralgia (p.56). Mas o maior número de citações é impessoal, coletivo: *o povo* deu o nome ao <<retirante>> (p. 46); <<ligeira>> é o apelido com que crismou o *povo* certa enteropatia (p. 71); (...). O povo do Ceará, é claro, de cujo convívio êle privou: o jangadeiro da praia, o vaqueiro do sertão, o apanhador-de-café serrano.⁵⁰

No entanto, se teve *o povo* como sua fonte principal, não se furtou a explorar outras referencias que se utilizou na construção das quadras apresentadas no livro. Mais uma vez recorremos ao seu apresentador, Oswaldo Riedel, que enfatizou essa prática de Galeno na seguinte passagem:

Apesar de ter ao famoso livro de Chernoviz grande aprêço – por três vêzes (pp. 40, 43, 70) fez-lhe referência nominal – não se limitou o vate a essa <<fonte perene do saber>> (p. 40). Recorria freqüentemente a artigos publicados em jornais da província e, às vêzes, da Côrte. São inequívocas neste particular, suas alusões a <<gazetas>> que elogiavam ou preconizavam sem ambages determinada meizinha (p. 24), e a <<jornais desta Nação>> que publicavam notas sôbre remédios caseiros (p. 78). Na segunda metade do século passado era hábito médicos (sic) de nomeada – anônimamente ou não – ou o próprio jornalista divulgarem a título filantrópico, nos periódicos, suas experiências ou as de outrem com, tal ou qual meizinha. O poeta recortava muitos dêsses artigos e os colocava num caderno-índice.⁵¹

Robert Darton⁵² ressaltou a importância de se estudar as lendas e contos populares, tecendo uma diferenciação entre “historiador das idéias” e “historiador etnográfico”. Enquanto aquele se filiava ao pensamento formal, este buscava uma compreensão de como as pessoas comuns percebiam e criavam estratégias de vida. O estudo dos costumes populares pode nos possibilitar reflexões sobre momentos diferenciados de visões de mundo. Darton ressaltou a importância do material produzido pelos folcloristas franceses ao argumentar que essa produção é “(...) uma rara oportunidade de se tomar contato com as massas analfabetas que desapareceram no passado, sem deixar vestígios”.⁵³

As obras dos folcloristas estão repletas de cenas do cotidiano, dos costumes. Cascudo⁵⁴ define folclore “como a cultura do popular, tornada normativamente pela tradição”. Os estudos sobre os costumes populares pelos folcloristas passavam pelo conceito de tradição, de preservação das práticas mais simples e rudimentares de um povo, de elementos *originais* que tendiam a se perder pelo dinamismo social, pela evolução social; do confronto entre *barbárie e civilização*. Definição questionada, uma vez que Cascudo considera que o conteúdo do folclore ultrapassa essa definição de tradição como ponte entre o passado e presente; “Qualquer objeto que projete interesse humano, além da

⁵⁰ RIEDEL, Oswaldo. Apresentação. In: GALENO, Juvenal. **Medicina Caseira**. op.cit. s/p.

⁵¹ Id. Ibidem.

⁵² DARTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos, e Outros Episódios da História Cultural Francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

⁵³ Id. Ibidem, p. 32.

⁵⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro (A-I)**. 2ª edição. Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultura: Rio de Janeiro, 1962. p. 319.

sua finalidade imediata, material e lógica, é folclórico (...). Não apenas contos e cantos, mas a maquinaria faz nascer hábitos, costumes, gestos, superstições, alimentação (...) assimilados nos grupos sociais particulares. Onde estiver um Homem aí viverá uma fonte de criação e divulgação folclórica. O folclore estuda a solução popular na vida em sociedade”.⁵⁵ Foi somente na segunda metade do século XIX que os estudiosos da cultura popular foram considerados folcloristas.

Durante o século XIX e início do XX, existiram tanto na Europa quanto no Brasil a intenção de se fundar associações de estudos sobre folclore, buscando, em determinados momentos, definir uma metodologia de coleta que desse a garantia da autenticidade dos dados recolhidos e indicasse as suas variações no tempo e lugar. O que se apresentava unânime entre todos os membros era como se daria a coleta de material, que deveria ser recolhida diretamente da “bôca do povo”. “Neste sentido os livros são impessoais, e indicam detalhadamente o local onde cada estória foi coletada; esta metodologia de trabalho abre a possibilidade de se realizar um estudo científico das tradições populares”.⁵⁶ Para tal finalidade, os ingleses fundaram, em 1878, a *Folklore Society* que tinha como princípio transformar a disciplina em ciência, sua principal função era a preservação e publicação das tradições populares, através de palestras, congressos (...). A revista *Folklore Record* intensificou o debate na tentativa de transformar o Folclore em ciência, mas sua argumentação tinha como base a “selvageria” da cultura popular. Conhece-la e estudá-la fazia-se necessário para compreender o homem *selvagem moderno*. Ortiz nos chama também a atenção para o livro de Tylor, *Primitive Culture*, publicado em 1871. O livro procura desenvolver estudos sobre a tentativa de construir uma nova ciência – Folclore.

Nos estudos sobre cultura popular, Tylor desenvolve seu olhar para os costumes comuns entre *homens primitivos* e *homens modernos*; seriam costumes que sobreviveram as transformações sociais. Nesse ponto encontram-se algumas semelhanças entre os Antiquários, Românticos e Folcloristas: a volta ao passado na tentativa de aprendê-lo como tradição. Assim, o folclore se configurou sob a égide do pensamento gerado pelas Ciências Sociais a partir da metade do século

⁵⁵ Id. Ibidem. p. 319.

XIX. A nova ciência constituiu-se sob a noção de civilização, e trazia a dualidade moderno x antigo, erudito x popular. O povo era visto como depositário de uma tradição, costumes, que estava em vias de se extinguir. Para a definição de *tradição* é importante considerar as proposições feitas por Hobsbawn,⁵⁷ quando observa a necessidade que algumas sociedades apresentam em *inventar tradições*, fazendo com que rituais e costumes antigos fossem ritualizados para servir a algum propósito nacional, como foi o caso do folclore, em alguns países, que se apresentou como forma de legitimar a identidade de um povo.

A forma e metodologia realizadas por Galeno, enquanto folclorista, fazem com que seus livros sejam de relevante valor documental, suas poesias deixavam de lado o lirismo para tratar a vida humilde, da cotidianidade, das lendas e das superstições. Suas poesias são repletas de descrições que vão desde casas a modos de vida como, por exemplo, o agricultor, o vaqueiro, dentre outros, que nos possibilitam refletir sobre o homem, sobretudo o sertanejo, por volta da segunda metade do século XIX e alguns de seus problemas sociais (em várias de suas poesias fala sobre abolição, voto, carestia, governo, etc.). Procurou registrar as formas de falar de procedência indígena, africanas e arcaísmos populares, o que o distanciava da poesia acadêmica. São poesias que nos possibilitam fazer reflexões sobre os sertanejos e suas experiências de vida, uma vez que se apresentam repletas da psicologia popular, trazendo os sentimentos do povo e seus costumes “rústicos” do homem da praia, da montanha e do sertão.

⁵⁶ ORTIZ, Renato. **Cultura Popular: Românticos e Folcloristas**. op. cit. p.12.

⁵⁷ HOBBSAWN, Eric e TERENCE, R. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

1.1.1. Juvenal Galeno: o erudito e o popular na sua poesia

Sei que mal recebido serei nos salões aristocratas e entre os críticos que, estudando nos livros do estrangeiro o nosso povo, desconhecem-no a tal ponto de escreverem que o Brasil não tem poesia popular!

(GALENO, Juvenal. **Lendas e Canções Populares.**)

Os intelectuais do século XIX estabeleceram um debate à procura de um objeto que representasse a produção literária no Ceará. Com o objetivo de localizar uma obra que representasse essa produção literária, os mesmos se debruçaram sobre os mais variados campos de análise, indo da composição estética ao valor social da obra.

Para Dolor Barreira em *História da Literatura Cearense*⁵⁸ é importante considerar a produção dos Oiteiros, que deram início as suas manifestações literárias por volta de 1813 ou 1814 sob orientação do Governador Sampaio. As poesias desses intelectuais, como Castro e Silva, Costa Barros e Pacheco Espumosa versavam sobre os heróis e governantes, seguindo alguns postulados de teóricos neoclássicos portugueses, representavam as primeiras manifestações literárias no Ceará. O fim desse neoclassicismo, segundo Dolor Barreira, se deu com o aparecimento dos *Prelúdios Poéticos* de Juvenal Galeno em 1856, o que não nega ter existido uma produção literária anterior, como assinalam alguns estudiosos sobre a literatura cearense. O que houve foi uma mudança na forma de produção, saindo o heroísmo e entrando o povo. Logo, os Oiteiros merecem ser configurados na história literária, pois

⁵⁸ BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense.** Tomo I. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1948.

(...) se às *odes* que os seus participantes escreviam e recitavam faltavam 'a elevação das ideias, a ousadia das metáforas, o brilho das imagens, a riqueza e variedade dos ritmos, a harmonia e majestade do estilo', característicos dos grandes espécimes do género, bem é de ver, todavia, que não deixavam elas de impor-se à consideração do historiador literário, como rudimentares amostras de uma literatura incipiente, a ensaiar-se, tateante, nos seus primeiros passos.⁵⁹

Para Antônio Sales em *História da Literatura Cearense*⁶⁰ o ponto alto da literatura cearense deveria ser fixado no ano de 1856, com a publicação, no Rio de Janeiro, por Juvenal Galeno, de *Prelúdios Poéticos*, seu livro de estréia, mas que não teve grande repercussão no universo letrado. Algumas das poesias que compuseram este livro haviam sido publicadas no jornal *Marmota Fluminense*. Para Tristão de Ataíde nos *Estudos* (2ª série),⁶¹ a atividade literária só havia começado com a vinda de Gonçalves Dias a Fortaleza no ano de 1859, com a Comissão Científica, que impulsionou pesquisas de viés mais local, interferindo diretamente nos escritos de Juvenal Galeno:

Começou (a atividade literária no Ceará), pôde-se dizer, com a chegada de Gonçalves Dias a fortaleza em 1859. Três anos antes, regressára do Rio de Janeiro Juvenal Galeno, um poeta muito moço e desconhecido, que na Corte publicára, como todo bom estreante, um livrinho de versos: "Prelúdios poéticos". O estreante de 20 anos procurou naturalmente o grande cantar das selvas e dos índios. E este aconselhou ao poeta imberbe que se deixasse (sic) de versos academicos e que procurasse no povo e na terra a materia poética dos seus versos.⁶²

Os estudos e pesquisas realizados pela Comissão Científica possibilitaram através das exposições das informações e objetos coletados uma apresentação diversa de muitos produtos locais e populares, o que enalteceu a valorização das coisas regionais pelos intelectuais românticos, pois através delas

⁵⁹ Id. Ibidem. p. 71.

⁶⁰ SALES, Antônio. *História da Literatura Cearense*. in: GIRÃO, Raimundo e MARTINS FILHO, Antônio. **O Ceará**. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1966. (1ª edição 1939). p. 257-266.

⁶¹ ATHAYDE, Tristão de. **Estudos (2ª série)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934. (1ª edição em 1928).

Os visitantes puderam ver objetos da indústria, como a coleção dos utensílios de mesa dos Inhamuns, ‘trabalhos dignos de figurar ao lado dos da Floresta Negra ou de Nuremberg’; os cachimbos de barro preto, cujos ornatos ‘fazem lembrar a arte indostâmica’: facas ‘que recordam a idade média’; as rendas de bilro e labirintos – obras refinadas que talvez parecessem deslocadas e supérfluas diante das imagens construídas sobre um sertão rude e tosco, chamando a atenção do visitante em busca do insólito e do exótico.⁶³

Entretanto, Sânzio de Azevedo apresentou um posicionamento diferente diante do livro *Prelúdios Poético*. Para ele, o livro possuía a presença marcante do Romantismo, que se apresentava tanto no estilo da composição das poesias (subjetivismo, tristeza, comparação, adjetivação e linguagem), como pelas referências das epígrafes de Victor Hugo, Alfred de Musset, Lamartine, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Gonçalves de Magalhães. Logo,

(...) Não merecem os Prelúdios Poéticos o descaso a que têm sido relegados: esse livro representa, a nosso ver, o marco inaugural, não da literatura cearense (pois seguimos a opinião de Dolor Barreira, ao considerar como tal as produções dos poetas dos Oiteiros, do tempo do Governador Sampaio), mas do romantismo no Ceará, o que não nos parece pouco.⁶⁴

Azevedo partia do pressuposto que não era apenas o valor estético que deveria ser levado em consideração para se reconhecer o valor de uma obra, mas “ter segura importância documental”. Para ele, Juvenal Galeno foi o “criador de uma arte erudita, mas de raízes puramente populares”.⁶⁵

Dentro desse campo intelectual de disputa, a produção de Juvenal Galeno rendeu várias críticas e elogios. Alguns autores estabeleceram grande significado a sua produção mediante seu caráter “próprio” e ‘inovador” de escrita, para outros, a ausência de um valor estético propriamente dito fazia com que seus livros não merecessem grande destaque como referência de produção literária.

⁶² Id. *Ibidem*. p. 100.

⁶³ ALEGRE, Sílvia Porto. **Comissão das Borboletas**: a ciência do império entre o Ceará e a Corte (1856-1867). Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da cultura do Estado do Ceará, 2003. p. 47.

⁶⁴ AZEVEDO, Sânzio de. **Aspectos da Literatura Cearense**. Fortaleza, edições UFC / Academia Cearense de Letras, 1982. p. 225

Câmara Cascudo, em conferência na Casa de Juvenal Galeno, tornou explícita sua idéia sobre a existência de duas literaturas paralelas, sendo uma popular e outra erudita:

As duas literaturas, velhas ambas, co-existem e correm paralelas, fingindo ignorar-se. Contos, estórias, adivinhações, frases feitas, ditados, não têm lugar nas Histórias da Literatura. O homem do povo, em resposta, não sabe o que a História da Literatura verdadeiramente ensina, com sua ciência unipede e sua visão monocular.⁶⁶

Diante da dicotomia entre literatura popular e erudita, cabe-nos indagar a que filiação pertence a escrita de Juvenal Galeno e o que a diferencia da produção de outros românticos?

Tomando a definição de poesia popular como “um processo incessante de vulgarização do esforço pessoal de um anônimo”,⁶⁷ podemos considerar Juvenal Galeno como um poeta popular e social. Com uma poesia simples e espontânea, o poeta soube transpor para a língua culta a linguagem rústica do povo, que se evidenciou no livro *Lendas e Canções Populares*.

À época de sua publicação, 1865, várias foram as reportagens que discorreram sobre a produção do livro. Algumas vezes elogiando, como se verificou na coluna *Noticiário* do jornal *O Cearense*, que registrou um comentário do *Diário de Pernambuco*.⁶⁸

Não há ainda muito tempo que na provincia do Ceará veio á publicidade um volume de poesias devidas á inspiração do Sr. Juvenal Galeno: era a estréa do poeta popular que se revelava, annunciando-se com sufficiencia para producções de maior folego. (...). As *Lendas e Canções Populares*, contém poesias pela forma e pela substância, e o seu caráter distincto é a originalidade, que a especialisa, principalmente n’esta como evocação do tumulto do abandono de typos populares, que devem ser conservados em suas funções (...). além de poesias que são características do fim immediato do poeta, outras muitas adornam as

⁶⁵ AZEVEDO, Sânzio de. **A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará**. Fortaleza: Casa José de Alencar/Programa Editorial, 1996. Coleção Alagadiço Novo, 74. p. 237.

⁶⁶ CASCUDO, Luiz da Câmara. JUVENAL GALENO. In: **Anais da Casa de Juvenal Galeno**. Tomo II. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1958. p. 154.

⁶⁷ Id. *Ibidem*. p. 152.

⁶⁸ Jornal **O Cearense** do dia 15 de outubro de 1866, nº 1929. Nesse ano, várias foram as reportagens de jornais de outras províncias que elogiaram a produção de Juvenal Galeno. Algumas delas como do jornal “Tempo” da Parayba (1866); jornal da “Bahia” (1886) e “Correio Mercantil” (1866) foram transcrita para o *Cearense*.

paginas do seu livro, nas quaes a inspiração lyrica retrata-se, e a alma transpira da vida do sentimento, de que são ellas impregnadas. (...)

Outras apresentando alguns defeitos de sua escrita, o que evidencia o diferencial de sua obra de outras com características propriamente românticas, repletas de idílio e lirismo. As poesias de Juvenal Galeno não apresentam apenas tipos ideais de pureza, bondade e contemplação, mas o vivido e o pensado.

A notícia abaixo também reconheceu a importância da escrita de Juvenal Galeno e sua inserção do “popular”, mas teceu comentários sobre a produção e a função de um poeta, que deveria ser o de contemplador e acalentador para com seus leitores:

Se, porém, essas e outras são as bellezas do livro do Sr. Juvenal Galeno, alguns defeitos notamo-lhe, e tanto mais graves, quanto não dizem respeito absolutamente de pertinaz resistencia. O poeta tem obrigação de crer que o mal será illimitado da criação, e sempre enxergar o bello e o justo como o termo de todas as cousas (...). eu penso que o poeta tem obrigação de izolar-se das paixões e interesses vulgares, afim de attingir um fim moral. A verdadeira poesia tem o dever de conduzir as almas á presença do bello phisico e moral, levantando-se com bons pensamentos e proficuas aspirações!. (...). Já que se não pode mentir, dizendo o bem, para que não suavisar o mal, lamentando-o com piedade!⁶⁹

Podemos perceber na reportagem uma crítica implícita à composição de Galeno no que se refere a registrar a realidade vivida e presenciada por ele e sua tentativa de deixar em seus escritos “experiências sociais”, como se torna evidente no poema *A Sêca do Ceará*,⁷⁰ escrito em 1878, no qual conta a situação do sertanejo em períodos de estiagens:

(...)

A lavoura desaparece,
Como foge a criação;
Já o abastado empobrece,
O pobre suplica o pão;

⁶⁹ Jornal **O Cearense**. 18 de abril de 1866. Nº 5065. p. 01.

⁷⁰ GALENO, Juvenal. *A Sêca do Ceará*. In: _____. **Lendas e Canções Populares**. op. cit. p. 494-498.

E todos nivela a sorte...
Vem a peste, surge a morte,
Ninguém se julga mais forte ...
É tudo – consternação!

Meu Deus! ... que cenas d'hamor!
Misericórdia, ó Senhor!

Os sertanejos descendo
Em bandos ao litoral ...
Sem mantimentos ... comendo,
Bravia raiz letal ...
Ai, choram ... São retirantes ...
Androjosos, mendigantes ...
Perdendo o sôpro vital!

(...)

Essa realidade também foi registrada por outros intelectuais, como, por exemplo, Rodolpho Theóphilo em seu livro *A Fome*, publicado pela primeira vez em 1890:

Era a emigração a última desgraça reservada ao cearense; e a emigração forçada, porque não queriam sair e o governo da província a isso os obrigava, diminuindo todos os dias os socorros. Seis vezes por mês, tocavam os paquetes do norte e sul na Fortaleza e todos levavam emigrantes!⁷¹

Segundo Theóphilo, em seu livro *Variola e Vacinação no Ceará*,⁷² “a população de Fortaleza podia-se calcular em 130 mil pessoas, das quaes 110 mil eram retirantes, que, acossados pela secca, para escapar á fome, haviam-se refugiado na capital da Provincia”, em 1878. O êxodo do sertão para o litoral era intenso, o que de certa forma possibilitava a circulação de “saberes e práticas populares”, através do sertanejo,⁷³ nos mais variados lugares.

⁷¹THEÓPHILO, Rodolpho. **A Fome**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. (coleções clássicos cearenses). p. 205.

⁷²_____. **Variola e Vacinação no Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. p. 06.

⁷³ Trabalhar com os conceitos de *sertão* e *sertanejo* requer uma atenção especial. Várias são as definições que os termos acarretam, indo da dimensão geográfica espacial às relações humanas de sociabilidade. É de consenso que se torna difícil, na atualidade, distinguir o que seja unicamente rural e urbano. Sobretudo, quando se passa por constantes processos migratórios em

A população de retirantes chegando a Fortaleza não encontrava o apoio e socorro esperados por parte do governo, ficava pelas ruas e praças da cidade, a esmolar e sobreviver da caridade de outras pessoas:

Esta infeliz gente arranchaou-se nos suburbios da cidade a sombra das poucas arvores, que a secca não havia despido. Outros, entretanto, para evitar o caminho ao centro da capital, onde iam esmolar o pão de cada dia, armavam as rêdes a sombra das frondosas mongubeiras de todas as praças da cidade. (...)

Rara era a arvore que não tinha em seus galhos mais de dez ou doze tipoias armadas, qual mais nojenta, e dentro dellas creanças ou adultos escaveirados, magros como mumias.

Ali mesmo faziam a cosinha, que contava de uma panella, que ia ao fogo sómente uma vez ao dia e isso graças a caridade dos particulares.⁷⁴

Por essa situação de descaso e auxílio por parte do poder público, de vidas entregues à pobreza, fome, miséria e doenças é que Galeno os define como *androsos*, *mendigantes*. Pessoas que viviam a circular pelas vias públicas da cidade sem destino certo.

No poema *O Recruta*, ao poetizar as formas e maneiras do recrutamento, narra a história de uma mãe que ficou desamparada após a prisão de seu filho, que fora levado sem piedade. Observamos a violência do governo para efetivar o recrutamento e todo o sentimento psicológico da história, pois Galeno não relata, em muitos de seus poemas, sua percepção enquanto observador, ele procura atribuir a outro, ao “sujeito real” a elaboração da fala. A história é narrada em primeira pessoa, o que dá ênfase aos sentimentos. Outro dado importante sobre a propriedade do texto escrito do poeta é a constante presença de resíduos vocálicos e pensamentos do povo, o que Paul Zumthor⁷⁵ chama de *índices de*

que os hábitos e costumes adentram os espaços e as relações humanas. Por isso, não trataremos o sertanejo como representante do “ mito de origem”, do brasileiro original. Para nossa pesquisa, ele se configurará como o homem do campo que mantém relação direta com as práticas urbanas, e que conserva algumas tradições e costumes antigos, no nosso caso em análise, as práticas baseadas na medicina caseira.

⁷⁴ THEÓPHILO, Rodolpho. **Varíola e Vacinação no Ceará**. op. cit. p. 52. Rodolpho Theóphilo fala sobre a emigração da seca de 1900.

⁷⁵ ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz: A “literatura” medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. “Por ‘índice de oralidade’ entendo tudo o que, no interior de um texto, informa-nos sobre a intervenção da voz humana em sua *publicação* – quer dizer, na mutação pela qual o texto passou,

oralidade. Tal suposição torna-se evidente ao compararmos a produção, o período do registro da poesia, à vida política de Galeno. Embora *o Recruta* não tenha sido datado como *A Esmola* (1859), é possível que Juvenal Galeno tenha vivenciado diretamente essa narrativa, uma vez que em 1859 exercia a função de alferes da Guarda Nacional e em 1865, durante a Guerra do Paraguai fora designado membro da comissão para o Alistamento de Voluntários da Pátria na vila de Maranguape. Funções efetuadas que o habilitavam a falar com propriedade sobre os acontecimentos, como é perceptível no poema abaixo (*O Recruta*⁷⁶):

(...)

Em minha choça fui prêso
Por um poder violento,
E minha mãe sem alento
Lá ficou – fora de si!
Lá deixei ao desamparo,
Tudo que pra mim é coro ...
Lá ficou pobreza e fome,
Eu a morte trouxe em mi!

E ora como um escravo,
Em breve jurar bandeira,
Longe da várzea fagueira
De meu formoso sertão;
Ai, dessa terra querida,
Onde deixei alma e vida,
Só trazendo o desespero
No fundo do coração! ...

(...)

Narrativa também presente no poema *A Esmola*,⁷⁷ que conta a história de um *pobre velho* e a sua situação de mendicância após o recrutamento involuntário de seu único filho, ressaltando mais uma vez o sofrimento do povo diante dos mandos do governo:

(...)

uma ou mais vezes, de um estado virtual à atualidade e existiu na atenção e na memória de certo número de indivíduos” .p. 35.

⁷⁶ GALENO, Juvenal. *O Recruta*. In: _____. **Lendas e Canções Populares**. op. cit. p. 200-205.

⁷⁷ GALENO, Juvenal. *A Esmola*. In: _____. Id. *Ibidem*. p. 67-69.

Mas, um dia ... oh! que não posso
Sem muito pranto dizer!
Mas, um dia .. o delegado
Meu filho mandou prender!
Sem pena do meu sofrer!
 Ai, prendeu-o para recruta
 Sem pena do meu sofrer!

Lancei-me a seus pés gemendo,
Clamando com dissabor:
 - Oh! soltai-o ... é arrimo
Do pobre velho, Senhor! ...
 Maltratou-me o delegado
 Com semelhante aterrorador
E fiquei ao desamparo,
Doente, quase a morrer,
Sem fôrças para segui-lo,
Sem ninguém pra me valer!
 E fiquei morrendo à fome,
 Chorando, sempre a gemer

O poeta era conhecedor dos cânones classicistas e dos estilos normativos que regiam a literatura no período de sua escrita.⁷⁸ Partindo de sua própria formação, que se deu em 1854 no curso de Humanidades no Liceu do Ceará, Juvenal Galeno se inseria na *ilha de letrados num mar de analfabetos*⁷⁹ conforme diz Almir Oliveira ao discorrer sobre a existência de uma elite letrada reduzida no Ceará. Para o pesquisador,

(...) a criação do Liceu do Ceará em 1845 abria um espaço de formação intelectual fundamental para elite local, uma vez que no interior da província se estabeleceria e se efetuaría a organização de instrumentos de capacitação da elite local. Com ou sem o título de bacharel de Letras, abrir-se-iam aí as condições de se pensar uma elite letrada local, bem como o estabelecimento de parâmetros intelectuais para uma possível atuação crítica local, fosse ela política ou não.⁸⁰

⁷⁸ Como exemplo tomamos Álvares de Azevedo e a presença irônica de Byron, a melancolia de Musset, a inquietação de Shelly e Spnounceda e o pessimismo de Leopardi. Vícios, desejos lúbricos, atrações carnais, pessimismos diante da vida, são umas das principais características de sua “poesia da dúvida”. Do lado da poesia social, de viés abolicionista, temos como um dos principais representantes Castro Alves, com seu lirismo e presença condoreísta de Victor Hugo.

⁷⁹ OLIVEIRA, Almir Leal de. **Saber e Poder: O Pensamento Social Cearense no final do século XIX**. Mestrado em História PUC-SP. 1998. p. 24

⁸⁰ Id. Ibidem. p. 23

Em 1855, Juvenal Galeno viajou para o Rio de Janeiro, com 19 anos, com o objetivo de estudar os mais modernos métodos da lavoura cafeeira, pois era filho de agricultores abastados, e tal estudo iria auxiliar nos trabalhos agrícolas do sítio. Sua permanência no Rio de Janeiro possibilitou uma aproximação e contato com outros intelectuais que versavam sobre o estilo e a escrita erudita (Machado de Assis, Melo Moraes, Quintino Bocaiúva, Paulo Brito e outros).

O contato com esses intelectuais, no Rio de Janeiro, possibilitou a publicação de algumas poesias na “Marmota Fluminense”, pertencente a Paulo Brito e que tinha dentre outros colaboradores, Manuel Macedo. A reunião dessas poesias culminou com a publicação do seu livro de estréia *Prelúdios Poéticos*.

Neste livro, apesar dos traços e vestígios da literatura romântica em si mesma, já apresentava os primeiros registros que iriam lhe diferenciar dos demais poetas: o viver do povo, como é possível perceber nos versos de “A Noite de S. João”,⁸¹ ao discorrer sobre os costumes da festa:

Em minha terra a estas horas
Eu sorria alegremente,
Tirava sorte co’as moças,
E brincava tão contente!
Era ledó e folgazão
Em noite de S. João!
Pulava destro e sorrindo
Por cima d’uma fogueira,
Aplaudido sendo sempre
Por menina feiticeira!
Brincava com tantas belas,
Por S. João – compadre –d’elas!

E a esse círculo de contatos, soma-se a aproximação significativa entre Gonçalves Dias, à época de sua vinda ao Ceará junto com a Comissão Científica em 1859, Tomas Pompeu, Silva Coutinho e Juvenal Galeno.

Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo, Gonçalves de Magalhães, Manuel de Araújo Porto-Alegre, Joaquim Norberto de Sousa e Silva e Francisco Adolfo de Varnhagen era o grupo que freqüentava o IHGB, a partir de 1840. Esse

⁸¹ Poema retirado do livro: AZEVEDO, Sânzio de. **Aspectos da Literatura Cearense**. op. cit. p. 226.

grupo, sob o incentivo e proteção do Imperador, tentou esboçar uma literatura nacional, que enaltecesse os elementos constituintes da terra, o que entrelaçava nas poesias natureza, índio e pátria.

Relacionada intimamente com a natureza, a história estava sendo pensada como um processo que se desenvolvia desde a selvageria a uma sociedade civilizada. “A identidade nacional, só para mencionar o exemplo mais óbvio, perderia muito de seu fascínio feroz sem a música de uma tradição paisagística particular: sua topografia mapeada, elaborada e enriquecedora como a terra natal”.⁸² A natureza passava a ser produto da mente, que já não mais a pensava como simples elemento de “conquista”, mas como parte simbólica de uma identidade nacional, pois, segundo Herder, “a literatura duma nação deve ser verdadeira para com as tradições e o caráter da mesma nação, e sua atitude para com a natureza”.⁸³

Sílvio Romero, apesar de reconhecer a importância de se introduzir em nossa literatura o povo, na sua mais vasta amplitude, e de estabelecer críticas ao Romantismo, que embora voltado para os estudos sociais de nossa realidade, submerso em um nacionalismo enraizado na valorização de nossas artes e da natureza, considera que nossa literatura ainda apresentava estilo europeizado porque “em geral os nossos chamados homens de letras lêem livros europeus e especialmente livros franceses, raros ocupam-se de assuntos brasileiros”.⁸⁴ Para ele, o nacionalismo deveria ser estudado através do povo em suas origens e produções anônimas, buscando as diferenças e laços entre os lugares do Brasil como forma de *afirmar a unidade na multiplicidade*.⁸⁵ O nacionalismo não seria simplesmente a objetividade literária de um título representativo e identificador através de um personagem central, quer índio, negro ou português. Seria o singular na complexidade. Apesar de reconhecer a introdução do *sentir do povo* como forma de encontrar a *alma nacional*, não rejeita certo rigor quanto à produção poética:

⁸² SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. op. cit. p. 26.

⁸³ GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984. p. 42.

⁸⁴ ROMERO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira**. Tomo IV. 4ª edição. Livraria José Olympio editora, 1949. p. 305.

⁸⁵ Id. *Ibidem*. Tomo I. p. 135.

A poesia deve ter a intuição de seu tempo; não tem por fim fazer ciência nem fotografar a realidade crua; ela não é hoje, não deve ser, pelo menos, condenada à afetação dos *clássicos*, com seus deuses, dos *românticos*, com seus anjos, ou dos *realistas*, com suas prostitutas; ela deve também lutar pelas idéias, sem despir a sua forma fulgurante e lírica.⁸⁶

A definição de poesia apresentada por Sílvio Romero nos faz entender o porquê de suas críticas quanto à produção de Juvenal Galeno e a outros poetas ao longo de seu estudo sobre a literatura brasileira.

O crítico literário reconhece o trabalho desenvolvido “(...) por um grupo de moços (do norte) que foi procurar no povo atual, como êle se acha constituido no mestiço físico e moral, em suas tradições e costumes, a nossa fisionomia peculiar de nação”,⁸⁷ criando um lirismo da roça, do sertão e dos matutos. Entretanto, essas poesias só apresentariam reconhecido valor se versassem sobre uma das duas formas: ou as que fossem aliadas aos primórdios da arte, com seus rigores estilísticos ou se fosse puramente popular, anônima, colhida diretamente da boca do povo. Dessa forma, Romero demonstra certa recusa à produção de Juvenal Galeno, considerando-a de *gênero híbrido*, que não é nem popular nem culta, o que fazia com que sua poesia fosse *enjoativa*, logo, “seu maior defeito foi faltar-lhe a cultura precisa para entrar plenamente nos domínios literários e artísticos”.⁸⁸ Para o crítico literário, o autor que apresentava uma poesia mais compreensiva e que estivera à frente de seus antecessores fora Gonçalves Dias, poeta que trouxe nos seus registros a intenção de uma identidade cultural para o Brasil, ao estabelecer uma maior aproximação com o índio.

Se na Europa, durante o século XIX os intelectuais buscavam uma maior aproximação com o homem da terra, o Ceará vivenciava o seu período indianista, e pensar na produção de Galeno significa refletir sobre um novo estilo de escrita que rompia com a predominante no período.

⁸⁶ Id. Ibidem. Tomo I. p. 131.

⁸⁷ Id. Ibidem. Tomo IV. p. 20.

⁸⁸ Id. Ibidem. Tomo IV. p. 83

Francisco Prado associou a produção de Juvenal Galeno ao *contraste*, ao tecer comparações entre suas produções e de outros poetas: “A sua poesia é simples, espontânea e repassada do mais doce misticismo, enquanto que a da maioria dos nossos poetas é rebuscada e rebuçada, às vezes banal, torturada e tocada de uma descrença que enerva e abate”.⁸⁹ Suas poesias saíam dos puros prazeres, da sedução e do amor sensual para a vida humilde, lendas e superstições.

Para cada sociedade e época, existe uma demanda social. Tentar romper com os seus “pares” significa abertura para elogios e críticas. A produção do intelectual se faz dentro de um campo intelectual e “(...) está siempre objetivamente orientada com relación al medio literario, a sus exigencias estéticas, a sus expectativas intelectuais, a sus categorías de percepción y de pensamiento (...)”.⁹⁰ E, Juvenal Galeno, influenciado pela literatura de Herder, com sua inserção do povo e dos seus registros folcloristas em sua poesia, rompeu com a forma estética europeizada de se pensar a produção literária, que foi principalmente reforçada na década de 1880 no Ceará, sobretudo com a criação do colégio Pedro II (ensino secundário), em 1837, e o Atheneu Cearense (ensino primário), com funcionamento em 1863, local em que a elite cearense realizava seus estudos clássicos com os padrões do “mundo civilizado”. Fora esses dois centros de estudos, devem-se acrescentar as formações intelectuais que se deram fora da província.

Ruptura que, posteriormente, rendeu-lhe significações a sua obra, pois, “independientemente de lo que quiera o haga, el artista debe enfrentar la definición social de su obra, es decir, concretamente, los éxitos o fracasos que ésta tiene (...)”.⁹¹

⁸⁹ PRADO, Francisco. A Sugestão do Contraste. **Anais da Casa de Juvenal Galeno**, Tomo I. Ano I, Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1949. p. 49.

⁹⁰ BOURDIEU, Pierre. **Campo de Poder, Campo Intelectual: Itinerário de un concepto**. Montessor. Jungla Simbólica (editora), 2002. p. 46.

⁹¹ Id. *Ibidem*. p. 18.

1.2. Plantas de Quintais como Recursos Medicinais

Plantas Úteis

Veio um dia visitar-me
Um compadre, lá do mato,
E sentou-se de mim perto,
Parecendo estupefado.

Deixei que mirasse a sala
E também o grande espelho,
E, conversando, eu lhe disse:
- Compadre, tome um conselho:

Juntinho de sua choça,
Faça um pequeno cercado
E cultive plantas úteis,
Com amor e com cuidado

(...)

Pois quem despreza essas plantas
E delas não tem cercado,
Ou é muito preguiçoso
Ou bastante descuidado.

(Juvenal Galeno. Plantas Úteis. In ____: **Medicina Caseira**)



Considerando o trabalho de coleta, reunião e organização das lendas, superstições e crendices populares é que ressaltamos a importância de se analisar o livro *Medicina Caseira* de Juvenal Galeno como registro de um tipo de prática social. Inúmeros foram os trabalhos que discorreram sobre sua produção como um todo significativo e importante para se conhecer aspectos da cultura cearense, ressaltando o valor documental de suas poesias e de certa maneira

ressaltando a importância de se estudar o livro *Lendas e Canções Populares*. Não devemos, no entanto, desconsiderar a importância do livro *Medicina Caseira* como local de pesquisa sobre as práticas populares de cura.

O poeta folclorista não enfatizou uma natureza de forma idílica ou lírica, mas, procurou ressaltar e valorizar as plantas do Ceará a partir de sua utilização corriqueira e usual pelo povo, registrando, de tal modo, aspectos de uma realidade cultural. Tal abordagem estética da natureza torna evidente sua opção política social, visto que busca os remédios para as dores do corpo, diferente de outros poetas que estavam preocupados com as dores da alma, como deixa claro em um dos primeiros poemas do livro *Medicina Caseira* chamado *Prelúdio*.⁹²

Poetas há na cidade,
Poetas por tôda a parte,
Dedilhando as suas liras,
Com ternura, engenho e arte

(...)

São todos poetas da Lua,
Descantando os seus amores:
E eu quero ser do corpo,
Meizinando as suas dores

Que importa que os invejosos
Afirmem que eu faço asneira?
Eu os desprezo e prossigo
Na <<Medicina Caseira>>...

Apesar de não pertencer às classes humildes, soube registrar seu linguajar e suas experiências de cura frente à doença, deixando inclusive registros sobre a alimentação do povo cearense, conselhos de moralidade e práticas de higiene. Além das fontes eruditas, referenciadas em passagens anteriores, todo esforço de coleta de Galeno concentrou-se no registro de costumes, expressões idiomáticas e mezinhas, praticadas, principalmente, pelos setores subalternos da sociedade. Em *Medicina Caseira* o poeta buscou sintetizar e “(...) reproduzir o que, desde a

⁹² GALENO, Juvenal. Prelúdio. In: _____. **Medicina Caseira**. op. cit. p. 03.

mocidade, colhera e acumulara de tradição popular e complementara pela leitura de Chernoviz e de jornais, havia pelo menos cinco decênios”.⁹³

Por isso, passamos a consideramos seus registros fontes preciosas no campo da reflexão e pesquisa, por ter sido escrito na tentativa de preservação dos anseios e hábitos do povo, com a intenção de propagá-los e devolve-los ao mesmo através da oralidade, ou seja, de vulgarizá-lo através da forma poética, como referencia no poema *Aos Leitores*.⁹⁴

(...)

Êstes versos tão singelos,
Compostos para viola,
Podem ser aproveitados
Por meninos numa escola

Ensinam muitos remédios,
De graça, quase de esmola:
A pobreza não precisa
Mexer na magra sacola.

Juntamente a isso, há em Galeno uma constante preocupação com a condição econômica das pessoas pobres do Ceará. O intelectual estava a serviço do povo e para o povo. No fragmento do poema acima fica evidente a intencionalidade do livro *Medicina Caseira*: socorrer a pobreza e divulgar os saberes, inclusive e principalmente entre os jovens para que se propagassem e ficassem na memória do povo. O seu propósito de difundir junto aos jovens é enfatizado por Oswaldo Riedel:

(...) foi coerente consigo mesmo Juvenal Galeno ao manifestar propósito de difundir, através da juventude nas escolas, o uso de remédios que nos emancipassem de tutela alienígena. (...). No setor da medicina popular, divulgaria conhecimentos úteis através de versos que desejava fôssem cantados ao som da viola (p. 1). Falaria assim mais de perto à receptividade do povo de sua terra, tradicionalmente afeito a êsse tipo de comunicação, tanto no recesso dos lares como no burburinho da feiras.⁹⁵

⁹³ RIEDEL, Oswaldo. Apresentação. In: GALENO, Juvenal. **Medicina Caseira**. op. cit. s/p.

⁹⁴ GALENO, Juvenal. *Aos Leitores*. In: _____. **Medicina Caseira**. op. cit. p. 01.

⁹⁵ RIEDEL, Oswaldo. Apresentação. In: GALENO, Juvenal. **Medicina Caseira**. op.cit. s/p.

O poeta era conhecedor da situação econômica do Ceará, sobretudo nos períodos de seca. Nesses períodos a fome era reinante, o que levava a população a se alimentar com os mais variados alimentos:

Entrou o anno de 1878 e com elle entraram a crescer ao infinito as angustias do infeliz povo cearense. Morria-se de fome, *puramente de fome* nas ruas das cidades, pelas estradas: <<Depois de alimentar-se de raizes silvestre (especialmente a mucunã), de algumas especies de cactus (chique-chique, mandacaru) e bromelias (croatá, macambira), do palmito da caranuba e de outras palmeiras, das amendoas e entrecasca dos cocos, o faminto passara a comer as carnes mais repugnantes, como a dos cães, a dos abutres e corvos, e a dos reptis. Si bem que raros deram-se casos de antropophagia; e por cumulo de horror, ainda houve não sei si diga um perverso, sium infeliz que procurou no municipio de Lavras vender, ou trocar por farinha, um resto de carne humana de que se alimentava. Alguns cadaveres foram encontrados que conservavam nos membros semi-devorados os signaes do extremo desespero das victimas da fome>>⁹⁶

Assim, se o povo não tinha sequer como se alimentar, como custear remédios caros? A solução apontada por Galeno era a valorização dos recursos medicinais provenientes diretamente da natureza: as plantas medicinais.

O livro também nos deixa indícios que nos possibilitam pensar sobre a importância das práticas de cura baseadas em *meizinhas* frente à ausência de boticários:⁹⁷

(...)

No campo, principalmente,
Onde não há boticário
E nenhum facultativo,
São mais úteis que um rosário

(...)

⁹⁶ STUDART, Guilherme. **Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. p. 39-40.

⁹⁷ GALENO, Juvenal. Aos Leitores. In: _____. **Medicina Caseira**. op. cit. p. 01.

Durante os períodos de seca, mas não somente, a demanda de recursos para a saúde sempre foi muito grande. Por várias vezes e de várias localidades foram remetidos ofícios ao Presidente da Província do Ceará informando as calamidades pelas quais as mais diversas vilas estavam passando frente às doenças que não paravam de se manifestar. Os ofícios solicitavam socorros públicos, ambulâncias (envio de medicamentos) e a contratação de médicos e farmacêuticos para socorrer principalmente as camadas mais desvalidas, os pobres, de recursos financeiros, que era a parte da sociedade mais atingida pelos flagelos. São narrativas de pobreza e sofrimento que trazem em suas linhas muitas vezes indícios da ausência de médicos para socorrer a população.

(...) Então verifiquei que dois medicos mal podião satisfazer meramente a' seus deveres clinicos em uma epidemia que accometem uma população de 30000 almas, tantas quanto existem nesta freguesia.⁹⁸

Não havia grande diferença entre as localidades interioranas e a capital do Ceará (Fortaleza) quanto à disposição de médicos para socorrer os doentes. Os retirantes que ficavam confinados nos abarracamentos criados pelo governo também não tinham assistência médica regular e suficiente para todos:

Enviado (médico Guilherme Studart) para o Alto da Pimenta, encontrei nelle 20470 retirados, dos quaes 5681 atacados de variola ou soffrendo de suas consequencias! E eu era o único medico para toda essa multidão!⁹⁹

Essa ausência de médicos era recorrente no Ceará. No período de grandes epidemias, o governo solicitava a outras províncias vizinhas o envio de médicos para auxiliar no socorro aos doentes e criava comissões de socorros para ajudar na distribuição de medicamentos, como ocorreu na epidemia de cholera-morbus que aconteceu no Ceará em 1856:

⁹⁸ Ofício expedido ao Presidente da Província do Ceará, no dia 24 de maio de 1873, de Sobral, pelo Dr. Francisco de Paula P. Filho.

Naquelles lugares em que existem medicos, auctorizei as commissões sanitarias para contractarem com elles o curativo das pessôas acommettidas da epidemia, mediante uma gratificação razoavel. Havendo na provincia grande falta de medicos, pois que na capital apenas existem 4, e no interior rara é a cidade ou villa, que possua um, tenho por diversas vezes sollicitado do Sr. Ministro do Imperio, e dos prezidentes da Bahia e Alagôas a remessa para aqui de alguns facultativos.¹⁰⁰

Além da ausência de médicos, havia também a limitação de recursos por parte do governo, o que dificultava o trabalho das comissões enviadas em nome do socorro às vítimas das epidemias.

Tendo-se desenvolvido nesta villa, há oito dias, uma febre, acompanhada de todos os symptomas de febre amarella, da qual se achão acommettidas mais de trinta pessoas, tendo oito já succumbido, peço a V. Ex.^a alguma providencia para socorro das pessoas desvalidas, que, não havendo aqui facultativo nem remedios proprios, estão aterradas e mais tem soffrido.¹⁰¹

Somado a tantas ausências, o povo recorria a quem sempre esteve presente e de certa forma atendendo aos seus apelos de socorros espirituais e físicos: o padre. Nos povoados de Pendencia e Sanct'-Anna da Serra de Baturyté uma das principais dificuldades encontradas por parte dos integrantes da Comissão de Socorros foi a recusa à medicação e a obediência unicamente ao padre da localidade:

(...) O stado Sanitario em Pendencia, Sanct'-Anna, que alem da epidemia, há grande falta de todo e qualquer recurso. O povo, ainda stá no firme proposito, de não tomar outro remedio, a não ser o óleo de ricino e o landam por que o Padre Agostinho disse, que não tomassem

⁹⁹ STUDART, Guilherme. **Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará**. op. cit. p. 40.

¹⁰⁰ Relatório com que o Excelentissimo senhor doutor Francisco Xavier Paes Barreto passou a administração da Provincia ao segundo vice-presidente da mesma, o Excelentissimo senhor Joaquim Mendes da cruz Guimarães, em 09 de abril de 1856. Ceará: Typografia Cearense, 1856. p. 22. Após a solicitação do governo do Ceará, os presidentes da Bahia e Alagôas enviaram um médico e um estudante de medicina do sexto ano. Os presidentes prometeram ainda que no próximo vapor enviariam mais três médicos e medicamentos.

¹⁰¹ Ofício expedido ao Presidente da Provincia do Ceará, no dia 28 de junho de 1873, de são João do Príncipe – Tauá, pelo vigário Meceno Clodoaldo Linhares.

outro remedio por que matava; e assim as vítimas vão crescendo de numero n'esta Serra.¹⁰²

A busca por uma medicina mais científica se dava em último recurso em nome da vida. As formas de medicação mais próximas da sua realidade eram sempre as primeiras a serem consultadas. Somente em último caso, às vezes, recorria-se àquela que aparentemente não traria nenhum benefício. Diante da ausência de outros recursos, valeria apelar para o “inimigo”:

(...) O stado sanitário d' sta Serra é desagradavel; o cholera teem feito já 20 victimas entre Pendencia e Sanct'-Anna; já tenho medicado ao perto de cem pessoas affectadas do cholera. Este povo, não crê em Medicina, e só procuram-na, quando acham-se em um stado em que toda e qualquer Medicina é infructifera.¹⁰³

Theóphilo atribuiu essa recusa por parte da população à medicina científica, no seu caso à vacina, não simplesmente ao medo do médico, mas como consequência da utilização errada dos preceitos médicos por *curiosos*. O que fazia com que a população atribuísse a todo medicamento o significado de doença e morte. Segundo o farmacêutico,

Há uma rasão muito plausivel e muito justa da parte do povo em ter tão grande repugnancia a vaccinação. Usou-se por muito tempo a variolisação que consistia, para preservar da variola, em inocular no individuo o virus variolico extrahido de pustulas de variola discreta ou <<branca>>, como chama o povo. Foi este modo de propagar a peste, que incutiu no povo tão grande horror a vaccina. Muitos individuos assim vaccinados em vez de ter algumas pustulas de variola discreta, tinham-na confluyente e mesmo hemorrhagica e morriam. Em 1883 na cidade do Acarahú, um curandeiro propagou a variola aquella população inoculando o vírus de pustulas de variola discreta, extrahido de um bexigoso que desembarcara naquelle porto. Não escapou um só dos vacinados. (...) Estes e outros factos de equal

¹⁰² Ofício expedido ao Presidente da Província do Ceará, no dia 7 de agosto de 1862, de Baturité, por integrantes da Comissão de Socorros.

¹⁰³ Ofício expedido ao Presidente da Província do Ceará, no dia 03 de agosto de 1862, de Baturité, por integrantes da Comissão de Socorros.

natureza foram que tão fundo arraigaram no espirito do povo o grane horror a vaccina.¹⁰⁴

Ainda que a argumentação de Theóphilo seja pertinente e válida, só contribui para reforçar a suposição de que a medicina científica não se apresentava como uma amiga aliada dos doentes. Suas práticas eram desconhecidas por parte da população. Era preferível entregar sua doença ao curador próximo, independente de ter ou não um certificado científico. Se o amigo próximo (curandeiro) não curasse, o que dizer do estranho distante que adentrava os lares com um saber validado, legitimado e desconhecido? Para a grande população de iletrados, o processo da vacina era desconhecido, e quando conhecido inaceitável, pois como se pode evitar uma doença inoculando em seu corpo o vírus dela? A lógica da ciência não atingia a todos, principalmente quando esta ainda se apresentava de forma insipiente:

E' verdade que o nosso serviço de vacinação é deficiente e imperfeito visto como havemos lymphá vaccinica da Capital Federal ou do Exterior, e esta que nos é remettida nem sempre é proveitosa, si bem que venha com o cunho de garantia e excellente.

Nestas condições, sujeitos a tentativas experimentaes, somos forçados a aproveitar com o maior escrupulo a lymphá humana reproductiva, estabelecendo a vacinação de braço a braço, e com que difficuldades e embaraços lutamos para bem appical-a e melhor colhel-a, **tal é a repugnancia dos poucos que a esto se prestam.**¹⁰⁵ (grifos nossos)

O distanciamento dos médicos fazia com que algumas pessoas recusassem seus serviços. Ao povo não bastava medicar simplesmente, era preciso acompanhar e conviver com a doença e o doente. O laço de amizade era um bem necessário para a cura.

¹⁰⁴ THEÓPHILO, Rodolpho. **Variola e Vacinação no Ceará**. op. cit. p. 122-123. Neste trabalho o farmacêutico fez uma apreciação das dificuldades encontradas de quando iniciou seu trabalho de vacinação contra a varíola no Ceará (falta de apoio do governo, recusas populares, etc.).

¹⁰⁵ Mensagem do Presidente do Estado, Tenente Coronel D^{or} José Freire Bezerril Fontenelle, á Asembléa Legislativa do Ceará em sua 2^a sessão ordinaria da 1^a Legislatura. Fortaleza, Typ. da Republica, 1893. p. 36. Neste ano em uma população de 50.000 pessoas na capital, apenas 20.000 eram vacinadas. A estatística demonstra que no final do século XIX as práticas médicas cearenses ainda se apresentavam em forma experimental, e que existia uma rejeição da população às práticas médicas validadas pela ciência.

O relato seguinte nos dá subsídios para refletir sobre o distanciamento entre médico e paciente. E também para pensar que não era somente o médico formado nas academias que formulavam conceitos pejorativos com relação aos “médicos populares”, mas que o povo também criava suas representações e significados com relação ao “doutor em medicina”, muitas vezes, conceituações de menosprezo pela validade de seu saber e sua prática, principalmente nesse período em que a medicina ainda se apresentava com um saber incipiente. À proporção em que a medicina científica não curava o doente, ele recorria para outras práticas diversas (rezas, chás, benzedura, etc.) existentes na sociedade. O que aprofundava o distanciamento entre povo e médico:

Existe aqui hum môço, natural aqui da granja, que adquiriu na bahia huma Carta de Médico; mas este môço, que he m¹⁰. orgulhozo, e frenético porém, que desconhece as noções mais preliminares da Medicina; e assim foi este moço que o Sr. Commissariogeral fez nomear Medico desta imensa população. Constituido assim curadôr da saude do pôvo éra, e he da competencia do Medico, vizitar o enfermo, aqui elle não faz, e somente receita um abstracto; quando sabemos, que nada aproveita ao enfermo huma therapéutica, e dietética universal; mas sim o exame(...), e as prescripções de hum Medico intelligente (...)
Dia, e noite, e sempre estou em continuo contacto com este pôvo, que geralmente abomina, e absolutam^{te} rejeita os remedios receitados por este Médico, aquem chamam: = mata de pressa, mata ligeiro.¹⁰⁶

Juvenal Galeno, assim como a passagem acima, também pôs em dúvida o tratamento oferecido ao doente pelo médico. Até que ponto o médico era fiel a sua prática, uma vez que precisava de recursos financeiros para suprir suas necessidades básicas como se alimentar? À sua frente poderia não haver *um doente*, mas *um cliente*:

(...)

E quantas vèzes o médico,
Fingindo o mal conhecer,
Não receita ao pobre enfêrmo
Remédio p'ra não viver?

¹⁰⁶ Ofício expedido ao Presidente da Província do Ceará, no dia 17 de novembro de 1889, na vila de Granja, pelo Vigário Antônio Thomas P. Galvão.

Ou sabendo o que êle sente,
Não prolonga ao padecente
O tempo do padecer?
Ou, com vil desembaraço,
Não lhe corta a perna, o braço,
Para a cousa mais render?!¹⁰⁷

Entretanto, Galeno não se limitou a discorrer sobre a importância dos remédios caseiros como subsídio de cura frente a ausência de médicos, uma vez que tais costumes também são importantes para o homem da cidade:¹⁰⁸

E, na cidade, de noite,
Quem precisa de meizinha,
No seu quintal a procura
Ou na despensa ou na cozinha

Sua grande preocupação era a de preservar tais práticas e de certa maneira validar esses saberes buscando afirmativas nos preceitos da ciência e dos intelectuais, como verificamos no poema *Angélica do Mato*:¹⁰⁹

A raiz da nossa angélica,
Na Ciência: *Guettarda*,
É remédio precioso,
Cujo efeito nunca tarda

Durante a febre amarela,
Foi ela muito empregada,
Para curar diarréias
Por Martius foi indicada.

(...)

É importante destacar que aos 14 anos de idade Juvenal Galeno foi para o Aracati em companhia de seu tio, que era formado em medicina, Marcos José Teófilo. Lá exerceu a função de prático da farmácia de José Teixeira de Castro, o que pode evidenciar essa constante relação existente entre as várias práticas de cura e suas validades, temas correntes nos poemas de *Medicina Caseira*. Além de

¹⁰⁷ GALENO, Juvenal. A Barriga. In: _____. **Folhetins de Silvanus**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1969. p. 139.

¹⁰⁸ GALENO, Juvenal. Aos Leitores. _____. In: **Medicina Caseira**. op. cit. p. 01.

coletar do povo as informações também era detentor de um saber prático e conhecedor da efervescência que estava acontecendo em termos de medicina científica, o que lhe atribuía uma maior segurança ao relacioná-las, e estabelecendo assim uma “simbiose” entre os saberes letrados e iletrados em sua obra.

O livro *Medicina Caseira* não é um estudo propriamente dito sobre as plantas e suas propriedades fitoterápicas, mas sobre a condição dos usos delas na medicina caseira. Assim, deixa indícios do ato popular e sua utilização.

Sabemos que, desde os gregos e romanos, o despertar pela imensidão da natureza que os cercavam, fez com que surgisse um sentimento religioso, em que não havia a dissociação natureza e homem. “A sua vida estava inteiramente nas mãos da natureza; (...). Sentia a cada momento a sua fraqueza e a força incomparável de quanto o rodeava”, experimentando “um misto de veneração, de amor e de terror, perante a poderosa natureza”. O mundo exterior mantinha uma harmonia direta com o homem atribuindo-lhe, “pensamento, vontade, discernimento”. Devido à influência direta dos fatores naturais na vida humana, “confessou a sua dependência; rezou-lhes e adorou-as; e de essas coisas construiu deuses”.¹⁰⁹ As crenças mais antigas destes povos nos possibilitam pensar sobre como a natureza vinha sendo pensada de várias maneiras pelo homem. Quer no sentido religioso, medicinal ou econômico, pois “a utilização de plantas (...) pode ser detectada em diferentes formas de organização social, constituindo-se como uma prática milenar associada aos saberes populares e médicos e a rituais”.¹¹¹ Pensar como o meio natural mantinha e mantém uma relação direta de associação simbólica ou prática com os homens é o que vemos com Morgan:

¹⁰⁹ GALENO, Juvenal. Angélica do Mato _____. In: Id. *Ibidem*, p. 35.

¹¹⁰ VER: COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga**: estudos sobre o culto, o direito e instituições da Grécia e de Roma. Lisboa; Livraria Clássica Editora: 1957. p. 177-186. O autor faz uma apreciação de como os gregos e romanos se relacionavam com a natureza física, associando-a a deuses. Amando-os ou temendo-os. “Cada família criava os seus deuses e guardava-os egoistamente, só para si, como a protectores cujas boas graças se não podiam compartilhar com estranhos”. O que ocasionou uma pluralidade de nomes para a “mesma” divindade, e o que nos impossibilita pensar em uma religião da natureza em um dia, por um homem.

¹¹¹ FERNANDES, Tânia Maria. **Plantas Mediciniais**: memória da ciência no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. p. 27.

A origem do conhecimento do homem sobre as virtudes das plantas é muito diversa e curiosa. Muitos facilitaram: a inspiração, o instinto, o ensinamento os animais, as analogias de cor, (...). junto a estas causas principais é necessário colocar outras de não menos importância: a causalidade, as tentativas, a observação e, por fim, este conjunto de modalidades que constitui o **empirismo**, sobre o qual, queira-se ou não, se estabelece a medicina¹¹².

Galeno ressaltou em seu poema “O chá”¹¹³ a importância da utilização do chá para a cura de enfermidades, reconhecendo mais uma vez a importância medicinal das ervas ou “plantas de quintais”:

Êsse chá, que sempre usamos,
Com torradas, todo dia,
De nossa própria bexiga
Muitas dores alivia

Das areias e dos cálculos
É certo preservativo,
E também êle é remédio
Em muito caso aflitivo.
Alguém diz que lá, na Pérsia,
Não se conhece êsse mal,
Pois o uso é mui freqüente
Dêsse bom estomacal.

Bem útil na colerina,
No paludismo também,
Antes de qualquer acesso
É, bom tomá-lo, convém.

Entre os séculos XVI e XVII, houve uma intensificação nos estudos da natureza. Estudos que inicialmente se voltavam para fins medicinais. Keith Thomas, em seus estudos na Inglaterra sobre a História Natural demonstra a relação entre a pesquisa botânica e de ervas medicinais:

¹¹² MORGAN, René. **Enciclopédia das Ervas e Plantas Medicinais**: doenças, aplicações e propriedade. Editora Hemus: SP, 1979. p. 09.

¹¹³ GALENO, Juvenal. O Chá. In:_____. **Medicina Caseira**. op. cit. p. 28.

Tal como nos tempos anglo-saxões, o principal estímulo para os estudos botânicos era medicinal. Não por acaso, praticamente todos os primeiros botânicos foram médicos ou boticários, preocupados com os usos e “virtudes das plantas”. A descoberta do Novo Mundo intensificou a busca de plantas medicinalmente úteis; nos chamados “jardins medicinais”, cultivam-se as novas espécies. A utilidade prática do mundo das plantas forneceu muito tempo aos botânicos o seu princípio organizador mais importante.¹¹⁴

O interesse inicial pelas plantas voltou-se por sua utilidade prática, de seus usos que o homem poderia fazer. Os herberários, jardins botânicos e bibliotecas européias, apresentavam-se como grandes vitrines de colecionadores, que possibilitavam aos naturalistas e botânicos a troca e comparação de informações. As instituições de pesquisas científicas que se propagaram no século XIX, “além de concentrarem objetos e dados essenciais para as pesquisas, passaram a exigir cada vez mais que os naturalistas aperfeiçoassem técnicas de preparação e tratamento de objetos naturais”.¹¹⁵ Os estudos ficaram cada vez mais sistemáticos, fazendo com que o popular e o erudito se distanciassem.

Galeno também nos chamou atenção para essa racionalidade da ciência no campo do experimento (*Girassol*):

Girassol ou helianto
Todos devem cultivar,
Pertinho de sua casa,
Para a mesma sanear

Pois êle destrói miasmas
Paludosos e fatais,
E além disso é proveitoso
Para fins industriais.

¹¹⁴ THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. SP: Companhia das Letras, 1996 (1ª edição 1988). p. 63.

¹¹⁵ KURY, Lorelai. A Comissão Científica de Exploração (1859-1861): a ciência imperial e a musa cabocla. In: HEIZER, Alda e Videira, Antonio Augusto Passos. **Ciência, Civilização e Império nos Trópicos**. Rio de Janeiro: Access, 2001. p. 33.

Maminoff preconiza
Sua tintura eficaz
Na cura do paludismo,
Na febre mais pertinaz.

Pois êle, nos próprios filhos
Fêz a sua experiência.
Finalmente, o recomendam,
Homens de muita ciência.

Embora a sabedoria popular tenha contribuído de forma decisiva para o avanço e a progressão dos estudos, as pessoas, ligadas ao campo, possuem um conhecimento amplo, baseado na empiria, quanto à utilização de certas ervas para determinadas doenças. Não que todas as receitas caseiras sejam de reconhecimento eficaz, mas a própria ausência de comprovação de medicalização caseira faz com que as pessoas que se servem de tais práticas tirem suas conclusões referentes à eficácia ou não da erva para a doença específica.

Theóphilo, farmacêutico, no início do século XX, precisamente em 1919, mesma data da edição de *Medicina Caseira*, em seu livro *Scenas e Typos*, ressaltou a importância e utilidade das plantas para o homem, procurando identificar como se constituiu a crença popular no uso do reino vegetal para a cura da dor. O farmacêutico fez constante associação das plantas às famílias humanas, quanto a sua eficácia ou não:

Há famílias de homens respeitáveis pelos serviços que prestam á humanidade. Na família das Papaveraceas, há o cidadão opio, o maior bemfeitor do homem. E' elle o antidoto da dôr. Nasceu no Oriente, conta a lenda, no dia em que no Golgotha crucificaram Christo. Na ocasião em que os judeus pozeram a corôa de espinhos na frente de Jesus, uma gotta de sangue rolou pelas faces lividas do homem –Deus, cahiu na terra e se embebeu no solo no lugar em que vegetava um arbusto daninho. As raízes sugaram a gotta de sangue e assimilaram- n'a desde esse dia, a planta, cujas flores tinham corola de quatro petalas brancas, amanheciam cor de neve e á tarde, á hora em que morreu Jesus, quando o sol pendia para o acaso, se tingiam de sangue. O povo observou o milagre e desde esse tempo tira a seiva dos fructos da *papaver sommeferus* para alliviar as dores do corpo.¹¹⁶

Desde a Idade Média, acreditava-se que o poder da raiz das plantas, principalmente da mandrágora, era proveniente do poder divino. O aspecto de sua raiz antropomórfico, que se assemelhava com a figura de um corpo humano juntamente com um som parecido com um grito ao ser arrancada da terra, fazia com que as pessoas acreditassem que sua constituição era da mesma terra com que Deus modelara o corpo de Adão.



A mandrágora, de um manuscrito do século 13, uma versão do herbário de Pseudo-Apuleius, trabalho do século 5 sobre plantas medicinais.¹¹⁷

A raiz ganhava maior destaque como propriedade mágica e curativa por ser um elo entre o mundo dos vivos e dos mortos. “Aos olhos dos Antigos, este órgão participava do elemento terroso e estava em situação intermédia entre os

¹¹⁶ THEÓPHILO, Rodolpho. **Scenas e Typos**. Ceará. Fortaleza. Editor Assis Bezerra – Typ. Minerva, 1919. p. 105-106.

¹¹⁷ VALE, Marcus R. (org.). **História da Medicina: Fragmentos Pictorios**. CD-ROM da SEARA da Ciência: Órgão da Divulgação Científica da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004. As ilustrações desta exposição foram cedidas, gentilmente, pelo Instituto Wellcome para a História da Medicina (Wellcome Institute for the History of Medicine, The Wellcome Trust), Londres.

elementos, como entre o vivo e o morto, o que lhe conferia um estatuto e poderes particulares”.¹¹⁸

As primeiras pegadas da medicina se constituíram na observação e experimentação. As práticas simples contribuíram e contribuem para a elaboração de pensamentos mais “complexos e elaborados”. Ou seja, a ciência buscou suas primeiras referências nos saberes populares.

O botânico William Curtis (1746-99) adquiriu gosto pelas flores graças a um cavaleiro que estudara os herbários. Quando menino, sir Joseph Banks, futuro presidente da Sociedade Real, pagava os herboristas para que lhe ensinassem os nomes das flores. Médicos e boticários há muito dependiam dos “velhos que catam ervas”, como dizia William Turner, para supri-los de remédios.¹¹⁹

Nos séculos XVI, os cronistas e missionários já descreviam e produziam os primeiros documentos referentes à fauna e flora por onde passavam, mas foi ao longo do século XVIII que se desenvolveram e se intensificaram os sistemas de classificação. A linguagem erudita repelia cada vez mais a linguagem coloquial e usual, intensificando o abismo entre os modos popular e erudito de ver e perceber o mundo da natureza. Cada vez mais era rejeitada a forma de perceber a natureza através das denominações populares. Durante o final do século XVII, “a opinião científica tornou-se muito mais hostil à doutrina das assinaturas, ou seja, à crença de que toda planta tinha uso humano e que sua cor, forma e textura seriam destinadas a dar alguma indicação externa desse uso”.¹²⁰ Era preciso homogeneizar os estudos e a forma de percepção dos estudiosos, com a finalidade de evitar fraudes quanto ao uso de utilização da mesma planta, além do que, os nomes populares eram grosseiros.

Refletir sobre a utilização do meio natural pelo homem significa ir além da proposição de alimentos para as camadas pobres da sociedade ou sistemas de classificação, é também abordar a questão “mágico-religiosa”:

¹¹⁸ LE GOFF, Jacques. **As Doenças têm sua História**. Lisboa: Terramar. p. 345.

¹¹⁹ THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**. op. cit. p. 87.

A eficácia das plantas medicinais, cujo conhecimento constituía, para Cassidoro, no século VI, o próprio fundamento da arte de curar, não residia apenas nos princípios ativos presentes nas plantas medicinais, reconhecidas pela farmacologia moderna. Seu poder estava ligado também às repercussões que as plantas produziam no imaginário, no contexto de uma Europa predominantemente rural onde a presença concreta da natureza impunha-se aos sentidos.¹²¹

O que importa pensar dentro dos vários sistemas culturais não é a eficácia ou não de determinado rito ou prática, mas tentar atribuir considerações sobre o poder simbólico que cada sociedade apresenta a determinados objetos. Pensar na utilização do meio natural significa refletir sobre a presença de um “símbolo” presente em todos os lugares, e que o homem, aparentemente, lhe atribui um significado “parecido”, mas jamais igual.

A utilização das plantas medicinais passou por várias “etapas” até se constituir como remédio propriamente farmacológico. Em determinados momentos, fora associado o seu formato ao formato do corpo doente. Para enfermidades do cérebro, plantas parecidas com um cérebro, para o coração, plantas parecidas com um coração e assim sucessivamente. O empirismo era o olhar clínico. Somente com o advento de laboratórios e com o despertar de profissionais para esse campo da botânica é que se tornou possível desde os eruanários até o século XX a sistematização, catalogação e conhecimentos dos princípios ativos das plantas.

Por mais que a técnica busque sedimentar a fé em esferas racionais e analíticas, o homem sempre se relacionará com seu misticismo, atribuindo a algo ou a alguém sobrenatural a cura de suas enfermidades. O homem é um emaranhado de fé e razão.

¹²⁰ Id. Ibidem. p. 100.

¹²¹ LE GOFF, Jacques. **As Doenças têm História**. op. cit. p. 159.



Vivências Cotidianas: a elaboração das práticas populares

Antigamente, era essencial para o médico ter um grande conhecimento da botânica, pois que a maioria das substâncias usadas em terapêutica eram obtidas de plantas, e porque o médico tinha que selecionar as suas plantas convenientes, das quais obtinha suas próprias preparações medicamentosas brutas. (...). Não obstante, a curiosidade científica deveriam estimular o médico a aprender alguma coisa sobre as *origens* das substâncias e êsse conhecimento muitas vêzes se mostra praticamente tão útil quanto interessante.

(FINGL, Edward e WOORDBURY, Dexon M. Introdução. In: GOODMAN, Louis S. e GILMAN, Alfred. **As Bases Farmacológicas da Terapêutica.**)

José de Souza Gomes.¹²² 33 anos, solteiro, mameluco, nascido na cidade de Belém do Pará, apresentava no ano de 1848 os seguintes aspectos: hálito fétido; voz rouca; amígdalas *tumefectas*; a membrana das fossas nasais ulcerada em alguns pontos; as cabeças dos dedos das mãos tinham perdido as suas formas e algumas estavam ulceradas; as unhas estavam ulceradas, alteradas, partidas e recurvadas; rosto inchado, fusco e rugoso; as cartilagens e os lobos das orelhas estavam tumefactas e cobertas de tubérculos sem alteração; as peles dos supercílios, das asas do nariz, do mento e dos beiços estavam grossas, fusca e *lusidia*; pernas inchadas, tendo a pele que as guarneciam duras, relevadas,

mogolicas, insensíveis e rugosas com pregas transversais; as superfícies dorsais dos pés estavam inchadas e cobertas de crosta; havia úlceras sanguinolentas em algumas cabeças dos dedos dos pés. Com a finalidade de se curar da lepra tuberculosa, ou elefantíase para os Gregos, resolveu se internar no hospital da caridade, no Pará, tendo sido posteriormente transferido pelo médico Malcher para o hospital dos Lazarvos em Tucandúva. Ficou internado três anos, sem obter grande êxito no seu tratamento, fugiu para o interior da província.

Em seu trajeto apareceu um homem que se dispôs a ajudá-lo por meio da aplicação do vegetal assacú (*Hura brasiliensis*). *Desgostoso o paciente do hediondo estado em que se via aceitou a oferta da cura; duvidoso porém do que se lhe promettia esperava que este meio como venenoso encurtasse os dias da sua vida.*¹²³ Entretanto, para a surpresa do enfermo e dos médicos que o examinaram posteriormente, o remédio apresentou efeito positivo.

Em posterior observação, o paciente apresentou as seguintes características: as regiões molares e supercÍlios se apresentavam mais visÍveis; a pele das asas do nariz, do mento, dos pavilhões das orelhas e do tronco, da boca e dos dedos dos membros torácicos no estado normal, restabelecendo nestas partes a sensibilidade; a pele de tom acobreada e as dores dos pés entumecida; os outros sintomas que ainda se apresentavam como aspectos negativos, aos poucos foram cessando. *A mudança, que apresentão a face, o tronco, e os membros thoracicos que se achavaõ atacado de lepra tubercoloza, he agradavel aos olhos do medico (...) o enfermo (...) hade chegar ao completo restabelecimento da sua saúde.*¹²⁴

Com o objetivo de ser analisado, o paciente foi examinado pelos médicos Meicher e VÁlle Guimarães. Os médicos tentaram analisar a importância do vegetal com o objetivo de enriquecer a medicina. Somente após vários experimentos é que o medicamento poderia ser validado à luz da *sciencia medica*.¹²⁵

¹²² O relato de José de Sousa Gomes foi retirado do Jornal **O Cearense**. 09 de março de 1848. nº 132. p. 03 e 04.

¹²³ Id. Ibidem.

¹²⁴ Id. Ibidem.

¹²⁵ Id. Ibidem.

A narração tem o objetivo de demonstrar que, por volta da segunda metade do século XIX, a medicina, dita científica, ainda se apresentava constituindo suas práticas a partir de observações empíricas. A matéria, além de evidenciar a importância dessa descoberta para o meio médico, uma vez que a “história” se passou no Pará, mas circulou em outros lugares do país, como foi o caso do Ceará, através da imprensa, um dos principais meios de divulgação e circulação de idéias e práticas, também evidencia a influência de outras práticas de cura, oriundas de outras tradições, na medicina científica.

Segundo Luiz Otávio Ferreira,¹²⁶ a historiografia sobre a institucionalização da medicina científica no Brasil, durante o século XIX, tende a sugerir que a hegemonia da ciência médica aconteceu sem grandes conflitos sociais. Para o pesquisador, isso se atribui ao pouco conhecimento sobre as características socioculturais da medicina no período colonial brasileiro, pois

As bases socioculturais da medicina colonial foram forjadas pela convivência e combinação de três tradições culturais distintas – indígena, africana e européia -, com inexpressiva participação dos profissionais de formação acadêmica.¹²⁷

A presença das mais variadas formas de curar na medicina fez com que o saber médico-científico, mesmo com a existência das faculdades médicas, durante grande parte do século XIX, tivesse dificuldades em diferenciar o que era medicina científica e o que era medicina popular.

Logo, procuraremos refletir sobre a relação do povo com suas crenças e maneiras de encontrar e criar os recursos que supriam suas necessidades, além de contribuirmos para se pensar sobre um novo olhar para a relação entre as várias medicinas.

Ciência e experimentos são dois aliados da razão para se pensar em “verdade”, “objetividade” e aplicação prática. Cada vez mais intelectuais se fecham em seus laboratórios, buscando entender a racionalidade das coisas e das ações,

¹²⁶ FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina Impopular: ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In: CHALHOUB, Sidney (org.). **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

¹²⁷ Id. Ibidem. p. 101.

o que levou a desqualificação sobre a relação mítica do *sentir*; embora neste caso, a utilização da erva tenha se dado como último recurso para vida ou morte, José de Souza Gomes, aparentemente não era crédulo de outra forma de medicar além da hospitalar, tudo leva a acreditar que o *sujeito* que o havia medicado era conhecedor e manipulador de ervas, e que através dos seus “rituais” a cura poderia ser alcançada.

Trabalhar com o *sentir* não significa meramente identificar as causas, efeitos e diagnósticos da dor e da doença; sedimentar o corpo em várias esferas pequenas de análises e reduzi-lo a sua simples composição orgânica de tecidos e células, tornando-o uma matéria analítica e manipulável. Entretanto, apesar dos “biopoderes”, dos “saberes sedimentados”, a razão não atinge a totalidade das experiências humanas. Emoções e sentimentos compõem o quadro do *sentir*. E esse *sentir* faz com que o homem busque também sua racionalidade própria de viver. “O existir humano, no que tem de especificamente humano, transcende em muito os processos puramente orgânicos: faz-se pelas danças, pelos mitos, pelos rituais, pela comensal idade, pelas trocas simbólicas (...)”.¹²⁸ Por tudo que o homem é capaz de se relacionar e estabelecer significados.

O homem, sobretudo o iletrado, procura justificar suas ações na esfera da religião e do determinismo. As doenças e suas curas são fundamentadas na provação da fé. As enfermidades, muitas vezes, eram punições divinas e suas curas graças concedidas.

A cidade de Baturité, no Ceará, vivenciou uma grande epidemia de cholera-morbus em 1862, e o alto índice de mortalidade fazia com que houvesse procissões nas ruas, como forma de penitência. A penitência era um sacrifício em nome da fé e como busca de “merecer” a cura.

(...) na frente uma grande cruz cingida com uma toalha branca, uma matraca a soar, o padre de alva e estola preta a entoar em voz cavernosa e soturna o Paenitê e após a multidão dos fieis, uns com grandes pedras sobre a cabeça, outros com barricadas ou pesados madeiros, descalços, todos a percutirem o peito a clamar misericórdia ou a verter o sangue a mercê dos azorragues; as casas de portas e janellas fechadas, ninguém ousando olhar os penitentes porque então

¹²⁸ RODRIGUES, José Carlos. **O Corpo na História**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999. p. 97.

sobrecarregaria a consciencia com os pecados delles; ao chegar ao templo, mal allumiado, ao clarão dubio de poucas velas, muitos se atiravam ao chão para que a multidão lhes passasse por cima, outros permaneciam immoveis de braços abertos, e a cada canto gemidos e o tilintar das disciplinas a cortarem as carnes sem piedade. As disciplinas eram laminas de ferro, denteadas, de 10 centímetros mais ou menos, presas a cordões.¹²⁹

A vida não era regida pelas condições materiais e humanas da existência, mas como designo de um ser supremo que controlava, regia e penalizava a permanência do homem na esfera terrena. A crença em um determinismo ajudou os homens a enfrentar seus problemas e a encontrar justificativas para as dificuldades e sofrimentos da vida. Assim, a morte e a doença seriam fatalidades inevitáveis e aconteceriam no momento determinado, então, não havia como evitar as enfermidades.

Reconhecendo a crença do povo em um ser sobrenatural, Galeno deixou registrada no livro *Medicina Caseira* a importância da eficácia do uso de mezinhas e da ciência médica, como é possível perceber no poema *A Prece*.¹³⁰

Uma prece fervorosa,
Dirigida ao Onipotente,
É remédio poderoso
Que cura muito doente.

Quem reza, caros leitores,
Conversa com Deus. É certo:
Ele está em toda a parte,
Por isso de nós bem perto.

Pois dissei-lhe: << Pai bondoso,
O sofrer é necessário...
Mas pediu na cruz alento
Jesus Cristo, no Calvário.

Confortai-me na moléstia,
Que sofro para o meu bem,
Por vossa misericórdia
E suma bondade. Amém >>.

¹²⁹ STUDART, Guilherme. **Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. p. 55-56.

¹³⁰ GALENO, Juvenal. *A Prece*. In: _____. **Medicina Caseira**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1969. p. 95.

A questão da crença e da fé do povo também foi enfatizada por Oswaldo Riedel na apresentação do livro *Medicina Caseira*:

E porque as mezinhas com freqüência falhem e a própria ciência médica, a miudadas vezes, confesse sua importância, não esqueceu Juvenal Galeno para tal conjuntura – e Alexis Correl o teria subscrito - << remédio poderoso que cura muito doente >> a prece fervorosa (p. 95).¹³¹

Rodolpho Theóphilo confirmou o “fatalismo” presente na população carente do Ceará ao realizar seus estudos e campanhas de vacina contra a varíola:

Nos companheiros que estavam no meio da peste e não eram atacados elles tiravam argumentos em favor de suas idéias. Era impossível convencel-os de que não há quem seja refractario a variola. O que havia em relação áquelles homens immunes ao contagio é que elles quando vaqueiros, provavelmente havia-se inoculado em seus dedos o cow-pox no momento de ordenhar as vaccas com aquella molestia nas tetas.¹³²

De acordo com Dina Czeresnia,¹³³ a concepção ontológica da doença esteve presente em praticamente todas as culturas desde o mundo antigo, relacionando influências astrológicas e divinas à mesma. Somente com o Renascimento é que se procurou romper com essa visão ontológica, buscando uma racionalidade de como a doença se produzia no corpo. Desse modo, podemos afirmar que os rituais de cura não se resumiam (resumem) a simples utilização de ervas ou componentes elaborados com elementos presentes de

¹³¹ RIEDEL, Oswaldo. Apresentação. In: GALENO, Juvenal. **Medicina Caseira**. op. cit. s/p.

¹³² THEÓPHILO, Rodolpho. **Varíola e Vacinação no Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. p. 17.

¹³³ CZERESNIA, Dina. **Do Contágio à Transmissão**: ciência e cultura na gênese do conhecimento epidemiológico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997. A pesquisadora nos apresenta duas concepções que faziam com que as noções de miasma e contágio coexistissem sem grandes diferenciações entre elas. A primeira seria a ontológica e a segunda a dinâmica, que fora formulada no mundo grego de acordo com a idéia de *physis*, e que se constituiu no pensamento médico até ao século XVI, através das teorias hipocrática e galênica. Para Dina, foi somente por volta dos séculos XVIII e XIX, através das disputas entre contagionistas e anticontagionistas, que houve a motivação para as disputas entre as práticas sanitárias, ocasionando assim o movimento da higiene pública que se encontrava bastante interventivo no século XIX, fazendo com que o médico desenvolvesse uma tarefa política e a medicina se “uniria” ao destino do Estado.

forma fácil no cotidiano, requeria também uma relação direta com o misticismo e a crença.

No dia 24 de janeiro de 1851, o jornal *O Cearense*¹³⁴ trouxe, em suas páginas, uma carta, remetida do Crato, publicada por uma pessoa que se denominava por *um allopata velho*, que ensinava uma receita para a cura de várias enfermidades (palpitações do coração, tremores do fígado, dor de cabeça, falta de respiração, de ouças, de sono, dor de estômago, vagados e fraqueza nas pernas com pulso fraco). A sua autodenominação de *allopata velho* trazia implícita a necessidade da confiabilidade das pessoas que fizessem uso de sua terapêutica em sua experiência na arte de curar.

A receita fugia das manipulações ditas como tradicionais de ervas ou substâncias farmacológicas, pois usava a carne de um pássaro que tinha *por costume pôr seus ovos nos locais do roxêdo*.¹³⁵ E a descrição detalhada do pássaro comprova a sua eficácia única para a cura das enfermidades, funcionando assim como ingrediente principal do ritual:

Este pássaro quando nasce tem uma penugem toda amarella: depois muda e lhe sobrem canhões; e por último lhe nascem umas penas pretas, e com ellas vive, e morre: este pássaro sustenta-se das carnes dos animais que morrem nos campos, e tão bem como cobras; usa dormir em cima das arvores; voa muito alto; e como tem uma vista muito fina, com muita facilidade descobre a comida, seo único desejo neste mundo, e por esta causa aborrecido de todos os viventes, e com especialidade dos fasendeiros dos certões em tempos das secas.¹³⁶

O consumo da carne do pássaro faria *descarregar todos os humores desde a cabeça até as tripas*.¹³⁷ Da ave também serviriam as penas para evitar doenças, tamanha era sua importância e eficácia.

Queimão se as penas; e depois de bem moiadas junta-se lhe uma libra de sal torrado, um vintém d'alho, derrei de pimenta do reino, um tostão de cominho, uma onça de gengibre, folhas de ortelam, de arruda, e de

¹³⁴ Jornal **O Cearense**. 24 de janeiro de 1851. Nº 3999. p.03. Anuncio: A Pedido.

¹³⁵ Id. Ibidem.

¹³⁶ Id. Ibidem.

¹³⁷ Id. Ibidem.

ortiga cansanção: reunidas todas esas iguarias, bota-se em uma panella de barro massapé e deita-se um caneco de golda de angico, e põem-se a ferver ao fogo; e depois de bem quente, ressolve bem, e lançar-se em uma goela dos barbatões das Russas e tomasse a qualquer hora do dia, e mesmo em qual quer lugar, executando o largo da orda do sino para algum as não corromper o tom do metal.¹³⁸

O momento dos rituais, das práticas do povo, pode ser considerado como uma fuga temporária da realidade, fundamentado em um tempo e espaço específicos. Sobre essa apreciação da realidade Johan Huizinga fez uma importante consideração ao relacionar o “jogo” como elemento cultural significativo.¹³⁹ Para o autor, em determinados momentos do jogo, no sentido em que transcende o físico, a um sentido de ação relacionado com a própria vida, que não está diretamente relacionado com a vida “corrente”, “real”, sendo uma atividade temporária que intercala a vida quotidiana. “O jogo tem, por natureza, um ambiente instável. A qualquer momento é possível à ‘vida quotidiana reafirmar seus diretos’”.¹⁴⁰ Logo, tentaremos esboçar considerações de como o homem ao longo do tempo, buscou uma relação simbólica e prática com suas crenças de cura, tendo como recurso as plantas medicinais, buscando refletir sobre suas criações e simbologias. Pois, somos de acordo com Dina Czeresnia ao afirmar que há na atualidade uma tendência em tentar racionalizar e encontrar uma lógica em algumas das práticas provenientes da Idade Média, relegando as demais à esfera de crenças e superstições sem fundamentação e que, com tal posicionamento, “(...) deixa-se de pensar qual a significação desse conjunto, que hoje se apresenta como desconexo e inconsistente”.¹⁴¹

Entendemos que não se deve conhecer a vida humana de forma “pacata” e singular e que o cotidiano não é simplesmente algo que se repete ordeiramente. A

¹³⁸ Id. Ibidem.

¹³⁹ HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: O jogo como elemento da cultura. SP: Editora Perspectiva, 1926. Huizinga procurou trazer uma reflexão de como o jogo ultrapassa os limites da atividade física ou biológica, para dar sentido a uma ação temporária da cultura, como, por exemplo, os rituais religiosos. Para o autor, esse “jogo social” se relaciona pela liberdade e consciência de seus participantes da evasão da “vida real” em determinados limites de espaço e de tempo. “Dentro dos limites do jogo, as leis e costumes da vida quotidiana perdem validade” (pág. 15). E, ao seu término, a vida individualizada de cada um continua.

¹⁴⁰ Id. Ibidem, p. 24.

¹⁴¹ CZERESNIA, Dina. **Do Contágio à Transmissão**. op. cit p. 47.

cotidianidade também possui sua riqueza: “(...) en ella se esbozan las más auténticas creaciones, los estilos y formas de vida que enlazan los gestos y palabras corrientes com la cultura”.¹⁴² Para se conhecer a vida cotidiana é preciso uma análise crítica que perpassa os gestos repetidos, corriqueiros e “tradicionais”. Paoli,¹⁴³ parafraseando Raymond Williams, considera que toda sociedade convive com formas arcaicas, residuais e emergentes. A cultura dominante não exclui todas as práticas populares. “A vivência cotidiana, enquanto espaço de formação de sensibilidades e produção de sentido, continua se alimentando dos ‘resíduos’ que configuram a memória (...) e vislumbram projetos do futuro”.¹⁴⁴ São práticas e temporalidades que se encontram no cotidiano. E o importante no trabalho do pesquisador é procurar não idealizar a cultura popular como “pura”, mas problematizá-la, procurando sempre interrogar e estranhar o “normal”. E para nosso trabalho, o estranhamento sobre o “normal” se refere às práticas populares de cura. Algo tão presente, cotidiano e corriqueiro, que muitas vezes se apresenta sem ser percebido. Mas que a sua prática envolve várias noções como o significado de doença e cura para as camadas populares; e tais concepções se unem nas teias dos rituais que envolvem crença e fé.

2.1. Historicizando as Práticas Populares de Cura

A escolha por trabalharmos somente com três enfermidades, dentre as 178 listadas por Juvenal Galeno, é justificada pela dificuldade de se encontrar fontes sobre as doenças e sua história.

Localizamos muitos manuais, dicionários e livros sobre patologias, entretanto seus conteúdos limitavam-se à descrição da doença, seus sintomas,

¹⁴² LE FEBVRE, Henri. Introducción a la Psicosociología de la Vida Cotidiana. In: **De la Rural a lo Urbano**. Barcelona: Lito-pison, 1978. p. 86.

¹⁴³ PAOLI, Maria Célia e ALMEIDA, Marcos Antônio de. Memória, Cidadania e Cultura Popular. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Cidadania. nº 24, 1996.

causas e diagnósticos. O que é facilmente compreensível, pois essas produções são destinadas a um público específico, os médicos. Para esses leitores, pelo menos para parte dele, as produções objetivas, quanto sua aplicabilidade, tornam-se mais úteis.

Apesar da dificuldade apresentada acima e de não ter se tornado possível enumerarmos as doenças sob a forma de “blocos” fechados, categorizando-as entre epidêmicas e endêmicas, devido à falta de informações e as oscilações de algumas enfermidades nos anos de sua ocorrência, como era o caso das *febres intermitentes*, demos prioridade à historicização das práticas populares referentes às doenças, durante a segunda metade do século XIX, com maior constância nos Relatórios de Presidentes de Província. Tal registro evidencia que houve uma maior preocupação por parte do governo para suas curas. Entretanto, iniciamos nossa reflexão com uma doença, cegueira noturna, que só foi registrada na fala de 1878 do presidente José Júlio, e sob orientação do médico Guilherme Studart.

O porquê de introduzirmos nossa reflexão por essa enfermidade se deve ao fato de que a prática popular para a sua cura despertou tanto o interesse médico, pois foi registrada por Guilherme Studart em *Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará* e por Rodolpho Theóphilo em *Varíola e Vacinação*, como também pelo presidente José Júlio, que estabeleceu certa eficácia ao tratamento popular ao registrar que as doenças daquele ano “(...) cediam ao emprego de remédios aconselhados pela medicina popular”.¹⁴⁵ E, principalmente, por nos evidenciar que as práticas populares de cura não são postas em práticas apenas em períodos de grandes epidemias, mediante a ausência de socorro público, são práticas usuais da população de forma geral em qualquer período ou circunstância.

¹⁴⁴ Id.Ibidem. p. 190-191.

¹⁴⁵ Falla com que o Ex^{mo}. Sr. Dr. José Júlio de Albuquerque Barros, Presidente da Província do Ceará, abriu a 1ª sessão da 24 legislatura da Assembléia Provincial no dia 1 de novembro de 1878.

2.1.1. Cegueira Noturna (vitamina A)

A alface das nossas hortas
É do ópio sucedâneo:
Acalma dores e tosses,
Seu efeito é instantâneo.

Serve o chá das suas folhas
Para curar os nervos,
E para banhar os olhos
Inflamados, dolorosos.

(Juvenal Galeno. Alface. In: ____ . **Medicina Caseira**)

Inúmeras foram as práticas populares localizadas para a cura das doenças dos olhos. Embora Juvenal Galeno não cite outras a não ser as que provêm do reino vegetal diretamente, localizamos com freqüência a existência de diferentes práticas populares, que usam outros meios como cura da cegueira noturna, como, por exemplo, o fígado de boi. Que também fora registrado por médicos como Rodolpho Theóphilo e Guilherme Studart.

A população cearense sempre foi vítima de grandes períodos de seca, dentre as de maior intensidade as de 1721-1725, 1790-1793 e 1877-1878, flagelando e matando muitas pessoas. Com os períodos da estiagem, chegavam a fome e a pobreza, as doenças e epidemias. Os livros de Rodolpho Theóphilo e Guilherme Studart descrevem o sofrimento e a dor da população, sobretudo do sertão, nos constantes deslocamentos campo/cidade em busca de alimentação e auxílio por parte do governo. Entre o caminho ficavam vidas e sonhos; as únicas companheiras eram a esperança, a fome e as doenças.

Os retirantes, ao chegarem à capital, encontravam mais pobreza e fome, quando muito, eram recolhidos nos abarracamentos criados pelo governo como forma de vigiar e controlar a população famélica que persistia em habitar as praças e ruas da cidade. Muitas das enfermidades que os acometiam eram causadas pela ausência de vitaminas, que deveriam provir de fonte exógena, pois

o organismo não as sintetizam. Essa ausência vitamínica pode se dar das seguintes maneiras:

1. *Deficiência primária*

Os requerimentos dietéticos diários não são alcançados.

- a . Ignorância
- b . Fadismo
- c . Causas psicológicas
- d . Pobreza

2. *Deficiência secundária (induzida)*

Os requerimentos dietéticos são alcançados.

- a. Redução ou defeito na utilização, desequilíbrio na proporção entre os nutrientes (*imbalace*), ingestão diminuída.
- b. Aumento da utilização
- c. Aumento das perdas
 - (1) Má absorção
 - (2) Excreção

Quadro demonstrativo das origens dos estados de deficiência primária e secundária¹⁴⁶

Com relação ao Ceará e sua situação de pobreza na seca de 1878, identificamos que em muitos casos a carência da vitamina se dava em sua forma primária, ou seja, má alimentação. Nos períodos de estiagens um dos principais alimentos distribuídos pelo governo era a farinha. Tal distribuição alimentar fazia com que o organismo humano se encontrasse em estado de constante carência de vitaminas, o que favorecia ao surgimento de enfermidades.

As doenças eram inúmeras. Uma que foi bastante destacada em 1878 pelos memorialistas, e constava também no Relatório do Presidente da Província do ano corrente foi a hemeropia (cegueira noturna) ou nictologia. Anterior a esse período, localizamos o registro de George Gardner, naturalista escocês que visitou

¹⁴⁶ VITALE, Joseph J. Doenças Carenciais. In: ROBBINS. Stanley L (org.). **Antologia Estrutural e Funcional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1975. p. 430.

o Brasil entre 1836 a 1841, realizando trabalhos de identificação de espécies animais e vegetais, deixando na sua produção textual registro sobre o povo brasileiro. Em sua passagem pelo Ceará, observou que a oftalmia era uma doença endêmica na cidade do Crato: “A oftalmia é verdadeiramente endêmica e, em certa parte do ano, poucos escapam a seus efeitos (...). a cegueira é uma conseqüência bem comum e em parte alguma vi mais cegos que aqui neste distrito”.¹⁴⁷

Guilherme Studart, em seu livro *Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará* também registrou a verificação de vários casos da doença em Maranguape, no abarracamento de Pacatuba e em Acaraú.

A hemerolopatia é uma doença causada pela ausência de vitamina A e os sintomas só foram identificados nos meados do século XIX. Nesse período, a afecção era denominada de *oftalmia brasiliense*, e suas vítimas principais eram os escravos, devido à deficiência na sua alimentação.

A primeira descrição da doença aconteceu em 1865, tendo sido posteriormente identificados vários outros casos de cegueira noturna como aconteceram em 1887 com os católicos russos ortodoxos que jejuaram no período da Quaresma, ocasionando a doença de forma endêmica. Posteriormente, em 1913, dois grupos de pesquisadores independentes (Osborne e Mendel; Mc – Collum e Davis) descobriram que animais que só se alimentavam de toucinho apresentavam uma deficiência alimentar, e que esta carência poderia ser corrigida com a adição de substâncias como manteiga, gema de ovo e óleo de fígado de bacalhau na alimentação.¹⁴⁸ Assim, através de observações experimentais, mais do que clínicas, é que se chegou à doença e sua causa: cegueira noturna era causada pela carência de vitamina A.

¹⁴⁷ GARDNER, George (1812-1849). **Viagem ao Interior do Brasil, principalmente nas Províncias do Norte e nos Distritos de ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841.** Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; SP, Ed. Da Universidade de SP, 1975 (1ª edição 1846). p. 97.

¹⁴⁸ MANDEL, George H. Vitaminas Lipossolúveis. In: GOODMAN, Louis S. e GILMAN, Alfred (orgs). **As Bases Farmacológicas da Terapêutica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1973 (1ª edição 1941).

Até a descoberta da cura da doença, outros tratamentos, sobretudo os populares, eram empregados para a obtenção da cura. Guilherme Studart registrou um costume popular de terapia da doença:

Um tratamento energicamente tonificante fazia desaparecer a singular affecção visual; a medicação popular empregada contra ella, e que surtia effeito, era a instilação nos olhos da salmoura do figado do boi ou carneiro levado ao fogo.¹⁴⁹

Rodolpho Theóphilo com um olhar de farmacêutico, apesar de analisar as práticas utilizadas pelo povo com descaso e recusa, deixou transparecer em seus registros momentos em que, com lógica ou não para a ciência médica, às vezes, essas práticas populares eram eficazes. Enquanto os médicos buscavam controlar e combater a doença através de seus medicamentos, o povo

sempre infenso ás drogas de pharmacia, applicava, e com excellentes resultados, um tópicó em lugar de medicamentos internos. Assava sobre o fígado do boi, extrahia-lhe a salmoura, que installava sobre o globo do olho. Muitos, ou quase todos, assim se estabeleciam.¹⁵⁰

Há mais de três mil anos, o fígado de boi já era usado para a cura da cegueira noturna,¹⁵¹ embora nesse período as vitaminas ainda não tivessem sido descobertas.

O holandês Guilherme Piso, em sua passagem pelo Brasil, por volta de 1638, como médico de João Maurício de Nassau e chefe dos serviços médicos das Índias Ocidentais, identificou que os nativos faziam uso de várias plantas para o mal dos olhos como o líquido tirado dos espinhos da *Samouna*, que seria usado diretamente nos olhos ou ao redor deles, o pó da *Ibahirába* juntamente com

¹⁴⁹ STUDART, Guilherme. **Climatologia, Epidemias do Ceará**. op. cit. p. 40-41.

¹⁵⁰ THEÓPHILO, Rodolpho. **Variola e Vacinação no Ceará**. op. cit. p. 170. O médico em seu registro evidencia essa prática popular como sendo aplicativo para a cura do beribéri, em 1878, e não para a cegueira noturna. Acreditamos que há uma divergência quanto a doença. Pela própria descrição da mesma, da datação e do uso popular, fica evidente que não se tratava do beribéri, mas da oftalmia. Os sintomas do beribéri, que em cingalês significa “debilidade” e é causado pela carência de vitamina B (Tiamina) se relacionam ao sistema nervoso e cardiovascular. A doença se manifesta de três formas: *beribéri seco*, sintomas e sinais envolvem principalmente o sistema neuromuscular; *beribéri úmido*, com distúrbios neuromusculares acompanhados de edema; e *beribéri cardíaco*, apresentando, principalmente, descompensação cardíaca.

¹⁵¹ VITALE, Joseph J. Doenças Carenciais. In: ROBBINS, Stanley L. (org.). **Antologia Estrutural e Funcional**. op. cit. p. 434.

tabaco ou o suco destilado das suas cheirosas flores, as raízes da *Jaborandi* e a água da *Manipuéra* retirada da raiz da *mandihoca* que, apesar de venenosa, corrigia a visão. E além desses remédios, “(...) os lusitanos e os bárbaros atestam que se recuperam a vista comendo o fígado fresco do peixe tubarão, ou conservando num pouco de sal”.¹⁵²

A descrição do médico só não se torna mais enriquecedora porque não descreve como se dava a preparação e a escolha dos “medicamentos” pelos nativos, tanto pelas plantas como pelo peixe. Se no período referenciado acima, as propriedades medicinais das plantas ainda não eram conhecidas, que relações simbólicas (forma, cor, cheiro, etc.) eram atribuídas às plantas? São inquietações que se configuram como ausências em nossa pesquisa. Por outro lado, seu registro nos possibilita perceber que as práticas empregadas pelo povo em pleno século XIX foram também utilizadas pelos indígenas no século XVII, e subentendemos também que criadas por eles, porque Piso afirma ter registrado no livro apenas as receitas que não se faziam ou não eram conhecidas na Europa.

O médico holandês atestou certo sentido a tal prática, ao estabelecer uma comparação com as anotações de Hipócrates no tratado da vista sobre o assunto que, segundo Piso, estava registrado: “Ministra-se um ou dois pedaços, tão grandes quanto se possam engolir, de fígado de boi, ensopado em mel”.¹⁵³ Como podemos observar, a empiria fazia com que a eficácia da aplicabilidade fosse confirmada, fazendo com que seu uso se tornasse corriqueiro e comum. E que tal prática remonta a períodos remotos e que circula nas mais variadas culturas.

Se a ausência de vitaminas causa danos à saúde, o excesso também causa toxicidade aguda de hipervitaminose A. A mesma foi descrita pela primeira vez pelos primeiros exploradores do Ártico que notaram que a ingestão de fígado de urso polar ocasionava o desenvolvimento de cefalalgias, vertigens, vômitos e diarreias, com posterior descamação da pele.¹⁵⁴

¹⁵² PISO, Guilherme (médico de Amsterdão). **História Natural e Médica da Índia Ocidental**: em cinco livros. Volume V. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e cultura/Instituto Nacional do Livro (Coleção de Obras Raras). 1957. p. 91.

¹⁵³ Id. Ibidem. p. 91.

¹⁵⁴ VITALE, Joseph J. Doenças Carenciais. In: ROBBINS. Stanley L (org.). **Antologia Estrutural e Funcional**. op. cit. p. 436.

A cegueira noturna representa apenas uma das inúmeras doenças que podem se manifestar na visão. Outra bastante corriqueira entre as pessoas é a inflamação. E como é de costume popular criar seus recursos “próprios de viver”, para desinflamar seus olhos, o povo fazia uso de plantas que são conhecidas pelo seu poder medicinal calmante e emoliente, como é o caso da alface. Das suas folhas são feitas cocções, infusões e cataplasmas para a cura de irritação intestinal, afecções da pele e insônia.¹⁵⁵

Suas propriedades refrescantes e emolientes são conhecidas de longas datas. Luiz Gomes Ferreira, por volta do século XVIII, já se utilizava da alface e suas propriedades:

Cozendo a semente de alface, bebendo do seu cozimento e comida a semente, provoca o sono; a dita semente, feita em pó e misturada com leite de mulher que crie menina e gemas-de-ovos, fazendo um cataplasma aplicada na testa, também provoca o sono (...).¹⁵⁶

Como podemos verificar o povo nas suas práticas populares criava sua própria medicina, atribuindo significado e credibilidade às mesmas. No caso referido acima, não é apenas a alface que oferece o resultado esperado, mas a inclusão de outras substâncias que parecem de grande relevância, pois a mulher deveria criar uma *menina*, não bastava ter filho, o que evidencia certa prática ritualística.

A mulher, desde a Idade Média, era percebida como um ser portador de feitiçaria,¹⁵⁷ a qual desenvolvia magia para o bem e o mal. Neste caso, percebe-se a presença da mulher como feitiçeira boa, que se utilizava de sua terapêutica para curar as enfermidades do corpo. Através de suas receitas, que se davam através de misturas de plantas e unguentos, as feitiçeras exerciam a função de médico popular.

¹⁵⁵ VER: BAMÉ, François. **Plantas Mediciniais**. Editora Hemus: São Paulo; 1978.

¹⁵⁶ FURTADO, Júnia Ferreira. **Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. p. 441.

¹⁵⁷ Sobre bruxaria e feitiçaria ver: BETHENCOURT, Francisco. **O Imaginário da Magia: feitiçeiros, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI**. SP: Companhia das Letras, 2004 e

Na receita de Luiz Gomes Ferreira, torna-se evidente a presença, no período colonial brasileiro, do papel mítico da figura feminina no seu aspecto positivo, pois existe toda uma simbologia ao redor da figura da mulher e do seu leite materno, fruto de um parto de uma criança do sexo feminino. Nessa perspectiva, é que “instituições, crenças, hábitos comuns, geradores de ou gerados por um comportamento social, desvendam uma sociedade singular dentro do tempo e do espaço, dentro do processo histórico”.¹⁵⁸ É um universo mental que busca soluções para suas inquietações e indagações frente a tudo que circunda o homem.

2.1.2. Desynteria (Ipecacuanha)

Chama o povo <<papaconha>>
À branca ipecacuanha,
Que sempre foi empregada
Por sua fama tamanha

(...)

E é remédio inocente,
Nas doenças dos meninos:
Das doenças respiratórias
E também dos intestinos

(Papaconha. In: **Medicina Caseira**)

A ipeca, também conhecida como “raiz do Brasil”, cuja fonte é constituída pela raiz ou rizoma seco da *Cephaëlis*, ipecacuanha ou acuminata, plantas naturais do Brasil e da América Central, mas também cultivadas na Índia e na Malásia, era utilizada pelos índios brasileiros para o tratamento da diarreia.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e História**: as práticas mágicas no Ocidente Cristão. SP: EDUSC, 2004.

¹⁵⁸ NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e História**: as práticas mágicas no Ocidente Cristão. op. cit. p. 10.

Em 1672, o médico francês Legras, levou da América para Europa certa quantidade da planta e a vendeu sob o nome de “minas de ouro”. O seu uso inicial se deu de forma incorreta tendo ocasionado seu descrédito. Somente em 1686, quatorze anos depois, foi introduzida em Paris pelo médico Helvetes que, ao provar, através de experimentos, a importância da ipecacuanha para várias moléstias, ganhou honras e riquezas de Luiz XIV, o que fez com que seu uso fosse rapidamente difundido por toda a Europa. Tal difusão fez com que outras plantas fossem associadas a ipecacuanha, produzindo assim falsas assimilações às plantas e suas propriedades medicinais:

O Véo que cobria a sua origem e a avidez do lucro nos mercados ocasionarão numerosas falsificações. Cada paiz da America julgou possuir esta preciosa planta, e o nome de ipecacuanha foi applicado a muitas raizes que não offerecem com a poaya do Brasil outras analogias senão a de excitar os vomitos em virtude do principio acre que contém. D’ahi vem o grande numero de ipecacuanha falsas que se achão no commercio.¹⁵⁹

A utilização da planta se dava puramente através do empirismo até 1912, quando estudos científicos demonstraram, *in vitro*, a eficácia da emetina contra a *E. histolytica*, dando início a sua utilização nas infecções amebianas.

Segundo Rodolpho Theóphilo,¹⁶⁰ o seu emprego, devido às suas propriedades medicinais, é bastante antigo. Buscando uma certa historicidade para sua utilização, o médico nos deixa registrada uma lenda sobre seu uso:

Uma lenda indigena diz que um cão, chamado *guará*, de tempos a tempos adoecia e, em vez de ficar na taba, procurava a floresta e lá, em certo sitio, cavava a terra e tirava a raiz de uma planta que comia; depois vomitava muito e voltava á taba restabelecido e forte por muito tempo. O *pagé* notou que o cão só adoecia quando bebia aguas impuras de pantanos e a exemplo seu usou, com os de sua tribu, da raiz que o animal usava quando doente, que era a ipecacuanha, e ficaram curados de uma dysenteria que todos os annos os accommettia.

¹⁵⁹ CHERNOVIZ. Pedro Napoleão. **Dicionário de Medicina Popular e das Sciencias Accessorias**. 6ª edição. Paris, A Roger & F. Chernoviz, 1890. p. 226.

¹⁶⁰ THEÓPHILO, Rodolpho. **Variola e Vacinação no Ceará**. op. cit. p. 335.

No século XIX, no Ceará, a população ainda estava fazendo uso dessa planta como remédio em forma de chá. O seu registro por Juvenal Galeno possibilita pensar sobre que momento era este, que trazia a necessidade de se registrar tal prática como forma de “preservação de conhecimento”.

Em 1905, a cidade de Fortaleza foi atacada pela doença de forma epidêmica, tendo aparecido novamente em 1907 e 1908. O povo a denominou de *ligeira* como verificamos no poema “A ‘Ligeira’”:

É nome que dá o povo,
Quando há epidemia
De diarréias agudas,
E também disenteria.

(...)

Era também chamada de *pernambuco*, por ter vindo deste Estado a doença. Somente em Fortaleza os registros de óbitos foram:

Em 1905 faleceram por dysenteria em Fortaleza 8 pessoas em Fevereiro, 78 em Março e 142 em abril, havendo no dito período de 3 meses mais 141 obitos por enterite, gastro-enterite e entero-colite, o maior numero em crianças já se vê. A epidemia de 1908 si bem que extensa foi muito menos mortifera, registraram-se apenas 39 obitos. Em 1907, foram 30 os casos fataes.¹⁶¹

Como podemos perceber, o povo estava fazendo uso do que lhe era acessível, a planta de quintal, comprovando na sua empiria o resultado da eficácia; que a medicina por sua vez se apropriou do saber popular para transformá-la em produto farmacológico.

2.1.3. Febres (Quina)

É sucedâneo da quina,
Pois de febres é meizinha,
Como salsa, cura sífilis
A dermatose daninha.

¹⁶¹ STUDART, Guilherme. *Climatologia, Epidemias do Ceará*. op. cit. p. 61.

Embora o fragmento do poema a cima esteja se referindo à Parreira Brava, também conhecida como *Abutua butua*, planta trepadeira do Brasil, que, segundo Napoleão Chernoviz, no seu *Dicionário de Medicina Popular*, foi levada do Brasil para a Europa em 1688, tendo sido empregada pelos médicos como diurética, nas hidropisias. O verso fala da importância da quina para a cura de febres. Por ser um vegetal muito usado e conhecido, resolvemos refletir um pouco sobre sua vulgarização.

A quina, através do seu princípio ativo quinino, apresenta propriedades tônicas e febrífugas, que se fazem importantes para o combate às febres. Oriunda da América do Sul, a planta apresenta três tipos medicinais: a *quina vermelha*, a *cinzenta* e a *amarela*, as quais, segundo Chernoviz, apresentam-se como as de uso mais corrente pela medicina, dentre as vinte e cinco espécies existentes aproximadamente.

O primeiro registro escrito do uso da quina ocorreu em um livro religioso escrito em 1636, e publicado na Espanha em 1639. O autor, um monge agostiniano de nome Calancha, de Lima, Peru, escreveu: “Na aldeia de Loxa cresce uma árvore a que chamam ‘árvore da febre’ cuja casca, da côr da canela, pulverizada em quantidade equivalente ao pêso de duas pequenas moedas de prata, e dada com bebida, cura as febres terçãs.”¹⁶²

Muitas são as versões para a descoberta da cortiça da febre. Uma versão popular e que dura muito tempo é a que a condessa Anna del Chinchón, em 1638, esposa do vice-rei do Peru, utilizou a cortiça e sua cura milagrosa resultou na introdução da quina na Espanha em 1639 para o tratamento da malária. Não existe comprovação que tal história tenha realmente acontecido, mas, ainda assim, a mistura foi chamada por muitos anos como *Los polvos de la Condessa*. Contudo, o vice-rei levou um grande carregamento para a Espanha e em 1640, a droga estava sendo empregada em toda a Europa. Somente em 1643, é que seu

uso foi registrado na literatura médica européia por um belga chamado Herman van der Heyden.

Outros que também se serviram da quina e seu uso medicamentoso foram os padres jesuítas que importavam e distribuíam a quina pela Europa, fazendo com que a droga se chamasse “cortiça de jesuíta”. Os grupos médicos conservadores olhavam com desdém o novo antiterapêutico, por não estar de acordo com o ensinamento de Cláudio Galeno, o que fez com que a droga fosse aviada por muitos anos pelos “charlatões” e sob a forma de remédios secretos.

O reconhecimento oficial da quina só aconteceu em 1677, quando foi incluída numa edição da *London Pharmacopoeia* como ‘*Cortex Peruanus*’.¹⁶³ A quina ficou conhecida por suas propriedades febrífugas. Conta a lenda que um índio ardendo em febre e atormentado pela sede, bebeu da água de um lago em que haviam mergulhados alguns ramos de quina e ficou curado. Outros afirmam que um índio curou um espanhol com o pó feito da casca da quina.¹⁶⁴ Entretanto, não se sabe ao certo se os índios tinham conhecimento e estavam familiarizados com as propriedades medicinais da quina. Somente em 1820, dois séculos depois segundo as referências das descobertas “ao acaso” da quina, é que Pelletier e Canventou isolaram a quina e a chichonia da quina, o que fez com que seu uso se propagasse rapidamente.

No Ceará, o doutor José Maria Teixeira, em seu Relatório de Saúde sobre a cidade do Aracaty em 1879,¹⁶⁵ registra a utilização da quina, juntamente com eucalyptos globulares, para a cura das febres intermitentes, também conhecidas como sezões ou maleitas.

Esse tipo de febre é conhecido como intermitente porque “(...) ela aparece e desaparece sucessivamente, por intervallos mais ou menos longos, durante

¹⁶² CHERNOVIZ, Pedro Napoleão. **Dicionário de Medicina Popular e das Ciências Accessórias**. op. cit. p. 819.

¹⁶³ VER: ROLLO, M.. Medicamentos Usados na Quimioterapia da Malária. In: GOODMAN, Louis S. e GILMAN, Alfred (orgs). **As Bases Farmacológicas da Terapêutica**. op. cit.

¹⁶⁴ VER: REDONDO, Garcia e THEÓPHILO, Rodolpho. Botânica Elementar. **Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.**

¹⁶⁵ Relatório de Saude Publica da cidade de Aracaty feito pelo dr. José Maria Teixeira para o Presidente da Proíncia José Júlio Albuquerque Barros, 1879.

os quaes não existe vestígio algum de movimento febril”.¹⁶⁶ Os seus acessos variavam fazendo com que fossem atribuídos outros nomes para a mesma enfermidade:

Quando o acesso se repete todos os dias e á mesma hora, cham-se febre *quotidiana*; se de dois dias, *terçã*; se de tres dias, *quartã*. Aparecendo a febre duas vezes em vinte e quatro horas, chama-se *quotidiana dupla*. Estes typos são os mais frequentes; há ainda, mas são mui raros.¹⁶⁷

As febres, independente de sua denominação, representavam ser uma grande preocupação no Ceará durante a segunda metade do século XIX. Por várias vezes a indicação de sua ocorrência e os pedidos de socorros aos enfermos compuseram as páginas de ofícios destinados ao Presidente da Província do Ceará.

Em minha communição anterior, pude annunciar (...) a declinação do mal, que há meses, flagella esta cidade e seu municipio; mas parece que, de então para cá, o estado sanitário tem feiosado. Os casos de febres catarrhaes, aliás muito frequentês na passagem da estação invernosa para a secca, vieram complicar-se com as intermitentes simples e perniciosas, tomando estes de máo caracter e as veses com resultado fatal.¹⁶⁸

As demonstrações, descrições, do sofrimento do povo e a referência a quais pessoas eram atingidas, principalmente, vinham de várias localidades:

Tenho a honra de communicar a V. Ex.^{cia} que as febres intermitentes desenvolverão-se com maxima intensidade n’sta parochia, accomettendo de preferencia as classes indigentes, que, carecendo de remedios, deixão-se assoberbar pelo mal. A vista d’ste estado lastimoso tomo a liberdade de lembrar a V. Ex.^{cia} a necessidade de enviar uma ambulancia de medicamentos para distribuir se aos doentes pobres que tudo esperão do paternal governo de V. Ex.^{cia}¹⁶⁹

¹⁶⁶ CHERNOVIZ, Pedro Napoleão. **Dicionario de Medicina Popular e das Sciencias Accessorias**. op. cit. p. 1093.

¹⁶⁷ Id. Ibidem. p. 1093.

¹⁶⁸ Ofício expedido pelo Juiz de Direito Vicente Alves de Paula Pessôa ao Presidente da Província do Ceará. Data: Sobral, 24 de junho de 1872.

Assim, o que tudo indica, pela informação do ofício, é a presença das enfermidades nas classes mais desprovidas de recursos econômicos e a ausência de socorros públicos, que geralmente só vinham em períodos de grandes epidemias e após várias solicitações de ajuda.

2.2. As doenças no Ceará: salubridade, higiene e teorias epidêmicas.

O Ceará, durante o século XIX, apresentava uma salubridade precária e uma higiene pública omissa, o que facilitava o surgimento e proliferação de várias epidemias. Segundo Carlos Jacinto Barbosa,¹⁷⁰ foi durante a segunda metade do século XIX que as doenças começaram a preocupar com maior intensidade o poder público, devido ao alto índice de mortalidade e viraram notícias estampando as páginas dos periódicos cearenses.

Juntamente à posição omissa do governo somavam-se as secas e suas conseqüências, que flagelavam e dizimavam parte da população. Theóphilo registrou que, na seca de 1888, o governo pouco se preocupou com a endemia de varíola, não adotando medidas que a extinguisse:

A hygiene publica, por sua vez, acompanhava o vulgo, não isolava os bexigosos e nem tão pouco, depois de restabelecidos, lhes mandava desinfectar as casas, deixando assim espalhados por todos os cantos da cidade fôcos de contagio, colonias de microbios, esperando sómente a victima de seu ataque.¹⁷¹

¹⁶⁹ Ofício expedido pelo Vigário Padre José Albano ao Snr. Commendador Antonio Theodorico da Costa, vice Presidente da Província do Ceará. Data: Arronches, 11 de junho de 1883.

¹⁷⁰ BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. As Doenças Viram Notícia: Imprensa e epidemias na segunda metade do século XIX. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do e CARVALHO, Diana M. de (orgs). **Uma História Brasileira das Doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004.

¹⁷¹ THEÓPHILO, Rodolpho. **Varíola e Vacinação no Ceará**. op. cit. p. 47.

As doenças facilmente se propagavam. O contato direto com os doentes transferia a doença de uma pessoa à outra. Principalmente a classe pobre deixava de fazer a realização dos “rituais” fúnebres de isolamento do doente. A solidariedade e a compaixão entre os flagelados levavam-nos ao contato direto com os falecidos, facilitando o contágio.

No Ceará, esse contato se dava principalmente por falta de médicos e por causa da necessidade da sobrevivência. Alguns homens dispunham-se a transportar os doentes em troca de ração alimentar e aguardente. Somente ébrios dispunham-se a transportar os cadáveres dos variolosos ao cemitério. Theóphilo via esse transporte dos falecidos, vítimas da epidemia de varíola de 1878 pelas ruas de Fortaleza, com repugnância e atentado à Higiene Pública e à moralidade:

Imagine-se um cadaver, meio putrefacto, vestido apenas de ligeiros trapos, amarrado de pés e mãos a um páo, conduzido por dois homens, ordinariamente meio embriagados, e se terá visto o modo porque iam para a vala os retirantes mortos de varíola em Fortaleza.

Quantas vezes as famílias chegando as janellas de suas casas, entravam horrorisadas porque deparavam com estes esquifes estendidos nas calçadas e ao lado os carregadores, que excitados pelo alcool, descansavam da carga falando sem descanso. (...)

E assim expostos iam a luz do sol, a vista de todos, escandalizando o publico e mais comprometendo a saúde da empestada cidade.¹⁷²

A concepção de contágio esteve presente nas teorias hipocráticas e galênicas, relacionadas diretamente com a noção de miasmas. Essas teorias estiveram relacionadas de forma direta até o século XVI, após este século iniciou-se a tentativa de conhecer de forma mais científica a causa da doença e sua propagação no corpo, fazendo com que houvesse a formulação de duas teorias distintas: “a teoria da constituição epidêmica, derivada da concepção hipocrática, e a teoria do contágio, formulada por Fracastro”¹⁷³ em 1546. A teoria do Contágio tinha como principal característica a busca pela identificação da causa e origem das epidemias, não se limitando às explicações que se baseavam no desequilíbrio

¹⁷² Id. Ibidem, p. 13-14.

de humores e atmosféricos. Czeresnia nos apresenta de forma clara e objetiva a diferenciação entre as duas teorias:

A principal diferença entre as teorias do contágio e da constituição epidêmica, portanto, não diz respeito a uma oposição entre 'miasma' e 'contágio'. Ambas consideram que a doença se origina a partir de estímulos provenientes do mundo externo e do contato com outros homens. Uma, porém, enfatiza a necessidade de precisar o princípio ou o estímulo que produz a doença no corpo, encontrando assim sua causa; a outra, compreende a doença a partir da idéia de predisposição, seja do corpo seja do mundo externo. Uma, enfatiza valores operativos de localização e especificidade que possam produzir uma terapêutica generalizável; a outra, enfatiza valores de singularidade e totalidade, o que acarreta terapêuticas não generalizáveis".¹⁷⁴

Através do manuseio de nossas fontes, percebemos que no Ceará, durante o século XIX, não houve uma separação distinta entre a aplicabilidade dessas teorias. Ao mesmo tempo em que o governo, a Hygiene Pública mandavam aterrar pântanos e refletia sobre o melhor local para a construção dos cemitérios,¹⁷⁵ havia a prevenção da disseminação da doença através da utilização do isolamento, prática da teoria do contágio.

As doenças eram pensadas a partir de aspectos atmosféricos e da salubridade das localidades. O médico Liberato de Castro Carreira, em 1846, informa ao presidente da Província as causas de algumas doenças que eram diretamente relacionadas ao aspecto atmosférico e ao estado sanitário da Província:

E' sem duvida uma alteração atmospherica a causa das febres que ora soffremos: os symptomas, a marcha, indicão a existencia das febres gastro-biliosas que por algum tempo flagellarão Lausanne e Bicêtre. Admira porem que a natureza dessas febres, atacando muitos individuos ao mesmo tempo, não tenha o caracter contagiosos, sendo a causa mais determinante destas febres a habitação em um clima quente e

¹⁷³ CZERESNIA, Dina. **Do Contágio à Transmissão**: ciência e cultura na gênese do conhecimento epidemiológico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997. p. 49.

¹⁷⁴ Id. Ibidem. p. 54.

¹⁷⁵ Como tentativa de sanear o meio urbano, o cemitério de São Casimiro foi transferido da área urbana para o arrabalde de Jacarecanga, situado a oeste da capital. Com a mudança de localização o cemitério passou a se chamar São João Batista. O novo local evitaria que do cemitério se espalhassem germes por toda a capital, pois ficava do lado oposto do vento.

humido, logares pantanosos, a passagem rapida de uma estação á outra, a ingestão de substancias irritantes, etc., não nos devemos admirar do apparecimento, pois que a nossa cidade hoje oferece todas estas condições.¹⁷⁶

O médico cearense Guilherme Studart, no século XX, compartilhava da teoria miasmática ao referir-se também à salubridade urbana como causa da epidemia de disenteria que assolou o Ceará em 1905, 1907 e 1908. Assim ele registrou:

Para a explicação do mal, que reinou, penso ter cahido a responsabilidade principal ao uso de aguas infeccionadas. A meu ver a dysenteria é de origem hydrica na maioria dos casos. Estava muito pejado de impurezas o solo da cidade, cuja população cresce de dia a dia; as chuvas abundantes que então cahiram (...), filtrando-se e acarretando temiveis elementos morbigenos contaminaram algumas das fontes ou depositos de agua de que se abastece a população; por outro lado as aguas de chuva são polluidas, bem podem sel-o, pelas poerias atmosphericas e pelas que estão depositadas nos telhados: dahi o apparecimento dos casos, que, a principio isolados, esporadicos, chegaram a revestir o character epidemico, crescendo com o numero dos accommettidos a virulencia do quid (sic) especifico a ponto de se registrarem as formas as mais graves, gangrenas do intestino, sobressaltos dos tendões, estados typhicos.¹⁷⁷

Os médicos, durante o século XIX, pensavam os lugares a partir de suas concepções sobre a doença, o que fazia com que interferissem na própria estrutura urbana da cidade, aterrando rios e deslocando cemitérios. As doenças e suas causas eram muitas vezes descobertas na empiria, como podemos perceber no item *Saúde Pública* do Relatório do Presidente de Província de 1862, ao descrever como houve a manifestação da febre amarela em Sobral, e a partir desses indícios sobre a manifestação da doença, o Presidente da Província do Ceará mudou a localização do cemitério:

Dizem que da abertura de uma sepultura resultou da primeira e segunda vez a manifestação da enfermidade. A experiência vae demonstrando

¹⁷⁶ Situação referida pelo dr. Guilherme Studart em **Climatologia, Endemias e Epidemias no Ceará**.op. cit. p. 36

¹⁷⁷ Id. Ibidem. p. 60-61.

que as doenças contagiosas ou miasmáticas se desenvolvem pela abertura de sepulturas em que se encerravam os corpos daquelles que taes enfermidades haviam perecido; a terra é avara dos seus thesouros, e até parece-me que das cinzas humanas.

Á vista d'esse facto, e por solicitação da camara municipal, autorizei a construcção de novo cemiterio em posição mais conveniente do que a do actual (...).¹⁷⁸

Uma das formas de identificar, perceber e controlar as doenças, se dava sob a forma do isolamento. Isolar não significava simplesmente um preservativo dos saudáveis contra os enfermos, mas também uma forma de “estudar” a doença e sua evolução (sintomas).

Galeno, em *Medicina Caseira*, aponta como melhor prevenção para se evitar o contágio das doenças era afastar-se do contato físico entre as pessoas. A ausência do contato evitaria a transposição de organismos perniciosos à saúde.

Tendes mêdo das moléstias?
Quereis, leitor, isenção?
Acabai primeiramente
Com os apertos de mão.

Pois esta, sempre suada,
Longe d'água e do sabão,
Muitas vêzes indo às ventas
De quem sofre defluxão,

Pegando sempre em dinheiro,
Também na mão do doente,
Com certeza dos micróbios
É morada permanente.

Não falo em coisas ocultas,
Porque tenho educação:
Más não termina o contágio,
Havendo aperto de mão.¹⁷⁹

¹⁷⁸ Relatório com que o Dr. Manuel Antonio Duarte de Berredo passa a administração desta Província ao quarto vice-presidente da mesma, o Exm. Sr. Commendador José Antonio Machado, em 12 de fevereiro de 1862. Ceará: Typographia Cearense, 1862. p. 05.

¹⁷⁹ GALENO, Juvenal. O Contágio. In: _____. **Medicina Caseira**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1969. p. 92

A concepção de contágio que fora apresentada por Galeno está registrada na *Bíblia em Levítico*.¹⁸⁰ Nesse livro bíblico, há a prática do isolamento como forma de conhecer a doença (lepra), queima e lavagem de roupas para o controle da lepra:

Quando a lepra aparecer numa veste de lã ou de linho, num tecido de tela ou de trama, quer seja de lã ou de linho, numa pele ou num objeto qualquer de pele, se a mancha na veste, na pele, no tecido de tela ou de trama ou no objeto de pele, fôr esverdeada ou avermelhada, é uma lepra: será mostrada ao sacerdote. O sacerdote examinará a mancha e isolará durante sete dias o objeto atingido do mal. No sétimo dia examinará a chaga. Se ela se tiver espalhado pela veste, pelo tecido de tela ou de trama, pela pele ou pelo objeto da pele, seja qual fôr, é uma lepra roedora: o objeto é impuro. Queimará a veste, o tecido de tela ou de trama de linho ou de lã, o objeto de pele, seja qual fôr, em que se encontre a mancha, porque é uma lepra roedora; o objeto será queimado no fogo.” (..).¹⁸¹

No caso da gonorréia, a teoria do contágio se apresenta no livro bíblico de forma mais clara, pois qualquer pessoa que sentar na cama ou cadeira, tocar o corpo do doente ou estiver no mesmo ambiente deverá *lavar suas vestes, banhar-se-á em água, e ficará impuro até a tarde*.¹⁸²

Juntamente com a noção de contágio, encontramos também em Galeno práticas de higiene através de banhos:

É preceito de higiene
Tomar banho morno ou frio:
O rico, no seu banheiro,
E o pobre, dentro do rio.

Quem quiser andar bem limpo,
Neste mundo de imundícies,
Tire a roupa e tome um banho,
Deixando de esquisitices.

(...)

Há banhos indispensáveis,

¹⁸⁰ Levítico (décimo terceiro livro). In: **Bíblia Sagrada**.

¹⁸¹ Id. Ibidem.

¹⁸² Id. Ibidem.

Até na raça tapuia:
Bacia não tendo o pobre,
Toma-o sempre numa cuia.¹⁸³

E uma valorização do sabão, rendendo-lhe homenagem:

Homenagens nunca faltam,
Em nossa sociedade ...
Há muitos homens e coisas
Sem nenhuma utilidade.
E de ti ninguém se lembra,
Ó, sabão tão proveitoso!
Entretanto, tu mereces
De todos um preito honroso.
Se aquêle prestou serviço,
Na guerra ou paz, de valia,
Tu, em campo, denodado,
Combates a porcaria.
Se na vida é desgraçado
Quem não tem religião,
Com certeza não é limpo
Quem se esquece do sabão.¹⁸⁴

O termo *higiene* foi largamente utilizado durante o século XIX, constituindo tratados e práticas médicas que proporcionassem a conservação da saúde. A busca para a construção de uma salubridade, sobretudo, nos centros urbanos, através de inspetorias nos locais públicos e privados (casas, açougues, etc.) renovou certas práticas como o banho e o uso do sabão como formas de eliminar e combater a sujeira.

Para Vigarello, ao referir-se sobre a mudança de sentido atribuída à água desde a Idade Média, a água deixava de ser pouco a pouco percebida como um elemento degenerador da pele para o de purificação e defesa dos agentes causadores das doenças. “A água já não fragiliza as aberturas corporais. Protege-as. Afasta ameaças ainda imprecisas e, sobretudo, dinamiza as funções orgânicas acelerando a transpiração e a energia”.¹⁸⁵ A prática da higiene através

¹⁸³ GALENO, Juvenal. O Banho. In: _____. **Medicina Caseira**. op. cit. p. 110.

¹⁸⁴ GALENO, Juvenal. O Sabão. In: Id. *Ibidem*, p. 114.

¹⁸⁵ VIGARELLO, Georges. **O Limpo e o Sujo**: a higiene do corpo desde a Idade Média. Lisboa: Fragmentos, 1985. p. 142.

do banho só se consolidou a partir da segunda metade do século XIX. Anterior a esse período, a água ainda era percebida sob o prisma da desconfiança e da dúvida quanto a sua utilização. Os banhos tornavam os poros frágeis, expondo os corpos ao ar, o que facilitaria a aquisição de doenças.

A Higiene Pública também se utilizou da água como forma de sanear os centros urbanos. Em 1867, houve em Fortaleza, a canalização da água salubre do sítio Benfica para os chafarizes da capital. A firma, Ceará Water Company, encarregada pela canalização da água e sua distribuição em quatro chafarizes colocados em locais centrais no centro urbano iniciou seu trabalho em 1862 e concluiu em 1867.¹⁸⁶ Aparentemente a capital estava apresentando uma assepsia referente à proveniência da água que lhe provia. Porém, apesar do trabalho realizado pela empresa estrangeira, a água disponível não supria a necessidade de todas as pessoas da capital. No início do século XX, parte da água que era vendida para consumo em Fortaleza ainda era imprópria para o consumo, o que para Theóphilo apresentava-se como um risco para a saúde pública. O farmacêutico registrou em suas visitas pela periferia de Fortaleza as fontes que forneciam o seu abastecimento de água:

(...). E' de buracos tambem nesta area sub-urbana, que a população da capital se abastece d'agua. Sabia que a agua que se bebe em Fortaleza, vinha das areias, mas nunca imaginei que fosse tirada de semelhantes fontes. Fiquei escandalizado quando vi um destes pequeninos pantanos, abertos naquella areia safara, exposto totalmente ao sol, cercado de aguadeiros e de seus burricos. E como é colhida a agua. O animal, ordinariamente o jumento, é levado para a beira do poço, e enquanto elle se farta d'agua se lhe enchem os canecos. O fucinho do burro lavado ali causa menos nojo e é menos repugnante do que as cabelludas pernas dos aguadeiros que as vezes na fonte entram até mais cannela. Porcos por indole e por educação mui naturalmente pisam nagua e nella lavam o rosto e depois levam-na á vender aos habitantes da capital, que imprevidentes, como o aborigine, deixam de construir cisternas para recolher as aguas de chuvas, esperando talvez que o poder publico melhore as aguadas.¹⁸⁷

¹⁸⁶ PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001. p. 81-82.

¹⁸⁷ THEÓPHILO, Rodolpho. **Variola e Vacinação no Ceará**. op. cit. p. 117-118.

As medias adotadas pela Saúde Pública, como forma de sanear e medicar a capital não atingia a todos, como é possível perceber no caso particular da água encanada, sua distribuição ficou restrita a quatro locais específicos do centro urbano, deixando parte da população, principalmente as distantes, desprovida de água de boa qualidade, isso as levava a usufruir das poças provenientes da chuva.

A utilização dessa água, proveniente desses buracos, por parte da população, constituía-se como um caminho para as doenças e suas proliferações.

Entretanto, os preceitos da higiene não se limitavam somente ao corpo propriamente dito. As roupas limpas somar-se-iam com os banhos como forma de eliminar a sujeira, pois elas absorvem o suor e as impurezas. A sua troca fora observada desde o século XVI na Europa como significado de limpeza e de atribuição simbólica, pois representava riqueza para os ricos e decência para os pobres.¹⁸⁸

Galeno, em pleno século XX, no Ceará, chamava a atenção para essa limpeza externa, do tecido, associando a roupa limpa à imagem de higiene:

Leitores, quando deitardes,
A vossa roupa mudai:
A camisola ou pijama
Muito frouxo então usai.

Seja a roupa bem fervida
E depois enxaguada:
Assim fica mais saudável
E também mais asseada.
No calor, roupa de linho,
No frio, roupa de lã,
De algodão em todo o tempo,
Ou de noite ou de manhã.

Quando a roupa é bem lavada
E seca ao sol, é cheirosa,
Quem a veste experimenta
Sensação deliciosa.¹⁸⁹

¹⁸⁸ VIGARELLO, Georges. **O Limpo e o Sujo**: a higiene do corpo desde a Idade Média. op. cit.

¹⁸⁹ GALENO, Juvenal. A Roupa. In: _____ **Medicina Caseira**. op. cit. p. 112.

As constantes chamadas de Galeno para a higiene, através dos banhos e da roupa, deve ser atribuída à ausência de assepsia apresentada por parte da população de Fortaleza, principalmente a que habitava a periferia, o lado das *areias*, como era chamado um bairro afastado do centro urbano e ficava a leste de Fortaleza. A habitação era precária, composta por choupanas pequenas e de palhas. Nelas moravam pessoas que viviam aglutinadas sem grandes preceitos de higiene. Theóphilo, em uma de suas visitas ao bairro das *areias* para vacinar as pessoas contra a varíola, descreveu com certo desdém a falta de assepsia por parte dos moradores:

A operação começou pela destruição da crosta de sujo que cobria a pelle dos braços. Sem sabão, pois nunca me passou pela idéia encontrar semelhante sugidade, custei um pouco a vencer a camada de porcaria e chegar a pelle limpa. Fiz a assepsia, com solução de sublimado corrosivo e vaccinei a creança. Os outros deram mais ou menos o mesmo trabalho (...).¹⁹⁰

A falta de higiene por parte da população pobre, principalmente nas pessoas que moravam no sertão, era reclamação constante nos relatórios médicos. A sua ausência, juntamente com as péssimas condições de moradia, ajudava na proliferação de doenças. O Inspetor de Saúde Pública, em 1875, chamava a atenção para essa realidade o que evidencia a concepção de teoria miasmática fundamentando a percepção e discursos sobre a realidade:

O esquecimento da bôa hygiene, parte principalmente das classes pobres, que sobre não procurarem em tempo o auxílio da medicina, quando atacados, não se garantem das intemperies, e moram, ou em cazebres de palha, mal cobertos, em que facilmente penetram o ar frio da noite e a chuva, ou em pequenas casas melhor construidas, porem tão baixas que lhes falta as condições proprias para o arejamento e ventilação; juntando-se a estas circunstancias, já de si decisivas, o pouco aceio, a accumulção de materias excrementicias e esterquilinios nos quintaes, e carencia das mais communs necessidades da vida.¹⁹¹

¹⁹⁰ THEÓPHILO, Rodolpho. **Varíola e Vacinação no Ceará**. op. cit. p. 111-112.

¹⁹¹ Anexo nº 8 (Relatório do Inspetor de Saúde Pública do dr. Domingues Antonio da Silva) do Relatório com que o Excellentissimo Senhor Dr. Esmerino Gomes Parente abriu a 2ª sessão da 22ª

De acordo com o Inspetor de Saúde, era necessária uma polícia médica que interviesse diretamente na verificação dos óbitos das pessoas, como forma de identificar corretamente a doença e providenciar o seu sepultamento em locais apropriados, para evitar assim a proliferação de doenças e o enterramento de pessoas vivas. Somente com essa intervenção médica, policial, é que se tornaria possível corrigir as condições de salubridade do Ceará e criar dados estatísticos que contribuíssem para o estudo da ciência no que se refere às epidemias, além de contribuir para a investigação de crimes. Seu chamado para a importância da criação de uma polícia médica é pontual e claro, iniciado com a solicitação de uma regulamentação para que a verificação dos mortos fosse feita por um médico e não simplesmente por particulares com a licença de um vigário, que poderia ser facilmente enganado quanto à doença do falecido:

O maior dos perigos é que com a facilidade das inumações, e sem a precedência de um exame medico sollicita e cuidadosamente feito, póde dar-se horrivel possibilidade de vivos serem sepultados sob falsas apparencias da morte. (...)

Além de que, admittido que o obtuario exprima a realidade, vê-se que os passadores de bilhetes para o enterramento declaram a molestia, segundo a informação do interessado; podendo succeder que não só a molestia seja mui contraria á assignalada, como que o doente tenha fallecido de molestia infectuosa, e n'este caso acontece que á vista da licença do vigario, baseado no falso bilhete, são sepultados os cadaveres no cemiterio commum, provindo necessariamente d'ahi grandes males, quando se tiver de abrir essas sepulturas; facto este que, em minha opinião, deve-se ter dado mais de uma vez não só n'esta cidade, como tambem, e em maior escala, em toda a provincia, e que é, sem duvida, a causa do reaparecimento de algumas graves enfermidades que se tem desenvolvido.

Além d'aquelle mal de consequencias incalculaveis, com a verificação medica, a estatistica obtuaria seria mais aproximada da verdade, e de mais proveito para a sciencia.

Ainda não é tudo. Em um paiz como este, onde nenhuma policia medica há, onde se não investigam os obitos, e menos examinam-se as suas causas, quantos crimes commettem-se que passam impunes sob o

mysterioso veu de *mortes repentinas*; quantos delictos horrosos a terra tem encoberto, e continua a encobrir?¹⁹²

O médico, examinando todos os óbitos, representava uma maior legitimação na atribuição de sua causa morte (veneno, punhal, doença ou outro meio), o que ajudaria a desvendar alguns crimes. Assim, a criação de um serviço médico que trabalhasse junto com as autoridades policiais, conforme o Inspetor de Saúde era uma necessidade de primeira ordem que prestaria grandes benefícios à sociedade.

O debate em torno de uma polícia médica e da organização de um Instituto de Higiene no Ceará reapareceu novamente no Relatório de Hygiene Pública de 1894. O Governo Federal decretara no dia 11 de fevereiro de 1892 e regulamentara no dia 29 do mesmo ano a instalação de serviços de higiene pública e terrestre nos Estados através da lei nº 07.¹⁹³ O Inspetor de Hygiene Pública do Ceará, dr. João Marinho de Andrade, embasado na legislação, retoma o debate sobre a importância da reorganização do Serviço de Hygiene que, segundo ele, até o momento, não trazia nenhuma vantagem para o Ceará possuí-lo. Não existiam laboratórios específicos para fazer os estudos e análises dos alimentos, das infecções e das doenças, o que dificultava a fiscalização no que dependia de análises químicas; somado a isso, o pessoal encarregado da saúde pública era em número insuficiente para desempenhar um bom serviço no Estado. Todo esse abandono, por parte da Administração, poderia levar o Ceará a uma situação inabitável por insalubridade e anti-higiênica. Logo,

Urge que em beneficio de todos tome se desde já as providencias que reclamam as condições hygienicas da cidade, afim de que esta não se

¹⁹² Id. Ibidem., p. 03. Foi a primeira vez que identificamos uma solicitação direta para a constituição de uma polícia médica no Ceará. Até então, só havíamos localizado leis proibitivas a determinadas atividades como medicalizar sem ser portador de diplomas ou referentes à higiene pública (por exemplo, localização de matadouros, lixos nas ruas, etc.).

¹⁹³ Sobre a regulamentação da lei dos serviços de Higiene Pública ver: Relatório do Inspetor de Saúde anexo à Mensagem do Presidente do Estado, Coronel dr. José Freire Bezerril Fontenelle, à Assembléa do Ceará em sua 03ª sessão ordinária da 2ª legislatura. Fortaleza: Typ. d' A Republica, 1894.

transforme em um centro productor de epidemias e de molestias infecciosas, trazendo o seu descredito ou o seu despovoamento.¹⁹⁴

João Marinho de Andrade além de referir-se a outros Estados, como S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Pará, como locais que já tinham iniciado sua estrutura de reorganização nas repartições sanitárias, enfatiza que a organização de uma polícia sanitária bem estruturada traria para o Ceará benefícios do ponto de vista do povoamento de seu território e econômico, pois os serviços da repartição de Higiene Pública são inúmeros:

Cuidar do sólo, estudar o estado atmospherico, sanear as ruas, as casas, os esgotos das cidades, tratar da remoção das materias fecaes, do lixo da cidade, do abastecimento de agua, estudar e providenciar sobre as molestias reinantes, fiscalisar todos os hospitaes, preparar os hospitaes de isolamento, providenciar sobre o transporte de contagiados, ter em grande consideração a mortalidade, e exercer activa policia sanitaria – eis em rapida synthese o que compete á repartição de Hygiene Publica, e diga-se si é coisa de pouca monta e de nenhum trabalho o que ahi fica consignado!¹⁹⁵

Diante de tantas atividades a serem desenvolvidas havia a necessidade da criação de uma Repartição de Higiene Pública denominada *Inspectoria de Hygiene* composta pelos seguintes departamentos: um desinfectório, um laboratório de análises e um instituto vacinogênico. A finalidade da *Inspectoria de Hygiene* seria estudar os assuntos referentes à saúde pública tomando medidas em prol da salubridade e da atuação da polícia sanitária. A *Inspectoria* se estruturaria, quanto aos cargos, da seguinte maneira:

O seu pessoal se comporá de um inspector geral, um secretario, um medico demographista, um chimico analysta, um archivista, tantos commissarios de hygiene quantos fossem os districtos sanitaristas

¹⁹⁴Id. Ibidem. p. 72.

¹⁹⁵ Relatório do dr. João Marinho de Andrade, Inspector de Hygiene Publica do Estado do Ceará, em 1894. In: Mensagem do Presidente do Estado, coronel dr. João Freire Bezerril Fontenelle, á Assembléa Legislativa do Ceará em sua 3ª sessão ordinaria da 2ª Legislatura. Fortaleza: Typ. d A República, 1894. p. 73.

creados, dous auxiliares, um continuo, tres serventes, dous desinfectadores e um machinista.

Os cargos preenchidos por nomeação do Presidente do Estado, são vitalícios, e só por sentença os nomeados os perderão, e são os seguintes: o inspector geral, o secretario, o medico – demographista, o chimico analysta, o archivista: todos os mais serão preenchidos mediante proposta do Inspector geral.¹⁹⁶

No que se refere à atuação de cada departamento (dependência) a organização seria a seguinte:

- O Instituto Vacinogênico ficaria responsável pela produção da vacina animal e humana e sua distribuição;
- O Laboratório de Análises (ou *mixto*) examinaria os alimentos e medicamentos expostos à venda sempre que houvesse suspeita de falsificação, e, também, faria os estudos bacteriológicos;
- O Desinfectório ficaria responsável pela desinfecção de objetos contaminados.

Para que o objetivo da *Inspectoria de Hygiene* fosse alcançado no que se refere à salubridade e hygiene em Fortaleza, a cidade seria “(...) dividida em tres districtos sanitarios, tendo cada um o seu commissario de hygiene encarregado de vellar pela policia sanitaria e de fazer a vacinação na sua circunscrição”.¹⁹⁷ Os outros municípios poderiam criar seus serviços de hygiene, desde que ficassem sob a fiscalização da *Inspectoria de Hygiene*, que funcionaria como órgão maior em relação às repartições menores.

Com essa estrutura de organização, em que todos os departamentos de hygiene se interligavam, através de um ponto comum, que era a *Inspectoria de Hygiene*, tornava-se mais fácil refletir sobre as múltiplas formas de intervenção médica nas cidades e nas pessoas. Essa estrutura de intervenção médica, em forma de departamentos, que possibilitava conhecer a cidade e seus habitantes,

¹⁹⁶ Relatório do dr. João Marinho de Andrade, Inspector de Hygiene Publica do Estado do Ceará, em maio de 1895. In: Mensagem do Presidente do Estado do Ceará, C.^{el} dr. José Freire Bezerril Fontenelle, á respectiva Assembléa Legislativa em sua 4^a sessão ordinaria da 1^a Legislatura. Fortaleza: Typ. d’A Republica, 1895. p. 145-146.

evidencia claramente os objetivos da Medicina Social no que se refere ao policiamento dos corpos em função do Estado.

Os médicos procuravam atingir, além da cidade, o meio físico, o homem saudável, aquele que, provido de boa saúde, ajudaria com sua força de trabalho. Daí a importância de ampliar os preceitos médicos em todos os lugares, além da capital. Os discursos dos higienistas passaram a ser então progressistas e patrióticos.

Tomaz Pompeu, médico cearense, escreveu em 1896 um artigo na revista da *Academia Cearense*, denominado “Importância da vida humana como fator de riqueza”. Em seu texto, o médico fez valiosas observações sobre a importância da boa saúde como forma de obter braço humano para gerir o desenvolvimento do Ceará.

Desta exposição resulta que subtrair uma pessoa, um habitante, aos agentes morbigenos inherentes às condições telluricas do solo ou ao desprezo dos preceitos elementares da hyggine, equivale a concorrer para o aumento das forças productivas do paiz, eliminando ou minorando ao mesmo tempo o encargo resultante da invalidez ou da miseria, que disfarça ou claramente, sobrecarrea os impostos com que todo o cidadão contribue para as despesas do estado.¹⁹⁸

Segundo Tomaz Pompeu, o governo deveria destinar atenção principal para o homem e sua saúde, pois era através de seu trabalho que o governo conseguia rendas para subsidiar os serviços públicos. Daí a importância de se estabelecer um equilíbrio entre as taxas de mortalidade e natalidade.

O médico elencou como principais causas da mortalidade a carência de preceitos higiênicos e a ocupação das áreas, principalmente urbanas, através do aumento dos imóveis, que causava a derrubada das árvores que ajudavam na circulação dos ventos e na oxigenação dos materiais putrescíveis. Para Pompeu, as condições topográficas do solo cearense eram, de maneira geral, boas, o que dificultava a formação de fontes de insalubridade naturais, com exceção de

¹⁹⁷ Id. *Ibidem*. p. 146.

¹⁹⁸ POMPEU, Thomaz. Importância da vida humana como fator de riqueza. O Desenvolvimento de Fortaleza; sua natalidade e mortalidade; taxa excessiva desta. In: **Revista da Academia Cearense**. Fortaleza: Typographia Studart, 1896, p. 3-67.

alguns pontos próximos à orla marítima, que dificultavam o escoamento da água e formavam pequenos lagamares, pântanos ou maceiós. Assim, de maneira geral, as causas das doenças eram a falta de preceitos higiênicos e somente com a adoção de medidas higiênicas que fossem desde o consumo de água potável, à construção de esgotos e à diminuição do trabalho sedentário seria possível mudar o quadro da mortalidade no Ceará, que era em média 3,3 sobre 100 habitantes.¹⁹⁹ A maioria das causas das doenças eram modificáveis, caberia apenas ao governo, através da higiene pública, destinar maior atenção à questão da salubridade do homem e da cidade, principalmente àqueles retirantes que ficavam nos abarracamentos. Os abarracamentos, segundo Thomaz Pompeu, se constituíam como *rendez-vous* para as enfermidades transmissíveis, devido às péssimas condições de salubridade e à exposição dos anos climatéricos.

Por um lado o acumulo de população, mal alojada, ora exposta a todas as intemperies, ora encerrada em espaço estritos, infectos, sem ar, na maior promiscuidade de sexos, sem moralidade, nem a minima noção de higiene, andrajosa, sordidamente dessaseiada; por outro, condições telluricas da atmosphaera, rarefeita, quente, acrabunhadora, a escassez da alimentação, as privações de todo o genero, o desalento de espirito, a primeira por toda a parte e em tudo, bastavam para gerar o mais intenso foco de molestias contagiosas.²⁰⁰

O governo precisava adotar medidas voltadas para a higiene pública. Somente assim o quadro das epidemias poderia ser modificado. Durante a segunda metade do século XIX, inúmeras foram as doenças que atingiram a população cearense. Galeno, em *Medicina Caseira*, deixou registrada a ocorrência de 178 doenças com seus sintomas e síndromes:

Aborto, abscessos, almorreimas (hemorróidas), anemia, angustiosas (crises), areias (calculose urinária), asma, azia, baço, baço (cura), barriga (dores), belidas, beribéri, bexiga (dores), bichos-de-pé, bronquite, cabeça, cabeça (dores), calculose urinária, campainha (queda), cancro, cardialgia, catarrão, catarros, chagas, chagas cancerosas, cirrose, cistite, cólera, colerina, cólicas, cólicas das

¹⁹⁹ Id. Ibidem. p. 08.

²⁰⁰ Id. Ibidem. p. 67.

criancinhas, congestão, convulsão, coqueluche, coração (males do), corréia, corriqueiras, coriza, crupe, defluxão, defluxo, dentes (dor), diabete, diarréia, diarréia dos tísicos, digestão (má), disenteria, dispepsia, disúria, dor, dor “corriqueiras”, dor de ouvido, dormência nas extremidades, edemas, enfraquecidos, enjôos de mar, erisipela, eractações, escarlatina, escorbuto, escrofulose, esgotamento, estômago (moléstias), fastio, febre, febre amarela, febre intermitente, febre puerperal, feridas, feridas de sete ervadas, fígado, fígado (moléstias), flatulências, fleimão, furunculose, garganta, gastralgia, gengivite, gonorréia, gota, gripe, hematúria, hemorragias uterinas, hemorróidas, hemoptise, hepatite, hérnia (cura), hernia inguinal, hernia estrangulada, herpetismo, hidropsia, hiperemese gravidica, histeria, histéricas (tristezas), icterícia, inchações, indigestão, insônia, intestino (catarro), intestino (doenças), irite, lábios rachados, laringe, lepra (cura), leucoma, leucorréia, loucura, magreza, meteorismo, metrorragia, morféia, muco estomacal (limpeza), nefrite, nervos, nervoso, olhos, olhos (dores), olhos inflamados, orquite, otalgia, paludismo, panarício, pediculose, peito (dores), pele (doenças), picadas de aranhas venenosas, picadas de lacrau, piolhos de cabeça, pleuris, pleuris (pontada), prisão de ventre, proctite, pulmão, pulmão (irritação), quedas, queimaduras, raiva, raquitismo, resfriado, reumatismo, reumatismo gostoso, reumatismo muscular, rins, rins (cura), rouquidão, sangue (doenças), sarampo, serpente (mordedura), sezões, sífilis, talassia, tétano (cura), tétano (preventivo), tosse, tosse (inveterada), tosse (nervosa), transpiração induzida, traumatismos, tuberculose pulmonar, tumor, tumor (evacuação), tumor hemorroidário, úlcera, úlcera (córneas), umbigo (cura), uretrite, urina (limpeza), urina (retenção), uterinas (dores), uterinas (hemorragias), varíola, verrugas, vertigens e vômitos negros.

Diante de tantas enfermidades é que a saúde pública adentrou o século XX como sendo uma das principais preocupações dos homens não só da ciência médica, mas do próprio governo, como podemos verificar na Mensagem apresentada à Assembléa Legislativa do Ceará pelo Presidente do Estado Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly em 1897:

Um dos assumptos em que mais podereis assignalar a vossa dedicação aos grandes interesses da communhão cearense, porque é, precisamente, o que menos attendido tem sido na successão dos tempos, sendo aliás, da mais transcendente importancia, é a saúde publica, em que tudo está por fazer com as solicitações imperiosas da urgencia.²⁰¹

O Presidente do Estado prosseguiu sua mensagem enfatizando que o estado sanitário da capital *era de mal a pior* e referenciando passagens do relatório do inspetor de higiene, dr. José Lino da Justa, como forma de reforçar a importância de ações públicas voltadas para a questão da salubridade, visto que era alto o índice de mortalidade. A passagem citada pelo presidente do Estado foi:

Urge que se tome ao sério a solução deste momentoso problema. E' tempo de se cogitar maduramente sobre a grande baixa da média da vida entre nós, e é doloroso dizer-se que, de há muito, a capital do Ceará só tem uma população de moços, porque poucos chegam ao vigor da existencia e pouquissimos entram encanecidos no inverno da vida.²⁰²

A preocupação com o alto índice de mortalidade também fora apresentada explicitamente no Relatório do Presidente do Ceará de 1893:

Falleceram o anno passado nesta capital 1874 pessoas, sendo adultos 832, parvulos 1.042.

Por esta ultima cifra vê-se como é excessiva e contristadora o mortalidade (sic) de creanças nesta capital, facto que reclama muita attenção da parte do governo, afim de ser estudada a sua causa e tomarem-se medidas tendentes a combatel-a.²⁰³

Como podemos perceber, foi durante as últimas décadas do século XIX que a saúde pública passou a ganhar maior atenção por parte das autoridades quer médicas ou governamentais ao que se refere a diagnósticos e análises. Os homens de ciência (médicos, engenheiros e outros) voltaram suas

²⁰¹ Mensagem apresentada á Assembléa Legislativa do Ceará, pelo Presidente do Estado, dr. Antonio Pinto Nogueira Acioly, em 1º de julho de 1897. Fortaleza: Typ. d'A República, 1897. p. 06.

²⁰² Id. Ibidem. p. 07.

²⁰³ Relatório que o secretário Interino dos Negócios do Interior, Antonio Salles, apresenta ao Exm. Sr. Presidente do Estado, em 1893. In: Mensagem do Presidente do Estado, Tenente Coronel D^{or}

atenções para a projeção de um Ceará “progressivo” e “moderno”. Os mais variados saberes se uniram para diagnosticar, cuidar e prevenir o homem e a cidade contra as doenças e suas causas. Daí a importância do uso de dados estatísticos e demográficos, a urbanização da cidade, o aterramento de pântanos, a reconfiguração do próprio meio urbano ao que se refere a construções de cemitérios, calçadas e encanamento, dentre as inúmeras formas de “polir” o urbano e o humano, que culminariam nas teias do social.



A Medicina Popular e a Ciência Médica no século XIX

3.1. A Medicina Popular e a Ciência Médica: uma relação de aproximação

Com a tentativa de difundir e popularizar a medicina científica, sobretudo nas áreas interioranas, locais onde a presença dos médicos era quase inexistente, foram difundidos no Brasil, desde o período colonial e principalmente no Império, vários manuais e formulários de medicina.

No século XVII, temos como principal referência o trabalho do médico Romão Moseia Reinnhypo, que escreveu em 1683 o *Tratado único das bexigas e sarampos*. Manual destinado a médicos e leigos. O século XVIII foi um período próspero na efervescência dos manuais de medicinas populares. Manuais

José Freire Bezerril Fontenelle, à Assembléa Legislativa do Ceará em sua 2ª sessão ordinária da 1ª Legislatura. Fortaleza: Typ. d' A Republica, 1893. p. 17.

elaborados por médicos e com concepções científicas, de acordo com as academias médicas estrangeiras, que poderiam auxiliar sobretudo os leigos em medicina em qualquer tempo e circunstância, pois traziam, muitas vezes, descrições detalhadas sobre as causas, os sintomas das doenças e a medicalização (procedimento passo a passo). Dentre inúmeras que devem ter circulado no Brasil, identificamos como principais as referências que apresentaremos em seguida. Faz-se necessário observar que, em vários trabalhos, há no título a ênfase no *popular* e *doméstico*, como provável tentativa de ressaltar a importância de sua aquisição por todas as pessoas, independente de terem formação médica ou não. Eram publicações para autodidatas.

Em 1703, foi traduzido para o português o trabalho *Lunário Perpétuo* de Jeronymo Cortez. O *Lunário Perpétuo* analisava a influência dos astros sobre a agricultura e indicava remédios para várias enfermidades. Luiz Gomes Ferreira escreveu em 1735 o *Erário Mineral*, tendo sua circulação se iniciado em Lisboa. Livro destinado às regiões tipicamente mineradoras, contendo descrições preciosas sobre aspectos de saúde, higiene e o cotidiano das minas. Em 1773, o suíço Samuel Auguste Tissot publicou *Aviso ao povo a respeito da saúde*. William Buchan, médico do Real Colégio de Edimburgo, publicou em 1788 em versão portuguesa *A medicina doméstica*. No mesmo ano de 1788, surgiu a *Medicina Prática* de William Cullen. No século XIX, tivemos referências de *O médico e o cirurgião da roça* e *Primeiros Socorros* do francês Luiz Francisco Bonjean; do *Manual do Fazendeiro ou Tratado das enfermidades dos negros*, de Jean Baptiste Imbert; do *Dicionário de medicina médica* e o *Formulário Médico* do dinamarquês Theodoro Langgarrd e dos trabalhos do dr. Polonês Piotr Czerniewicz (aportuguesado ficou Pedro Chernoviz) *Formulário ou guia médico* e o *Dicionário de medicina popular*.²⁰⁴

Dentre eles, o que teve maior repercussão no Ceará foi o dr. Chernoviz, que veio ao Brasil em 1840 com o objetivo de fazer fortuna e obter fama. Ao

²⁰⁴ Sobre publicações de manuais e livros voltados para a difusão da medicina de maneira popular ver: PEDRO NAVA e GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. *Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império*. In: **Revista História, Ciências, Saúde-Manguinhos (on-line)**. V. 12, nº2. Rio de Janeiro, maio/ago. 2005.

observar a pouca existência de médicos nos lugares interioranos do Rio de Janeiro, resolvera, ao invés de abrir consultório, publicar um manual em português e adaptado à realidade brasileira, que pudesse ser útil aos médicos e aos leigos. Diferentes dos outros manuais que, na sua maioria, eram em francês e traziam as especificidades do seu país de origem. Seu manual era autodidata, pois ensinava como proceder diante das doenças e da ausência de médicos. O médico polonês falecera na França em 1881.

Várias são as propagandas existentes nos periódicos cearenses que fazem referências aos seus trabalhos. Em 1841, o médico polonês publicou o *Formulário ou Guia Médico*, primeiro manual de terapêutica médica publicado no Brasil. Em 1842, publicou também o *Dicionário de Medicina Popular e das Ciências Acessórias* com seis edições em português até 1890 e duas em espanhol.

A importância do *Formulário ou Guia Médico*, do doutor Chernoviz fica explícita e evidente nas informações contidas no frontispício de sua obra, *Dicionário de Medicina Popular*.²⁰⁵

Formulário e Guia Médico, contendo a descrição dos medicamentos, suas doses, e as moléstias em que são empregadas: as águas minerais do Brasil, de Portugal e de outros países; as plantas medicinais indígenas do Brasil; os symptomas e o tratamento resumido das molestias; todos os formularios do novo Codigo pharmaceutico francez, assim como a escolha das melhores formulas usadas na praxe medica; a indicação dos medicamentos que devem existir em todas as pharmacias, muitas usadas nas artes e na economia domestica, etc”.

O *Formulário* foi editado 19 vezes e prosseguiu até 1920, tendo sido reformado segundo o novo *Codigo Pharmaceutico francez, adoptado, por ordem do Governo como Pharmacopea legal do Brasil*. Ao referenciar o Código Francês, fica evidente a preocupação do cirurgião em evidenciar que seu trabalho seguia os ditames da ciência médica, e que seu objetivo era sistematizar esse saber

²⁰⁵ CHERNOVIZ. Pedro Napoleão. **Dicionario de Medicina Popular e das Sciencias Accessorias**. 6ª edição. Pariz: A . Roger & F. Chernoviz, 1890.

científico e propagá-lo de maneira “fácil” e ‘usual para todos, ou seja, passar os conhecimentos científicos para a linguagem leiga.

Um aspecto que pode evidenciar com mais exatidão o sucesso das publicações do médico polonês é apresentar a tiragem de suas publicações. Segundo Guimarães²⁰⁶, nos três primeiros dias de venda do *Formulário*, foram vendidos 300 exemplares e a primeira edição do *Dicionário* contaram com mais de três mil exemplares. Tendo sido publicado na seção *Livros Moderno do Almanak Laenmert de 1851*.

A ciência médica era difundida através de uma maneira simples e a partir dos recursos medicinais disponíveis, como as plantas medicinais indígenas do Brasil. Os médicos, a maioria deles com relações diretas com a Academia Imperial, buscavam na produção textual uma aproximação entre erudito e popular. “Todos os textos são escritos dentro da mais culta linguagem, a vulgarização está apenas no vocabulário necessário à compreensão dos textos”.²⁰⁷

Não menos importante foi seu *Dicionario de Medicina Popular*, tendo sido editado 6 vezes entre sua publicação e 1890. “Não podendo simplesmente denunciar o ‘charlatanismo’ ou a ‘ignorância popular’, os médicos viam-se obrigados a dialogar com a tradição médica popular (...)”.²⁰⁸ Assim o *Dicionario* trazia em suas páginas receitas, de fácil manipulação e acessível a todos, como o uso de plantas medicinais, que deveriam ser usadas tanto por médicos como também por populares, além de conselhos, como o da botica doméstica:

Às vezes, a menor demora na administração dos remedios póde aumentar a gravidade da moestia (sic). Por conseguinte, nas fazendas afastadas dos socorros medicos, e até nas chacaras, é muito util ter á mão uma colleção dos medicamentos que melhor aproveitam no tratamento das molestias mais frequentes. Os seguintes são simples, de facil administração, sobretudo nos accidentes subitos, em que o doente corre risco de vida, se não fôr soccorrido a tempo. Estes medicamentos

²⁰⁶ GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. **Civilizando as Artes de Curar**: Chernoviz e o manuais de medicina popular no Império. Dissertação de mestrado do programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa Oswaldo Cruz/ Fiocruz. Agosto/2003. (retirada do site www.fiocruz.br/pos-graduação).

²⁰⁷ Id. Ibidem. p. 46.

²⁰⁸ FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina Impopular: ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In: CHALHOUB, Sidney (org.). **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003. p. 119.

podem também servir para o médico, que, chamando para ver o doente, achará com que fazer as preparações de que precise²⁰⁹.

A *botica portatil* continha o nome das substâncias, a quantidade que deveria ser aplicada, propriedades e usos, objetos para realização de curativos e a indicação das moléstias para que se empregassem as receitas, o que de certa forma contribuiu para a realização das “farmaciazinhas domésticas”, ou seja, ao fácil acesso do medicamento, que poderia ser manipulado por todos ou em casos “especiais” serviria para facilitar o trabalho médico.

Baseado nessa proposição é que se torna possível refletir sobre a influência do índio na terapêutica médica. Segundo Pedro Nava, estudioso da História da Medicina: “(...) há muito exagero em atribuir aos selvagens e aos seus processos curativos influência maior à Arte erudita”.²¹⁰ Para o autor, esse conhecimento se deu a partir do colono e do jesuíta, cabendo ao índio a “influência” no psicologismo popular de suas idéias mágicas, vindas dos pajés, e não no conhecimento prático da utilização das plantas na cura de doenças. Para Pedro Nava, os índios não tinham um conhecimento real da utilização das ervas no que concerne à utilização exata de certo princípio ativo para determinada doença. Ou seja,

Aqueles conhecimentos empíricos foram absorvidos pela arte curativa do colono, pela medicina missionária e conjugados ao que esses brancos criaram como experiência própria das plantas do país – constituem, dentro da nossa medicina erudita e no corpo da terapêutica universal, o que se considera geralmente como proveniente do índio.²¹¹

O uso das ervas pelos índios, muitas vezes, se relacionava com a cor, formato ou morfologia, estabelecendo, assim, uma relação muito mais simbólica do que usual/prática.

²⁰⁹ CHERNOVIZ, Pedro Napoleão. **Dicionário de Medicina Popular e das Ciências Accessórias**. op. cit. p. 352.

²¹⁰ NAVA, Pedro. **Capítulos da História da Medicina no Brasil**. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Londrina, PR: Eduel; SP: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003. p. 152

²¹¹ Id. *Ibidem*. p. 193.

Esse conhecimento empírico estabelecido pela analogia entre as formas, também esteve presente na sociedade Medieval. Período em que se acreditava haver uma inter-ligação entre todas as coisas existentes. Uma exercendo influência direta sobre as outras, como podemos observar na passagem abaixo:

Na Idade Média, a compreensão simbolista valia muito mais do que quaisquer explicações causais ou genéticas, que viriam a ser tão intensamente importantes para a nova cultura dos séculos posteriores. Assim, os sistemas classificatórios supunham a existência de correspondências e analogias entre todas as partes da criação, fazendo o 'invisível visível', como acreditava Paracelso: é que as semelhanças (e diferenças) nunca eram consideradas gratuitas ou inúteis. Acreditava-se em uma espécie de doutrina de marcas (Foucault, 1968), segundo a qual, por exemplo, assim como os reis traziam no corpo o signo de sua realeza (Bloch, 1988), toda planta traria um sinal demonstrativo de suas finalidades (...).²¹²

A passagem evidencia existir certo exagero de Pedro Nava ao atribuir ao indígena apenas as práticas mágicas, até porque o homem medieval era submerso na cultura da magia e da feitiçaria. Havia uma percepção mágica do mundo,²¹³ onde se acreditava haver uma relação direta entre mundo superior e inferior que interferia no individual e coletivo.

Diante dos registros dos viajantes²¹⁴ e pesquisadores como Piso, há a evidência da contribuição das práticas de cura dos *nativos* na formulação de remédios. Inúmeros foram os europeus que vieram ao Brasil interessados não somente na nossa botânica, como forma de conhecer as espécies de nossa fauna e flora, mas também, as suas propriedades e usos locais.

Foi juntamente a eles que Piso procurou estabelecer uma História Natural do Brasil, atribuindo algumas vezes uma aproximação entre as práticas observadas e as realizadas na Europa, estabelecendo, assim, uma mediação entre as duas culturas.

²¹² RODRIGUES, José Carlos. **O Corpo na História**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999. p. 42

²¹³ Sobre esse assunto ver: BETHENCOURT, Francisco. **O Imaginário da Magia**: feitiçeiros, advinhos e curandeiros em Portugal no século XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

²¹⁴ Sobre as apreciações feitas pelos viajantes do século XVII, como Piso e Marcgrave, por exemplo, e as práticas indígenas do Brasil ver: MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Natureza em**

A prática médica propriamente dita efetuou-se principalmente no século XVI, tanto junto ao indígena, como ao colono povoador. Foi, então, quando o padre jesuíta serviu de físico, cirurgião e barbeiro. Êle moicou, lancetou, sangrou, sarjou, parteou. Soube aplicar os conhecimentos médicos da época e os que adquiriu, da medicina indígena. Instruído e observador, identificou os vegetais medicinais nativos, cultivou-os, experimentou-os e exportou-os para Europa (...)²¹⁵

Assim, as plantas medicinais conhecidas dos indígenas e “apropriadas” pelos colonos e jesuítas, constituíram-se como principal meio terapêutico desde o período colonial, fazendo com que a prática do uso das mezinhas se difundisse, sendo também apropriadas nos usos das farmacopéias.

A *botica portátil* ou *doméstica* não continha apenas medicamentos formulados de longa duração como cloretos e águas de colônia, na listagem que o acompanhava havia também a indicação do uso de substâncias de fácil acesso e que existia em todas as casas como arroz, azeite-doce, água de flores de laranjeira, erva cidreira, flores de sabugueiro, dentre outros. E o médico ao listar tais plantas e suas utilidades, ajudou a vulgarizar esses saberes de forma mais “precisa” e “eficaz”, ou seja, “científico” e “popular” não se apresentavam como elementos excludentes. É importante mencionar que essa miscelânea entre os saberes já havia sido divulgada pelos jesuítas.

Recorrendo ao livro *Medicina Caseira* de Juvenal Galeno percebemos que os livros de Chernoviz, e de outros homens de ciência, também tiveram influência direta na sua produção. O que reforça a argumentação de que os médicos também foram responsáveis pela difusão da medicina popular, baseada principalmente no uso de plantas medicinais.

A consciência do século XIX, e, claro, a de Juvenal Galeno, já trabalhavam com a concepção de que o uso de dejetos animais, de humanos e o uso de insetos, entre outras coisas, eram perniciosos à saúde. Oswaldo Riedel ao

Boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista. Campinas, SP: Editora da Unicamp (Centro de Memória – Unicamp), 1999. Coleção Tempo e memória, nº 15.

²¹⁵ SANTOS FILHO LYCURGO. Medicina Colonial. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História Geral da Civilização Brasileira: A Época Colonial.** Tomo I. Vol. 02. São Paulo: DIFEL, 1985. p. 147.

apresentar o livro *Medicina Caseira* para sua primeira edição, em 1969, em determinada passagem chama a atenção sobre os procedimentos de Galeno:

Juvenal Galeno aconselhou o uso de mais ou menos cento e vinte mezinhas para conjunto doutras tantas entidades mórbidas, síndromas (sic), sintomas e sinais. Não o fez segundo critério habitual: o de arrolar, de permeio a exorcismos, quantidade avassaladora de mezinhas inconsistentes e aberrantes do bom senso, em contraste com número ínfimo doutras, de eficácia comprovada. Esquivou-se, por exemplo, de inventariar a nauseante espurcícia de fezes caninas como <<específicos>> do sarampo. Indicou, para essa virose, o infuso de sabogreiro (p. 123), então aceito por médicos e leigos.²¹⁶

Em seus procedimentos de coleta e registro, Galeno colocou-se como um etnólogo vívido de informações e segundo ele mesmo declara, fez os registros de acordo com o que ouviu e sentiu na sua convivência com o povo. Esse procedimento foi o que o aproximou da prática de registros utilizados pelos folcloristas. No entanto, o seu trabalho “poético” demonstrou a abordagem dessa perspectiva para colocá-lo num outro campo, o de intelectual que buscou produzir reflexos sobre o seu tempo. Nesse procedimento também foi explicitado a sua interferência e criação literária utilizando-se desses registros como matéria-prima, a partir da qual expressou o sentimento do povo. Foi com essa liberdade que realizou uma rigorosa seleção entre as práticas populares de cura que atentam para preceitos da medicina científica, como apresentou Riedel:

Escoimando assim a medicina caseira, tanto quanto possível, de agentes medicamentosos nóxicos e práticas inoportunas, o vate quase conseguiu harmonizar o empirismo popular com o que não contrariasse, frontalmente, os cânones da Medicina contemporânea.²¹⁷

Galeno tempo que evidencia a prática medicinal utilizada pelo povo, menciona as apreciações do médico polonês, ressaltando a importância do saber

²¹⁶ RIEDEL, Oswaldo. Apresentação. In: GALENO, Juvenal. **A Medicina Caseira**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1969. s/p.

²¹⁷ Id. *Ibidem*.

de suas receitas, criando assim um elo entre ciência empírica e medicina científica, como identificamos no poema *O Matapasto*.²¹⁸

(...)

Falemos do matapasto:
Da raiz o cozimento
Usa o povo, nos catarros,
Como bom medicamento.

Diz Chernoviz, no seu livro,
Do saber fonte perene,
Que podem as suas fôlhas
Substituir os de sene.

Sem evidenciar maior apreciação a um ou outro saber, Galeno diluiu em seus versos a vulgarização da medicina científica ou a popularização do saber do povo, dando legitimidade aos mesmos sob a luz da ciência?

Somente o próprio poeta poderia nos dar a resposta de forma conclusiva, entretanto, suposições são pertinentes. Acreditamos que, como em vários outros poemas do livro, o poeta faz alusão à importância dos recursos medicinais cearenses, procurando dar um destaque às plantas do Ceará, e como o povo sempre foi o elemento principal de sua poesia, consideramos que o destaque maior é às práticas populares, buscando certa “confirmação” nos manuais e livros de médicos e viajantes. Entretanto, ao buscar argumentos que “validassem” as práticas populares de cura, Galeno também nos deixou indícios de que não foi somente o saber médico que se aproximou do povo para formular suas práticas. O povo também se utilizou de outras substâncias medicamentosas, além dos provenientes do reino da natureza (vegetal, animal e mineral) ou ervas mágicas e benzeduras. O que confirma não ter havido uma separação de “campos de saberes”, mas constantes interpenetrações como podemos verificar em *O Querosene*.²¹⁹

²¹⁸ GALENO, Juvenal. *O Matapasto*. In: _____. **Medicina Caseira**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1969. p. 40.

²¹⁹ GALENO, Juvenal. *O Querosene*. In: _____. **Medicina Caseira**. op. cit. p. 70.

O querosene ou petróleo
Não nos dá somente a luz:
Como meizinha caseira,
Muitos alívios produz

(...)

é preventivo do tétano,
de pregos nos furamentos:
o povo muito o estima
entre os seus medicamentos.

Logo pensar em medicina caseira significa refletir sobre um universo amplo de práticas de curas, que de certa forma constituiu-se sobre um único objetivo principal: o de socorrer o doente. As múltiplas práticas e o uso de substâncias diversas são válidas e oportunas. O que caracteriza essa medicina caseira, segundo Galeno em seu poema *Diabete*,²²⁰ era a facilidade de sua aquisição e utilização e não a proveniência da substância usada:

Amigos, a diabete,
<<Urinas doces >> chamada,
Com infusão de eucalipto
Stá sendo agora curada.
Pois notável cientista
Publicou ùltimamente
Que, aplicando êste remédio,
Não perdeu um só doente

Entre nós, há muito tempo,
É útil medicamento:
Do pau-ferro as entrecascas,
Usando em cozimento.

De potássio o bromureto
Dizem que é excelente:
Todo remédio aproveita,
Dando esperança ao doente.

Como nos escritos de Juvenal Galeno, outro autor que registrou essa aproximação entre saber popular e saber científico foi o médico Guilherme Studart, apesar de atribuir em suas obras certa recusa às práticas populares. Assim exemplificou na epidemia de *Cholera* de 1862:

O povo, entre os muitos remedios de sua therapeutica de cascas e hervas, usava as infusões da pimenta malagueta, os cosimentos de ipecacuanha preta e trazia como medicina preventiva enxofre em pó nas meias ou pendente ao pescoço até a região epigástrica um cordão em que estava enfiada uma moeda de cobre chamavam xemxem; algumas traziam-a atada às coixas.²²¹

E concluiu afirmando:

Muito posteriormente Burcq, á maneira de Raspail, tão criticado pela Academia de Medicina de Paris, aconselhou placas de cobre sobre o estomago como prophylactico do Cholera (...). E digam que o povo não tem a intuição da medicina.²²²

Além de Chernoviz, há a presença em Galeno de Cláudio Galeno (131-210 d. C.), maior médico grego desde Hipócrates. Suas teorias eram baseadas na teoria humoral hipocrática, cuja cura se dava através dos contrários, tendo dominado o pensamento médico durante 15 séculos, só começando a ser questionada na Renascença. No século II d. C., o médico grego escreveu uma sùmula contendo os conhecimentos da arte de curar. Na sùmula, havia o registro de 450 plantas medicinais e a ênfase na necessidade e importância de os médicos obterem um conhecimento profundo sobre botânica e os ervanários.

Os estudos do médico Galeno sobre as plantas contribuíram para a utilização das mesmas sob a forma de unguentos e cataplasmas, através de sua utilização com água, álcool ou vinagre. Com o advento da imprensa, suas obras foram largamente difundidas. O poeta Juvenal Galeno menciona um dos ensinamentos do médico grego (*Alface*²²³):

(...)

Quem o tomar, ao deitar-se,
Logo o sono concilia:
Galeno ceava alfaces,
Pois de insônia padecia.

²²⁰ GALENO, Juvenal. Diabete. In: _____. **Medicina Caseira**. op. cit. p. 77.

²²¹ STUDART, Guilherme. **Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. p. 59-60.

²²² Id. Ibidem. p. 60.

²²³ GALENO, Juvenal. Alface. In: _____. **Medicina Caseira**. op. cit. p. 23.

Além desses estudiosos e médicos, no livro *Medicina Caseira*, é feita referência ao doutor John Brown, médico inglês que desenvolveu a teoria da excitabilidade orgânica no final do século XVIII. Para Brown, a vida acontecia a partir dos estímulos que fossem destinados ao corpo humano através da alimentação, movimento, calor e pensamentos. “Se o estímulo fosse exageradamente aumentado, provocava doenças “estênicas”, que podiam ser tratadas com sedativos. Se fosse diminuído, causava as doenças “astênicas”, que exigiam excitação”.²²⁴ Sua produção intelectual foi bastante difundida na Itália, Áustria e Alemanha, tendo sido conhecida também no Brasil, conforme registrou Galeno, ao exaltar toda a propriedade medicinal do Urucu, que vai desde a utilização das sementes, à raiz e às folhas e validar sua eficácia através dos estudos de Brown, no poema *URUCU*.²²⁵

(...)

E também, segundo Brown,
Antifebris elas são,
Para as moléstias de estômago
Não lhes falta indicação.

A multiplicidade de referências médicas, e de viajantes como Freire Alemão e von Martius, feitas por Juvenal Galeno nos remete a uma interrogação: É possível discorrer sobre uma teoria homogeneizadora, embora com a existência de algumas paralelas, no Ceará durante o século XIX? Ou que, a existência de uma teoria predominante excluiu outras existentes?

A reportagem do jornal *O Cearense* do dia 03 de janeiro de 1848, demonstra claramente que o Ceará ainda apresentava uma medicina científica incipiente ao solicitar, por parte do dr. Castro Carreira, a criação de uma coluna intitulada *Chronica Medica*:

Com quanto seja summamente arduo, senão exorbitante as minhas
debeis forças, o objecto á que me proponho, todavia convencido como

²²⁴ GORDON, Richard. **A Assustadora História da Medicina**. SP: Ediouro, 2004. p. 327.

²²⁵ GALENO, Juvenal. Urucu. In: _____. **Medicina Caseira**. op. cit. p. 109.

estou, de que nada se obtem sem trabalho, e perseverança, abalanço-me a metter hombros à empresa de historiar os factos que forem occorrendo aqui relativos á Medicina, afim de que publicados pela imprensa, possam ser aproveitados por penas mais habeis, e surja assim a provincia do Ceará da obscuridade em que tem estado no tocante as materias da minha profissãõ! Invovo desde já a coadjuvação do Exm. Sr. presidente Dr. Moraes, confiando que da sua generosidade, e amor ás sciencias me prestará o appoio, e auxílio que lhe são possiveis, attento a sua posiçãõ.²²⁶

O objetivo principal da coluna seria o de divulgar as descobertas e os casos notáveis que tanto médicos como cirurgiões realizassem em suas clínicas, com o intuito de enriquecer cada vez mais a *sciencia* médica e prestar um melhor serviço à humanidade. Assim prosseguiu o artigo:

O meu intento he apresentar mensalmente huma chronica medica, em que se contenhaõ todos os factos que ao meu conhecimento, chegaram relativos áqualquer (sic) ramo das sciencias Medico-Cirurgicas. He visto, que para isto muito devem contribuir os medicos e cirurgiões, desta cidade, e de fora d'ella, ministrando-me as observações, e cazos mais notaveis, que fizerem, e tiverem em suas clinicas. Confio na benignidade dos meus nobres collegas, e no amor que nutrem pela sciencia, e pela provincia, que se dignaraõ de ajudar-me com quanto lhes fôr possivel para o desempenho do meu proposito tão util a nós, e a humanidade.²²⁷

É notório que a medicina científica ainda estava dando seus primeiros passos e experiências na busca de um raciocínio que deveria ser cada vez mais lógico. E, somente à proporção que ela se desenvolvia no campo da análise e da observação, aumentava a necessidade de se organizar e decidir o que era permitido ou não. Neste momento de formulação de idéias e práticas, as informações se encontram difusas, próximas e complementares. O que proporcionava constantes interpenetrações na medicina científica e popular, ocasionando aproximações entre esses dois saberes.

Juvenal Galeno, em *Folhetins de Silvanus*, chegou a formular apreciações sobre o homem de ciência e suas práticas. O poeta não identificou a que ciência específica seu poema se destinava, deixando seus versos em aberto para todo

²²⁶ Jornal **O Cearense**. 03 de janeiro de 1848. nº 122. p. 03 e 04.

²²⁷ Id. *Ibidem*.

homem que se referenciasse como de *ciência*. O importante nesse poema é perceber a crítica feita à racionalidade e às próprias crenças desses homens. Apesar de validarem suas práticas através de suas racionalidades e saberes, recorriam também às crenças populares, o que de certa forma, segundo Juvenal Galeno, de forma irônica, poderia pôr em contradição *seus saberes*.

No primeiro verso do poema, Galeno apresentou de forma clara a objetividade dos sábios em detrimento da crença do povo (a fé):

Ei-los, na rua esplendentes,
Os sábios desta cidade,
Alguns ainda recentes ...
Nos olhos a piedade,
Nos risos a compaixão,
Ouvindo dizer o povo
Qu'existiu Deus, houve Adão,
Que das santas Escrituras
É mãe a revelação! –
Pois os sábios da cidade
Estudaram, tanto ... até
Que dum lapso deram cabo.
Da pobre velhinha – Fé! ...²²⁸

Mas, finalizou apresentando as *contradições*, que de certa forma se constituíam como elos aproximativos, ou seja, esses *homens de ciência* também recorriam às crenças e práticas do povo, como podemos perceber na passagem abaixo:

(...)

Que importa que muitos caiam
Em grande contradição,
Negando todos os dogmas
De nossa religião,
E rogando à Virgem Santa
Se lhes dói o coração?
Ou, se vêm a morte perto,
Gritando por confusão?!

Que neguem da alma a existência
De manhã numa calçada,

²²⁸ GALENO, Juvenal. Os Novos Sábios. In: _____. **Folhetins de Silvanus**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1969. p. 45-51.

E a noite passem suando
Com mêdo da alma penada?
Que preguem moderna idéia
Sôbre a humana sepultura,
E botem cruz sôbre a campa
De sua mãe ... com ternura?
Que não pisem num defunto ...
Respeitando a carne morta?!
Mas, tudo isto que importa? ...
São fraquezas, são misérias
Da humanidade ... Pois, bem ...
Mas, dizem que essas fraquezas
Contradições são também!²²⁹

(...)

Outro elemento que nos possibilita refletir sobre a ausência de uma medicina científica no Ceará pode partir da própria constituição dos centros de estudos voltados para um saber mais científico.

Tomando os hospitais como locais difusores do saber científico, identificamos que essa construção no Ceará teve início a partir da segunda metade do século XIX. Em 1849, o médico dr. Liberato de Castro Carreira escreveu um artigo para o jornal *O Cearense* solicitando a construção de um hospital para a província do Ceará:

Quero fallar da necessidade, que temos de um hospital de caridade para a nossa pobreza errante, e desvalida no tempo de saude, abandonada, e amingoa morrendo de molestia. Será preciso eloquencia e grande desenvolvimento para demonstrar a necessidade d'um tal estabelecimento? Elle por se falla mais alto do que quanto o poderíamos dizer.²³⁰

Para o médico, somente com a construção desse estabelecimento, sob os preceitos higiênicos, é que se tornaria possível ajudar e socorrer a pobreza desvalida. Sem um local apropriado para os doentes a “sciencia” não poderia obter muitos êxitos junto a essa classe mendicante. Logo, de nada valeria ter médicos e boticários, como argumentou o médico:

²²⁹ Id. Ibidem.

²³⁰ Jornal **O Cearense**. 13 de dezembro de 1849. Nº 11. Matéria: Necessidade de um hospital de Caridade na provincia do Ceará.

S'a pobreza mendigante mal passa vagando de porta, em porta, o como não passará ella no leito de dor balda e tudo quanto é necessario para sua alimentação? Do que lhe serve Ter medico, e a botica a sua disposição, que chegando aquelle lhe prescrevendo um medicamento, quasi não pode tomar por que lhe falta o alimento! e quando este o tenha é muitas vezes contrario aos efeitos do remedio? (...). **E d'esta maneira pode a sciencia tirar algum proveito?** É um prodigio da natureza, é um pontento do nosso organismo o triumpho da medicina em tal classe, com bem pouca excepção. Isto é quanto a molestia puramente medica, se passarmos a cirurgia ainda se torna mais embaraçada a posição do medico, tornando-se extremamente difficil as vezes curar-se uma simples ferida pela falta d'aceio, e mudanças d'aparelho q'ella reclama! (...). Em uma pequena choupana de palha, aberta por todos os lados onde muitas vesees (sic) não tem uma camisa para vestir, e por cama chão para dormir, como se ha de tratar-se de uma operação as vezes de vida, e morte? Os juses sensatos e de corações humanos respondão. Se não for bastante o que acabamos de dizer, se há ainda algum, que incredulo ache exagerado o que avançamos, se há alguém existe que duvide da necessidade de um hospital de caridade, acompanhe o medico da pobreza em suas visitas, e de uma vez se convencerá do que temos dito!²³¹

E conclui sua solicitação ressaltando a importância e glória que a construção de tal edificação traria para o governo:

Esperamos que o Ex.^{mo} Sr. Vasconcellos sempre justo, e humano, assim como acolheo a nossa ideia e compenetrou-se da necessidade, que lh'apresentamos do estabellecimento de uma enfermaria para azilo da pobreza, mandando-a construir, da mesma sorte estamos convencidos, que não despreará a nossa lembrança, mandando desde já construir um monumento de gloria eterna para S. Exc., a que alem do beneficio, que presta a provincia ficara gravado em nossos corações o nome do beneficio, que presta a provincia o fundador do hospital de caridade da provincia do Ceará! Oxalá, assim aconteça a nossa gratidão sera eterna, e as bençãos (sic) dos cearenses encherão de bens ao benfeitor da pobreza, e ao fundador de seu domicilio.²³²

Foi somente em 1857 que a Santa Casa de Misericórdia foi construída:
“Com ela a província ingressa na idade científica da prática médica, com uma

²³¹ Id. Ibidem.

²³² Id. Ibidem.

medicina exercida por médicos formados nas faculdades da Bahia e do Rio de Janeiro e um serviço de enfermagem qualificado”.²³³

Como se torna claro, os médicos que medicavam no Ceará não possuíam academias ou locais de estudo propriamente ditos para formularem suas percepções e apreciações sobre as teorias médicas que estavam circulando. Os jornais constituíam-se como locais de informação e maneira de se manterem atualizados.

A construção do Centro Médico Cearense se efetivou em 1913, criando “(...) um fórum de debates sobre os problemas de saúde específicos da região”.²³⁴ O seu primeiro presidente foi o médico Barão de Studart, que exerceu o cargo até 1919.

Nesse período, Fortaleza contava com o serviço de 32 médicos que exerciam suas profissões de maneira liberal e “as revistas especializadas eram raras e a possibilidade de participação de encontros e congressos médicos era praticamente inexistente”.²³⁵ Como podemos observar, havia a necessidade da criação de um órgão médico difusor das experiências e dos avanços da ciência médica, que se preocupasse, sobretudo com os problemas de saúde do Ceará, assim, foi criada a revista *Norte Médico*. Sua circulação iniciou-se em 1919 e a tiragem era bimestral, tendo seu nome sido mudado posteriormente para *Ceará Médico*.

Outra obra de grande importância para a consolidação de um saber mais especializado foi a criação da Faculdade de Farmácia e Odontologia, fundada no dia 22 de novembro de 1914, no Liceu do Ceará, tendo dado início às suas funções somente em 1916, diante do parecer favorável expedido pela Comissão de Instrução Pública.

Diferente do Rio de Janeiro e da Bahia, que criaram os cursos de farmácia nas suas faculdades na década de 1830 e da criação da Escola de Farmácia de

²³³ BARBOSA, José Policarpo de Araújo. **História da Saúde Pública do Ceará: da Colônia a Vargas**. Fortaleza: edições UFC, 1994. p. 45.

²³⁴ Id. Ibidem. p. 80.

²³⁵ Id. Ibidem. p. 81.

Ouro Preto também neste período, dando início à farmácia científica no Brasil²³⁶, cujo objetivo principal era ensinar os estudos botânicos para os boticários, para que suas formulações não se dessem tanto no campo da empiria, o Ceará só adentrou esse viés de formação mais qualificada no século XX, com estudos mais específicos e localizados.

A Faculdade de Medicina Cearense só fora fundada em 1948. Até essa data, a formação médica ficava restrita a uma parcela pequena da elite local, que poderia estudar em outros lugares do país e fora dele. Logo, se as faculdades médicas são centros difusores de saber qualificado e especializado, o Ceará só pôde usufruir desse contingente profissional de formação local a partir da segunda metade do século XX. Anterior a essa data, os homens de ciência médica eram poucos e raros. Apesar da construção da faculdade de medicina só ter se realizado no século XX, de longa data já havia sido implementado códigos de postura que contrapunham as práticas de cura uma à outra.

Uma das primeiras vilas a implementar no seu código de postura a proibição da produção e a propagação de medicamentos sem um conhecimento especializado foi a vila de Aracaty, através da lei de nº 142, de 15 de setembro de 1838, especificamente no artigo 81:

Prohibi-se que pessoa alguma, sem que tenha licença, prepare e componha remedios para vender ao publico, mórmente aquelles que exigem perfeito conhecimento pharmaceutico, sob pena de vinte mil réis d multa, ou oito dia de prisão, e do duplo na reincidencia, e isto sómente terá lugar dentro dos limites desta villa.²³⁷

Foi somente em 1844 que essa proibição se configurou no código de postura de Fortaleza, a capital do Ceará, através da lei de nº 308. Há também a penalidade explícita contra quem vender drogas ou qualquer tipo de remédio sem ser pessoa especializada, ficando a punição a dez mil réis, ou trinta dias de prisão, sendo o dobro na reincidência.

²³⁶ FERNANDES, Tania Maria. **Plantas Mediciniais**: memória da ciência no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

²³⁷ Livro de Leis Provinciais do Ceará compreendendo os anos de 1835 a 186.

No período colonial, já havia a fiscalização por parte das autoridades reinóis, que fiscalizavam as cartas dos candidatos que pretendiam ser cirurgião-barbeiro, barbeiro, cassavam diplomados e licenças, inspecionavam as boticas, os hospitais, interferiam no preço das drogas, estabelecendo assim uma fiscalização sobre a organização das várias práticas médicas como também do seu exercício. Entretanto, diante de um número reduzido de médicos, a penalidade não poderia ter se dado da maneira “cumpra-se a lei”. As outras formas de se medicar eram necessárias para suprir tanta ausência de especialistas formados em academias.

É importante salientar também que foi somente no último decênio do século XIX, com o Código Penal, que o curandeiro foi identificado, com suas especificidades na sua função social, o que permitia identificar, localizar e penalizar o “sujeito” contraventor às normas. Assim, era definido no artigo 158: “Ministrar, ou simplesmente prescrever, como meio curativo, para uso interno ou externo, e sob qualquer dos reinos da natureza, fazendo, ou exercendo, assim o offício do denominado curandeiro”.²³⁸ Até então, não havia proibições para esses ‘curiosos da medicina’. Segundo Bosi, somente com o advento da República “é que se tornou possível intensificar uma legislação que classificasse o que era legal e ilegal nas funções farmacêuticas e médicas”.²³⁹ Para o autor, são quatro os fatores que corroboraram para a intensificação na legislação:

a) a presença mais incisiva e numérica dos médicos; b) a materialização de um mercado que passaria a pressionar a conversão das práticas de cura em serviços médicos; c) o desmonte do sistema escravista que se notabilizaria pela marginalização dos negros e tudo que a eles lembrasse (particularmente suas práticas de cura); d) a ascensão e proliferação do ideal positivista centrado na razão, que, por seu turno, deveria assegurar a ordem e o progresso²⁴⁰.

²³⁸ PIERANGELLI, José H. (org). **Códigos Penais do Brasil**. Evolução Histórica. Bauru/SP: Javoli, 1980.

²³⁹ BOSI, Antônio de Pádua. Saberes e Práticas de Cura no Brasil do Final do século XIX: a criminalização dos curandeiros. In: **Cadernos de Pesquisa do CDHIS** (Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História). Nº 30, ano 15. Uberlândia 2002, p. 13-16.

²⁴⁰ Id. Ibidem. p. 13-16.

Anterior a esse período, não encontramos definições específicas sobre o que seria curandeiro ou feiticeiro, até mesmo porque, as normas versavam no campo da teologia (da igreja). Os eclesiásticos exerciam tanto a função religiosa quanto a de médico, perseguindo videntes, adivinhos e os “invocadores do Diabo”.

As ordenações Filipinas, publicadas em 1582, trazem proibições para a prática do uso de ervas por pessoas não habilitadas. Entretanto, não especificava nenhuma categoria de classificação, como observamos em seu tópico terceiro “DOS FEITICEIROS”: “(...) qualquer pessoa que (...) der a alguma pessoa a comer ou a beber qualquer coisa para querer bem ou mal a outrem, ou outrem a ele, morra por isso morte natural”.²⁴¹ Havia também penalidades para gente *rústica que usavam muitos abusões*,²⁴² *assim como passarem doentes por silvão ou machieiro ou lameira virgem*.²⁴³ É possível perceber que havia uma linha muito tênue entre feiticeiros e curandeiros, o que impossibilitava a definição de conceitos, o que intensifica nossa reflexão no que concerne à não segregação total entre médicos e “charlatões”, como a historiografia também costuma denominar, o que prefiro categorizar como “medicina popular”.

As próprias denúncias, presentes em jornais evidenciam que o conflito entre especialistas, ou não em medicina, se deu mais em termos de descontento entre as pessoas, do que propriamente contra o exercício “ilegal” da medicina. Se uns denunciavam os não formados, outros os defendiam justificando sua experiência, como verificamos no caso do senhor Francisco José de Mattos.

Os jornais *Pedro 2º* e o *Periquito* denunciam sua atividade no Hospital da Caridade como ilegal, uma vez que não é portador de “título”. O que causa certa indignação ao jornal *O Cearense*, que sai em sua defesa, indagando:

(...) é somente permitido curar no brasil (sic) a quem tem carta de suas academias? Se assim fosse o habil e illustrado cirurgião de Pernambuco o Sr. Francisco José da Silva, e muitos outros, não exercia ali a sua profissãõ, e não gozaria do conceito que de à muito gosa. Não tem é verdade o Sr. Matos um pergaminho (muitas vezes sem validade)

²⁴¹ LARA, Sílvia Hunold. **Ordenações Filipinas**: Livro V. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

²⁴² Opiniões ou práticas supersticiosas.

²⁴³ *Silvão* é o nome dado à planta macho da silveira ou sarça; *machieiro* é o soveiro antes de chegar ao máximo de seu crescimento; *lameira virgem* é uma casta de uva a que em Portugal se atribuem certas virtudes.

passado pelas nossas academias; mas tem uma carta dada no tempo em q'as camaras, precedidos os exames necessarios, os podiaõ dar, e q'è taõ valiosa como outra qualquer; alem disto tem conhecimentos mui profundos na materia para que se lhe possa chamar – matasana e impirico – e para que seja considerado inferior aqualquer (sic) dos *titulados* que há nesta capital onde elle gosa de grandes creditos. A vista disto por que não pode ser o nosso amigo empregado no hospital de caridade?²⁴⁴

Embora a reportagem seja mais em defesa de um amigo, traz implícita em sua narração a existência de uma prática médica não realizada por pessoas formadas “pelas academias do paiz”, embora seja perceptível que o sr. Francisco José de Mattos procurava medicar com os preceitos da “ritualização” da medicina dita científica.

A citação é significativa por demonstrar o elo chamado “convívio e amizade” que interfere na realização das várias maneiras de cura, quer seja popular ou não; as múltiplas formas de medicar passam por “rituais” próprios a sua esfera de reconhecimento. O que as diferenciam? A normatização, a formação em academias, os livros (...), por fim, a “razão”, enquanto capacidade de sistematizar, catalogar, identificar e manipular. Atividades que atribuíam aos médicos uma legitimação sobre as outras medicinas paralelas, constituindo assim a ciência médica.

Outra reportagem evidencia a necessidade de se *combater as crenças ridículas do povo dando-lhe educação*,²⁴⁵ mas ressalta que em detrimento dela, e devido sua lentidão no Ceará, as superstições populares deveriam ser aproveitadas. E, com a intenção de divulgar algumas *lendas* utilizadas pelos homens, o jornal fez a transcrição de uma correspondência da vila de S. Raimundo Nonato remetida ao jornal do *Piauí*. A narrativa da correspondência se inicia com uma justificativa e certa defesa dos saberes populares, ressaltando que suas práticas também são constituintes de uma medicina:

Talvez Sr. redactor, V. S., assim como os mais Srs. Lá da praça, façam como é costume, um juízo muito desfavoravel de nós os lavradores cá

²⁴⁴ Jornal **O Cearense**. 10 de março de 1847. nº 32. p. 04 Matéria: Damos a cada um o que é seu.

²⁴⁵ Jornal **O Cearense**. 10 de março de 1871. nº 42. p. 03. Matéria: Superstições.

do centro dos sertões, atribuindo que vivemos no mais absoluto atrazo dos conhecimentos de certos meios indispensáveis à vida physica e moral, como por exemplo a medicina, etc. Não senhor, é um engano completo, como lhe vou provar. Quanto à medicina, creio que entre nós (não fallo com V.S.) há muito mais medicos, do que lavradores e creadores: pois não há uma só pessoa que não saiba ensinar o seu remédio, ao passo que muitas e muitas existem que – nem criam e nem lavram: accrescendo que os meios de tratamento, não só não são mui suaves e faceis (ao contrario do dos Srs. Medicos, que querem mattar a gente de fome como são efficacissimos os remedios, cujo effeito só falha quando para isso ocorre algum motivo plausivel, como tudo lhe vou demonstrar convenientemente.²⁴⁶

E assim a narrativa prossegue afirmando o valor do *verdadeiro medico* que era representado na figura do amigo próximo:

Em primeiro lugar, temos o Senhor Bom Jesus da lapa, que é o nosso verdadeiro medico, para quem todos correm, e são validos sempre que haja a verdadeira e necessaria contricção; mas este santo recurso eu ponho de parte, porque como sabemos, não deve ser envolvido no meio dos outros que passo a mencionar.²⁴⁷

Posteriormente discorre sobre os remédios para *mordedura de cobra, dores de pontada, molestias de goellas, molestias nervosas, metrite, erysipellas, hemorragias, quebranto* e outras, sempre ressaltando a existência desses muitos médicos populares em detrimento do número reduzido de médicos nas cidades e da relação que os dois “médicos” tinham com os pacientes. O curandeiro sempre se apresentava próximo do convívio do doente, com uma relação cordial de amabilidade; o médico formado se apresentava como o detentor e manipulador do saber, cabendo ao paciente enunciar suas dores e enfermidades e ao médico simplesmente identificar a doença e prescrever a medicalização, estabelecendo assim a “circularidade da verdade e do segredo”.²⁴⁸ Sendo que a verdade se dava

²⁴⁶ Id. Ibidem.

²⁴⁷ Id. Ibidem.

²⁴⁸ CAPONI, Sandra. **Da Compaixão à Solidariedade**: uma genealogia da assistência médica. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000. Caponi faz importantes comentários sobre a racionalidade médica e seu distanciamento com o paciente. Em seu texto procura analisar como o médico pouco a pouco constituiu sua formação e sua erudição através de experiências sociais que aos poucos lhe permitiram esse distanciamento que ela chama de “circularidade da verdade e do segredo”.

sob a ótica do doente que expunha fielmente o que estava sentindo e ao detentor do saber científico cabia ouvir e diagnosticar o remédio sem grandes enunciações, o que se configura como segredo e estabelece uma relação de distanciamento entre paciente e “curador”:

(...) temos excellentes resadores, em multiplicadíssimo numero do que tem V. Srs. ahi na praça de medicos, e que, além d’isso, se prestam com muito melhor vontade e desinteresse; do que estes senhores, contentando-se, em compensação do seu trabalho, sómente – com o venerando acatamento e respeito semi-divinal que se lhes presta na ocasião do seu innocente exercicio em cujo acto são cegamente obedecidos, ainda que seja preciso – pôr a mão n’este ou n’aquelle logar de mulher de qualquer estado que seja, salvo somente a posição social dos maridos ou paes, que muitas vezes por ella se tornam – amaldiçoados e descrentes!²⁴⁹

E conclui afirmando a necessidade de se registrar as receitas utilizadas pelo povo como sabedoria que deveria ser passada para as gerações futuras:

E assim por diante temos uma infinidade de receitas idênticas e específicas para todas as molestias, que é pena não serem colligidas em um grandíssimo volume, para serem transmittidas as gerações futuras; e quando ellas não produzem o necessario effeito, já sabemos que o mal é – feitiço -, e então temos o remedio infallivel nos curandeiros d’esta molestia, que, com quanto sejam mais ou menos longiquos, onde se os vae buscar a todo custo.²⁵⁰

É evidente a confiança destinada à tradição. O curandeiro não se constituiu como um elemento à parte da realidade social, do saber popular, mas como um ser diretamente inserido no cotidiano das pessoas, dando respostas concretas aos problemas e doenças vividos. Respostas que se apresentavam com mais lógica, por sua presença no dia-a-dia, que a medicina científica, que falava uma linguagem diferente, difícil, baseada em desequilíbrio de humores, de medidas proibitivas que não faziam sentido imediato, era uma cura diferente, que estava além do conhecimento do doente e de quem o cercava. Já o curandeiro estabelecia relações cotidianas, corriqueiras, de amizade e confiança, era uma

²⁴⁹ Id. Ibidem.

²⁵⁰ Id. Ibidem.

medicina baseada em vários elementos culturais. O que nos faz propor que era por isso que, em grande parte, havia uma preferência por essa *medicina baseada em rezas e ervas*, que não se fechava em um *corpus* restrito de saber tradicional ligado a elementos da cultura para a cura, mas que incorporava os mais variados saberes:

Os depositários desses conhecimentos podiam acumular ainda outros que, de uma forma ou de outra, assemelhavam-se. Os curandeiros, em geral, podiam, além de curar pessoas, partejar e também curar animais. Isso certamente lhes dava um amplo circuito de relações, as quais engendravam solidariedades e favores, aos quais muitas vezes se resumiam a paga desses 'profissionais'.²⁵¹

Não é novidade a presença desses doutores populares durante o século XIX, *feiticeiros, enganadores ou charlatões*. O estudo desses elementos populares através de novas fontes, como Código de Leis, de processos crimes, possibilita perceber o universo de curas populares, fazer uma análise mais detalhada entre a lei e a *práxis*. Pois percebemos que, mesmo tendo existido uma tentativa de controle dessa *medicina marginal*, a população ainda a utilizava. O povo fazia sua própria lei, baseada em seus costumes e crenças.

A legislação só é cumprida quando ela representa um significado direto na vida das pessoas, quando ela é utilizada, para que obtenha sucesso. No momento em que ela se constitui como elemento distante da realidade, da vivência e das necessidades imediatas, ou não, da população, seus códigos apenas configuraram as páginas da Constituição, ou como se prefira, configuravam apenas nos artigos dos Códigos de Posturas, ficando sua prática a ser realizada. Logo o povo estava criando suas próprias normas e regras e reinventando seu cotidiano.

A lei procura estabelecer o limite do tolerável ou não por uma parcela da sociedade (governantes, médicos, políticos...), no entanto ela não atinge os lares das camadas iletradas de forma homogênea e regular. Não fazia parte de seu

²⁵¹ WILKER, Nikelen A . Curandeirismo: Um outro olhar sobre as práticas de cura no Brasil do século XIX. In: **VIDYA**/ Centro Universitário Franciscano. Vol. 1, nº 1 (nov. 1976) – Santa Maria. p.183-197.

cotidiano, de suas expectativas de vida. A cultura popular freqüentemente resiste em nome do costume. As pessoas exercem determinadas atitudes e práticas que lhes são favoráveis e necessárias, logo, passam a utilizá-las com mais freqüência, tornando sua prática contínua, adquirindo assim “força de lei”.

3.2. A Medicina Popular e a Ciência Médica: a construção de um distanciamento

De qualquer canto do mundo,
Vêm notícias todo dia:
Pelo fundo do oceano,
Pelos ares ... quem diria?

(...)

Em tudo a eletricidade,
Em tudo! No homem não!
Anda êsse tão vagaroso,
Como andava o pai Adão ...

E por isso fugiria,
Como de grande maçada,
Da medicina caseira
Em longa prosa anotada.

(GALENO, Juvenal. Conclusão. In: _____. **Medicina Caseira**)

O poema, intitulado *Conclusão*, de Juvenal Galeno representa a efervescência da ciência e as transformações que estavam acontecendo no Ceará no início do século XX: a eletricidade, a facilidade na aquisição e circulação de informações, as mudanças de hábitos, como substituir o burro pelo bonde, etc. Ao finalizar seu livro com esse poema, o poeta reflete sobre a “inutilidade” de se escrever sobre a medicina caseira em forma de prosa. Diante de tantas mudanças nos hábitos e costumes aparentemente não haveria necessidade de ler um livro baseado nos costumes, e tradições populares. O “progresso” traria a solução e

respostas para todos os males. Portanto havia a necessidade de “civilizar” as pessoas e os lugares. E os médicos foram os principais percursores desse ideal “civilizatório”.

O advento da República e a busca por tornar o Brasil um país “civilizado” fizeram com que as políticas referentes à saúde fossem implementadas de forma mais rigorosa e intensa, fazendo com que a interferência no espaço urbano e social se desse de maneira mais coercitiva e penalizante. As leis e as normas passavam a exercer um maior controle sobre a sociedade. Entretanto essa “construção de organização” não aconteceu simplesmente com a mudança política de Brasil Império para Brasil República.

Por volta da década de 70 do século XIX, as reportagens dos jornais estavam começando a apresentar as práticas populares de cura de maneira pejorativa e procurando ao mesmo tempo enaltecer a medicina científica através da sua figura símbolo: o médico. Cada vez mais requerendo a apresentação de diplomas para medicar, exigindo, assim, um combate mais efetivo da polícia contra os charlatões:

Charlatão: Acha-se entre nós mais um charlatão. Consta-nos que esse <<industrioso>> é norte americano; que intitulado se médico tem feito diversas <<curas>> pelo Outeiro. Recommendamol-o á protecção da polícia.²⁵²

Por ser apenas um indício da prática “ilegal” da medicina, a nota publicada no jornal não nos permite refletir sobre quem fez a denúncia e a que tipo de *charlatão* estava se referindo. Apesar das ausências de informações, há a evidência de um olhar atento e denunciador quanto ao exercício ilegal da medicina por pessoas que não eram diplomadas e certificadas na erudição.

O charlatanismo só passou a ser categorizado quando o médico foi reconhecido como um profissional com um saber validado e legitimado. A divulgação de qualquer outra prática médica por uma pessoa não formada ou habilitada em medicina, nas faculdades do país ou nas existentes no Velho Mundo, era denominada de charlatanismo, pois

Em um contexto tão conturbado, o controle sobre as formas de credenciamento para o exercício da medicina era visto como peça fundamental na batalha pelo monopólio sobre a clientela e a conseqüente exclusão institucional de outras categorias de curadores – a que se imputavam práticas de charlatanismo.²⁵³

As primeiras escolas médicas que se estabeleceram no Rio de Janeiro e na Bahia (1808), tendo, em 1813, assumido a função de academias médico-cirúrgicas e em 1832 foram transformadas em faculdades, contribuíram para fortalecer e fazer as bases da atividade profissional médica e colocá-la como detentora de um saber especializado, o que lhe deveria atribuir credibilidade.



Medicina, Farmácia, Cirurgia. Óleo sobre tela de Nicolas de Larmessin, 1700²⁵⁴

²⁵² Jornal **O Cearense**. 10 de Abril de 1872. nº 28. p. 01. Matéria: Charlatão.

²⁵³ FERREIRA, Luiz Otávio et al. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino. In: DANTES, Maria Amélia (org.). **Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. p. 64.

²⁵⁴ VALE, Marcus R. (org.). **História da Medicina: Fragmentos Pictóricos**. CD-ROM da SEARA da Ciência: Órgão da Divulgação Científica da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004. As ilustrações desta exposição foram cedidas, gentilmente, pelo Instituto Wellcome para a História da medicina (Wellcome Institute for the History of Medicine, The Wellcome Trust), Londres.

A figura do século XVIII representa bem o significado de ser médico e do seu saber validado e baseado nos livros e a importância de sua formação acadêmica.

O médico é cada vez mais um homem letrado e sábio que busca sua ciência muito mais nos livros do que na observação dos doentes. Já o cirurgião é encarregado das atividades práticas: lida com o corpo em cirurgias, no trato das fraturas, no cuidado com as feridas.²⁵⁵

O médico na tela representa toda a erudição através de seus livros (a sua roupa é composta por livros), o boticário (que será no campo profissional o futuro farmacêutico) veste frascos de manipulação e o cirurgião porta seus instrumentos. É evidente a preocupação do pintor na separação e limitação entre as funções, estabelecendo uma hierarquia com relação às atividades desempenhadas e criando, ao mesmo tempo, uma distinção entre trabalho manual e intelectual. É possível perceber na disposição da figura a hierarquia destinada ao médico. Sua representação está no plano superior aos dos outros profissionais, ganhando, assim, local de destaque e demonstrando que sua formação significava o máximo degrau na “hierarquia dos profissionais de saúde”. Essa limitação entre espaços de trabalho também foi uma preocupação dos médicos brasileiros, embora mais timidamente ao longo do XIX.

Em 1872, o jornal *O Cearense*²⁵⁶ trouxe em suas páginas um comunicado de A. J. Mello que, através de seus registros, deixa-nos transparecer ser um médico da localidade de Maranguape, denunciando e reforçando o combate contra as pessoas que exerciam outras maneiras de medicar além da oficial, formada nas academias e faculdades do e fora do país.

O senhor Mello se auto intitulava defensor da *verdade*, da *moralidade* e da *razão*, que advogava em prol da *cruzada humanitária*, trazendo para si a obrigação da defesa da sociedade nos mais variados campos da vida pública,

²⁵⁵ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A Arte de Curar**: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Vínculos de Leitura, 2002. p. 69.

estabelecendo assim uma verdadeira luta em nome do esclarecimento, sobretudo, nas *camadas mais baixas da multidão*. Apesar das injúrias cometidas contra ele, o defensor dos preceitos morais da sociedade não se calaria diante de um charlatão e ajudaria a velar pela saúde pública. Assim escreveu demonstrando seu ponto de vista sobre o assunto e ao mesmo tempo em que narra sobre a situação dos charlatões, exigia mais rigor no cumprimento da lei, pois o médico sozinho pouco conseguiria em relação à mudança de conduta e ao comportamento das pessoas, era preciso uma polícia punitiva, como mencionou Foucault, para que houvesse um maior cumprimento da lei e dos preceitos de higiene e da doença:

Infelizmente no Brasil, excepção da côrte, a fatal praga de charlatões cresce todos os dias de um modo assombroso, e, á falta de leis bastantes repressivas, pelo desleixo na applicação das penas, demasiado leves, impostas pelo Regulamento de 29 de setembro de 1851 e mais que isso, o negro crime commettido por algumas autoridades immoraes, que os protegem escandalosamente, movidos por sentimentos mesquinhos, tudo concorre para que tão ousados especuladores ergão alto o collo e arrogantes, escarnecendo do nosso atraso, n'esta parte, d'esse vagoroso caminhar, quando o seculo avança veloz pela immunda e corruptora capa do patronato, prosigão impunes em sua perigosa industria. Industria tanto mais nociva, quanto o maravilhoso, de que com arte se revestem, mui facilmente seduz a credulidade publica e, o que mais admira, esse falso brilho, que com mil artificios fazem irradiar sobre as massas, vai refletir-se, não rara vezes, sobre as camadas da sociedade.²⁵⁷

A. J. Mello fez constantes chamadas ao inspetor da saúde pública para combater o charlatanismo que se apresentava de maneira perniciosa sobre todo o território, sobretudo, na capital, lugar onde teoricamente não deveria apresentar a manifestação de outras práticas de cura além da científica, uma vez que a capital se apresentaria como um lugar mais “desenvolvido”, em relação ao interior que se apresentava como “rude”, “atrasado” e distante:

Ahi mesmo, n'essa capital, onde a sociedade é tão depurada; ahi onde o povo se acha habituado com as victorias alcançadas por uma medicina

²⁵⁶ Jornal **O Cearense**. 02 de junho de 1872. nº45. p. 02. Comunicado: O Charlatanismo no Ceará.

²⁵⁷ Id. Ibidem.

sabia e prudente; ahi mesmo, consta-nos, existe um d'esses corrosivos cancos, vindo d'alem mar, cuja sanié já se vai innoculando em uma grande parte da população que, embevecida e saturada de suas artimanhas, ainda não doeu-se com seus horriveis effeitos. Se é certo que, é instigações da imprensa, o influxo policial já se manifestou energico, não é menos verdade que mui tacitamente esse charlatão vai empregando suas panaceas e até inculcando-se orgão de divinas revellações!²⁵⁸

A indignação por parte do possível médico se dava também sobre a forma que o *thaumathurgo*²⁵⁹ usava para curar, e como essa manipulação atraía pessoas para os seus cuidados, fazendo com que alguns doentes saíssem dos preceitos da medicina científica à procura de outras curas, que se disseminavam através das notícias *transmittidas por ignorantes*, como se torna evidente no fragmento abaixo:

Tal esse novo thaumathurgo que pelo pulso, ou antes por um magico relógio, como já ouvimos dizer, declara um por um os symptomas das molestias e até os anteriores soffrimentos do doente, diagnosticando, prognosticando e curando com uma precisão mathematica. Tal esse Juca Rosa que, em tão curto espaço de tempo, já *curou* muitos doentes desenganados por medicos e ora trata *com grande vantagem* um nosso cliente nas mesmas circunstancias, diz elle.²⁶⁰

As disputas pelo espaço de poder traziam a necessidade do reconhecimento e eficácia de um saber em detrimento de outro. Fazia-se necessário localizar e combater esses inimigos do saber científico, que possuíam muitos adeptos e ao implementarem suas práticas, que tinham *algumas vagas noções da arte de curar*, atacavam também *a reputação dos médicos*.²⁶¹

O médico, muito além de simplesmente disputar por um espaço de trabalho diante das várias formas de cura tentava validar seu saber como única forma

²⁵⁸ Id. Ibidem.

²⁵⁹ Id. Ibidem. Termo utilizado por A. J. de Mello como forma de caracterizar como o “charlatão” Juca Rosa exercia sua cura, que se dava, aparentemente, através das mãos.

²⁶⁰ Id. Ibidem.

²⁶¹ Id. Ibidem.

“certa” de medicar em nome da razão, logo havia a necessidade de combater qualquer outra forma de cura que fugisse aos paradigmas dos centros formadores de médicos.

A. J. de Mello fez referência a um paciente que estava sob seus cuidados e fora procurar o charlatão (Juca Rosa) para obter a cura. O possível médico procurou ressaltar a fragilidade do conhecimento do outro curador ao compará-lo com o seu que, apesar de, no caso do paciente que estava sendo tratado, ser apenas um paliativo, era de acordo com os centros de erudição da medicina e estava prolongando a vida do enfermo de tuberculose:

E', um homem, cujas *progressivas melhoras* ahi e cá se popala, um tuberculoso á quem, por pedido do Sr. José de Sá Cavalcante, fizemos duas visitas, há 15 dias mais ou menos, tendo applicado os granulos d'acido arsenico para combater a febre hetica, que conservou-se tenaz, (...), e depois um julepo gommoso Kermetisado e edulcorado com os xaropes d'apoio e balsamico com o fim de fazel-o expectador e moderar a tosse, que por continuada roubava-lhe o sonno. Submettido á este tratamento symptomatico, em face da impotencia da therapeutica sobretudo quando symptomas depressores das forças, febre, suores abundantes e outros se agglomeraõ para augmentar a acção consumptiva da molestia, pretendiamos encetar a medicaçãõ de Fuster, que, á par de uma boa hygiene, nos parece, bem como á muitos praticos, a mais racional e tamém aquella que, nas mãos habeis do eminente clinico de Montpellier, tem prolongado os dias d'esses infelizes (...). Fascinados porém por noticias que já aqui chegaram, transmittidas por ignorantes, lá foi o doente e hospedou-se em casa de um seu irmão na rua do Garrote, entregando-se corpo e alma á esse cartomante, de cujas garras o nosso distincto collega (Inspetor de Saúde Pública) deve arrancar-o, antes que seja devorado por algum Le Roy, ou qualquer outro drastico, remedio universal d'essa gente.²⁶²

À proporção que se reconhece a eficácia de um procedimento de cura, quer científico ou popular, sua propagação passa a criar o campo de atuação e intervenção, o que gera uma maior procura por parte das pessoas às práticas que respondem suas necessidades. Entretanto à medida que há um aumento no número de médicos, torna-se evidente a existência de uma disputa de campo de atuação entre os pares.

²⁶² Id. Ibidem.

Na secção *Annuncios* do jornal *O Cearense* aparece por várias vezes a oferta de serviços médicos. À primeira vista, torna-se natural a divulgação de um serviço, de um trabalho. Entretanto o que despertou nossa atenção foi como esses anúncios foram se modificando ao longo da segunda metade do século XIX.

Nos primeiros anos da segunda metade do século XIX, os anúncios apareciam como notas discretas e simples, referenciando o nome do médico e o local de sua clínica. Por volta da década de 1980 em diante, esses anúncios passaram a ganhar molduras e mais textos enaltecendo seus serviços e sua experiência profissional como forma de ganhar destaque entre os outros diversos anúncios existentes (venda de chapéu, tecidos, etc.). Embora não se tenha tornado possível fazer uma reprodução fiel do anúncio, transcrevemos parte do texto como forma de apresentar ao leitor o estilo narrativo e convincente do médico sobre seus serviços prestados.

O Dr. Fermio Doria, com longa pratica da medicina e cirurgia, tanto na clinica civil, na côrte, e em diferentes provincias, nas quaes tem residido, como nos hospitaes militares de paz e guerra, achando-se presentemente domiciliado nesta capital, offerece os serviços da sua profissão a todos que o quizerem honrar com sua confiança. O mesmo incumbe-se do tratamento de qualquer doente, embora escravo, por preço convencionado e modico, garantindo o maior zelo de sua parte. Residencia: Rua Formosa nº 149. Chamados a qualquer hora. Consultas: todos os dias das 7 às 9 da manhã. (Grátis aos pobres).²⁶³

No dia 06 de junho de 1872, o mesmo A. J. de Mello escreveu outro comunicado ao jornal discorrendo sobre como se dava essa adesão popular aos charlatões. Para ele, a relação de proximidade entre doente e curador favorecia ao estabelecimento de um vínculo de confiança:

Antes de construir o seu throno sobre suas victimas, o primeiro passo do charlatanismo tem por fim dominar o estreito e obscuro circulo de sua futura clientela, inspirando-lhe a confiança mediante os mais negros artificios e, desgraçadamente, acabam por triumphar, amostrando-se por

²⁶³ Jornal **O Cearense**. 29 de agosto de 1880. nº 90. p. 04. Annuncio: Clinica Médica e Cirurgica.

entre a sociedade com as sinuciosidades e seductor furta-côres de venenoso reptil.²⁶⁴

A. J. de Mello, preocupado com a prática de um distanciamento entre médico e paciente, que estabelecia uma relação fria e impessoal, ressaltou a necessidade de um relacionamento mais próximo, onde o médico enumeraria um pouco o seu saber:

Não somos adversario da vulgarisação da sciencia; á cabeceira do doente esforçamo-nos sempre por fazel-o comprehender a natureza de seu mal, o mecanismo e effeitos ultimos da medicação empregada. Assim procedendo, o medico não tem a temer vãos terrores e repugnancias insensatos, que são as revoltas ordinarias da ignorancia. Não se trata de um saber completo e aprofundado, que não pode dar à todo mundo, nem de um insignificante meio-saber, que não pode util á ninguem; mas, derramar algumas noções no espirito do povo tem a grande vantagem de fazel-o melhor exprimir seus sofrimentos; prevenir as molestias com a observancia dos preceitos hyggienicos; insinual-o a fugir dos preceitos, reforçada muralha que muitas vezes se eleva inescalavel entre o medico e doente; finalmente, leval-o à convicção de que a medicina de hoje não é essa medicina oculta dos divinos, nem uma sciencia conjuctural, cujos principios e regras tem a incertesa e mobilidade do acaso.²⁶⁵

O entendimento por parte do doente de sua doença, sintomas e cura seria o primeiro passo para o reconhecimento válido e eficaz da medicina científica. Para que esse saber médico fosse aceito, ele deveria se apresentar de forma positiva e de maneira humana voltada para utilidade como única maneira de se combater a doença. O sucesso do reconhecimento se daria através da vulgarização da prática médica e somente assim poder-se-ia combater as medicinas paralelas, que se disseminavam rapidamente na cidade de Maranguape:

Residimos em uma pequena cidade que, por florescente, tem excitado a cubiça, d'esses nigromantes(sic), que á myriados vemos surgir de todos

²⁶⁴ Jornal **O Cearense**. 06 de junho de 1872. nº 46. p. 02 e 03. Comunicado: O Charlatanismo no Ceará.

²⁶⁵ Id. Ibidem.

os cantos. São velhos caducos, caboclos, bruxas benzadeiras e até os há agalados, que todos os dias censuram a nossa therapeutica, taxam-na de perigosa e martinisadora, descobrem em doentes imaginários mais inflamações que órgãos temos no corpo, levantam *espinhelas* cahidas. *Tiram madres do estomago* e mil outras feitiçarias, que cercam de uma aureola religiosa, curvando a cabeça dos doentes sob o peso de anrelicarios (sic) e trouxas de orações, ultimo recurso nos casos que lhes parecem desesperados!²⁶⁶

Não há como evitar na análise os posicionamentos apresentados por A. J. de Mello de combate, rejeição e conceituações pejorativas referentes à aplicabilidade de outras medicinas paralelas em defesa do médico e da implementação da higiene. As classes pobres não eram simplesmente perigosas devido a sua desorganização na higiene como um todo, constituindo-se assim como centros difusores e propícios de doenças, mas também, devido aos “falsos médicos” que realizavam e manipulavam um saber não validado, que para A. J. de Mello se devia à eficácia ao acaso e ao uso da homeopathia, que era utilizada sem o reconhecimento “racional” e “lógico” de sua prática. Para o médico, esses curadores populares deveriam se limitar a tratar do ânimo do doente através da fé, deixando que a ciência médica se encarregasse da doença e de sua cura, ao invés de só recorrerem a ela quando não houvesse mais solução, o que contribuía para uma imagem negativa da medicina:

Se se limitassem tão torpes industriosos á espangir a fé no animo do doente, podiam ao menos fazer prodigios iguaes aos tão fallados da fonte do Cariry, ou áquelles que tem deslumbrado os numerosos devotos dos tres *milagrosos* cabellos da barba de Mahomet, tão festejados em Cachemira. Mas não; emmaranhão-se em um completo arsenal therapeutico, cujas virtudes e perigos desconhecem, jogam com os mais activos agentes da pharmacia e com mãos sacrilegas, que nunca tremem de remorsos, levam a morte lá onde a natureza, essa pertencia ante que tantas vezes nos curvamos, mostra-se propensa á restituir o calor, o movimento, a vida em summa; arredam os infelizes, queremos dizer, do caminho d'essas curas todas naturais, *globais* da homeopathia, pomposo nome pharmaceutico. Outras vezes, quando é de rigor a intervenção da arte; quando toda cautela, calma e saber devem presidir o proceder do medico, elles trazem de rastos a sua

²⁶⁶ Id. Ibidem.

vítima, e, presurosos, lançam-na nas insondáveis profundezas do tumulto.²⁶⁷

Apesar das leis e das imposições médicas as medicinas paralelas à medicina científica, ambas existiam lado a lado no cotidiano da sociedade. Ao atacar seus opositores, o médico deixava claro que não era somente a saúde da população que o preocupava, mas também o campo de trabalho, que ficava cada vez mais limitado diante da existência de outros curadores. A isso se atribuía a importância da conscientização da população, através de meios difusores de idéias como o jornal, em travar uma verdadeira cruzada contra o anticharlatanismo, à ignorância e à superstição.

Essas idéias de combate, higiene e salubridade passaram a ser mais presentes nas falas dos médicos no final do século XIX e se consolidaram no início do século XX, tomando e adotando medidas para que muitas vezes “descobrissem” o Brasil sob a luz do microscópio, da pesquisa, dos laboratórios e por fim da ciência.

Logo pelo que apresentamos até aqui, podemos observar que a segunda metade do século XIX fora um período de efervescência de idéias e de descobertas que se tornaram pouco a pouco consolidadas e formadoras de um saber que trazia para si, principalmente no século XX, o direito de medicalizar, não só as pessoas, mas também o próprio centro urbano e social, interferindo na esfera pública e privada.

Diante dessas disputas entre os mais variados saberes sobre a doença e a cura, acreditamos que Juvenal Galeno sentiu necessidade de preservar uma cultura mais autêntica do povo, fortalecendo o campo de força do empirismo popular. A publicação de seu livro em 1919 representa ser certa reação a esse “universo médico” que procurava legitimar cada vez mais seu saber em detrimento das práticas populares de cura. Entretanto os poemas não enfatizam apenas esse campo de conflito dicotômico entre científico e popular

²⁶⁷ Id. Ibidem.

mas também chamam a atenção para uma sociedade de consumo de produtos industrializados.

O poeta, em alguns poemas, fez comparações entre o remédio industrializado e a aquisição do mesmo remédio de forma mais econômica e barata pelo povo através dos recursos da natureza, como é possível perceber no poema *O Ácido Fórmico*.²⁶⁸

Teve o seu tempo este ácido,
Que da formiga se extrai,
As gazetas, elogiando-o,
Aconselhavam: usai!

Pois aumenta as nossas fôrças,
Acaba com os cansaços,
Faz erguer enorme pêso
Apenas com um dos braços.

Foi então grande a procura
E quem o não conseguia,
Com formigas na aguardente
O seu remédio fazia.

Portanto, aquêles que o buscavam
Não mexam no seu dinheiro,
Pois o encontram de graça
No fundo do formigueiro.

Juvenal Galeno, dessa forma, procurava romper com o *fetichismo* da mercadoria e dos produtos importados, diante da transformação industrial dos remédios. Existe em alguns poemas a necessidade de enfatizar a existência de outra medicina paralela a dos produtos industrializados, demonstrando até mesmo uma recusa para com estes. (*O Tomate*²⁶⁹):

O Tomate, apreciado
Entre nós, por tôda a gente,
Não deixa de ser meizinha,
Pois é desobstruente:

(...)

²⁶⁸ GALENO, Juvenal. O Ácido Fórmico. In: _____. **Medicina Caseira**. op. cit. p. 24.

²⁶⁹ GALENO, Juvenal. O Tomate. In: _____. **Medicina Caseira**. op. cit. p. 104.

mais é o tomate das hortas,
que se vende no mercado:
e não a massa, da venda,
produto falsificado.

O farmacêutico, de certa forma, seria mais um profissional a disputar por um campo de luta, de disputa de poder/saber. À medida que ocorria um aumento no número de médicos e de outros profissionais vinculados à saúde e à cura, houve uma necessidade maior de definir o campo de atuação dos profissionais da saúde.

Até o início de 1880, é possível considerar a existência de uma interpenetração dos serviços médicos e dos farmacêuticos, principalmente nos lugares em que a presença do médico era escassa ou inexistente. O farmacêutico interferia diretamente na medicalização da doença, diagnosticando e preparando o alívio para as dores (remédios), pois, "na ausência de médicos, a legislação permitia que farmacêuticos, com experiência na arte de curar, se submetessem aos exames e, a partir daí, tinham a licença para exercer a profissão".²⁷⁰

As boticas foram pouco a pouco sendo substituídas pelas farmácias. Apesar de os cursos de Farmácia nas Faculdades de Medicina da Bahia, Rio de Janeiro e na Escola de Farmácia de Ouro Preto terem sido criados na década de 1830, dando início a uma farmácia científica no Brasil e ter sido um regimento para a profissão em 1851, a atuação do boticário²⁷¹ era permitida com a apresentação do diploma. Logo as boticas existiram até meados do século XX, período em que houve um desenvolvimento das indústrias farmacêuticas tanto em nível nacional como internacional. Em 1889, no primeiro recenseamento da indústria farmacêutica, foi apontada a existência de 35 empresas, localizadas em sua maioria no Rio de Janeiro e São Paulo.²⁷² Em 1893,²⁷³ existiam na capital do

²⁷⁰FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A Arte de Curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais.** op. cit. p. 112.

²⁷¹ Durante o século XIX, os termos farmacêuticos e boticários foram usados indistintamente, mesmo após a criação da Faculdade de Farmácia de Ouro Preto.

²⁷²Sobre farmácias e desenvolvimento científico ver: FERNANDES, Tânia Maria. **Plantas Medicinais.** op. cit.

Ceará dez farmácias, todas dirigidas por farmacêuticos, e duas drogarias. Nesse mesmo ano, houve um número significativo de registros de diplomas na Inspectoria de Saúde: 24 médicos, 25 farmacêuticos, 21 práticos de farmácia e um dentista.

O final do século XIX representa um momento de grande efervescência profissional que, de certo modo, passava a não “permitir” mais as interpenetrações diretas nos ofícios vinculados à medicina, independente, der serem realizados por uma pessoa que tivesse passado por uma instrução formal ou não. Tornava-se cada vez mais necessário delimitar os espaços de atuação.

Em 1884, o jornal *O Cearense* trouxe em seu *Noticiario* informações sobre a realização de um “Congresso Pharmaceutico” realizado pela Associação de Farmacêuticos de Pernambuco. O Congresso tinha como objetivo claro a criação de um centro de comunicação que possibilitasse aos médicos e farmacêuticos das mais diversas províncias e da côrte do país desenvolver a farmácia brasileira em detrimento dos remédios importados, que representavam grande concorrência e impediam o *progresso da Arte Pharmaceutica* brasileira.

Incontestavelmente a Arte Pharmaceutica no Imperio em vez de assignalar progresso no terreno em que as suas irmãs se avantajam, acha-se estacionaria e decadente mesmo (...). Não é que falem desejo, aptidão e esforço entre os nossos collegas, nem que lhes falte tambem a vitalidade precisa, mas que a concorrência progressiva é de uma forma que elles por se só não podem debellar, impede-lhe o progresso por falta do apoio dos Poderes Publicos e da coadjuvação da sabia e distincta corporação (...) com a qual deve unir-se e robustecer para apprehender a difficil cruzada a que se propõe, com a fundação do Congresso. Como sabeis, as especialidades estrangeiras veem disputar-nos as prescripções medicas até mesmo dentro das nossas officinas; a manipulação entre nós va marchando a passos gigantescos para o seu proximo aniquilamento, a confiança profissional torna-se cada dia uma entidade mediocre ou quasi nulla, não se podendo garantir ao Medico a conscienciosa execução de suas prescripções, porquanto a sua mór parte consta de medicamentos os que nos enviam do estrangeiro já preparados e cuja confiança nenhum conceito inspira: a arte de formular vai-se reduzindo; e em vez das pharmacias produzirem os praticos que para o futuro chegariam a eximios Pharmaceuticos, transformam estes

²⁷³ Mensagem do presidente do Estado Tenente Coronel dr. José Freire Bezerril Fontenelle à Assembléa Legislativa do Ceará em sua 2ª sessão ordinaria da 1ª Legislatura. Fortaleza: Typ. d'A Republica, 1893.

em simples empregados, para quem o título obtido em uma Academia perde aquela importância real que deveria ter, porque os seus possuidores são forçados a desempenhar o papel de humildes depositários, e as suas farmácias depósitos exclusivos dos especialistas estrangeiros.²⁷⁴

A Diretoria do Congresso farmacêutico era conhecedora da importância do médico nesse momento em que os farmacêuticos buscavam criar e firmar bases sólidas na produção de remédios brasileiros. Por isso, reivindicou certa “aliança” entre esses dois segmentos da medicina dita científica: o farmacêutico e o médico. A citação deixa evidente também, assim como o médico, que o farmacêutico legitimava seu saber mediante sua formação em *Academias*, e como esses centros de erudição são importantes para construir o que é científico ou não. Por tanto, o remédio seria a “certeza” da cura indicada pelo homem de ciência (o médico). Tal aliança só traria benefícios para as duas profissões:

Em vez de uzardes especialidades cujo effeito duvido o allia-se ao lucros (sic) de uma torpe especulação mercantil; em vez de sobrecarregades os doentes de oneroso dispendio na aquisição de uma especialidade que prescreverdes: lembrai-vos somente que com menor sacrificio, tereis harmonisado a necessidade do nosso enfermo com a extricta execução das vossas prescrições Medicas, utilizando-vos da nossa manipulação, e desta forma concorrido com vosso valioso apoio para o credito de nossas pharmacias. (...). Auxiliai-nos, Sr. Dr., em nossa ardua tarefa, bârrendo tambem de vossa Clinica o uso desses medicamentos infieis que nos guerreiam. Sêde os nossos poderosos aliados para essa cruzada difficil, mas de effeitos beneficos, tanto para a vossa classe, como para a nossa tambem; e o povo em cujos beneficios reverterão os louros de nossa victoria há de muito cedo enviar-nos os votos de sua gratidão pelos valiosos serviços que lhe prestámos.²⁷⁵

O campo de disputa se ampliava à proporção que a concorrência entre os remédios aumentava, envolvendo, não somente os vetores doença e cura, mas também uma seta mediana chamada mercado. Esse campo de disputa, dos fabricantes de remédio, por se fazer conhecer, evidenciou-se no Ceará no final do século XIX, suas duas últimas décadas, e início do XX. A propaganda nos jornais

²⁷⁴ Jornal **O Cearense**. 12 de janeiro de 1884. nº 09. p. 02. Noticiário: Congresso Pharmaceutico.

²⁷⁵ Id. Ibidem.

foi a principal aliada para a divulgação de remédios nacionais e importados. A disputa por campo de trabalho não se limitava apenas à concorrência do remédio importado, mas também a quem o ministrava.

À proporção que aumentava quantitativamente o número de pessoas diplomadas como farmacêuticos e médicos ocorriam certas “rejeição” aos práticos. Cada vez mais o diploma legitimava o saber e colocava a necessidade de limitar a aquisição dos certificados de licenciaturas por parte dos práticos de farmácia.

O Inspetor de saúde do Ceará, dr. João Marinho de Andrade, em 1896, ao referenciar o nome de cinco localidades (as cidades de Crato, São Bernardo das Russas, Ipú e as vilas de Assaré e Coité) que receberiam cada uma um prático licenciado para coordenar as farmácias, chamou a atenção para a importância da restrição da certificação para os práticos, pois alguns licenciados poderiam ter adquirido os certificados por pessoas *incompetentes ou suspeitas*,²⁷⁶ que não verificavam a habilidade das pessoas quanto à manipulação dos remédios. Assim o Inspetor apresentou seu posicionamento:

A este respeito, parece-me ser tempo de, si não supprimir a classe dos praticos, pelo menos estabelecer condições severas e restrictivas, pelo menos estabelecer condições severas e restrictas afim de embaraçar e limitar o mais possivel taes licenças, que muito concorrem para desprestigiar e amesquinhar a classe pharmaceutica.²⁷⁷

Fica evidente que pouco a pouco as *comunidades científicas* se fechavam com seus saberes e práticas, rejeitando o que lhe fosse contrário.

Em 1962, Thomas Kuhn fez importantes considerações sobre a *comunidade científica* como produtora e legitimadora do conhecimento científico, que passa entre criação e aceitação de um paradigma, ou seja, de uma realização científica universalmente reconhecida, criado por determinado grupo baseado na solidariedade e no compromisso com o progresso da ciência. Os

²⁷⁶ Relatório apresentado ao Presidente do Estado do Ceará, Exm. Sr. Coronel dr. José Freire Bezerril Fontenelle, pelo D'João Marinho de Andrade, Inspector de Hygiene, do mesmo Estado. Maio de 1896. p. 58.

²⁷⁷ Id. Ibidem. p. 57.

paradigmas criados se renovariam a cada crise das conceituações vigentes, ocasionando, assim, uma revolução científica. Logo, “a ciência não é a simples prática da verdade, mas aquilo que um grupo estabelecido entende e partilha como a melhor maneira de resolver e elucidar temas de investigação científica”,²⁷⁸ procurando soluções para os “quebra-cabeças” cotidianos, ao mesmo tempo em que se afirmava como legitimadora de uma prática e um saber que lhe atribuía certa autoridade sobre outras práticas, principalmente sobre as que não fossem realizadas e elaboradas dentro dessas comunidades fechadas de estudos.

Acreditamos que essa definição de *comunidade científica*, analisada por Thomas Kuhn, é importante para se compreender como esses saberes legitimadores foram se formando no Brasil.

Como verificamos em passagens dos textos anteriores, foi principalmente no século XIX que essas comunidades científicas (grupos de médicos, farmácias, etc.) começaram a se formar e a constituir seus paradigmas sociais, que pouco a pouco iriam se tornar interventivos e controladores. É possível que nesse período de “gestação” de idéias e conceitos essas comunidades tenham se fundamentado na solidariedade e no compromisso por buscas de soluções reais e concretas dos problemas brasileiros referentes, de acordo com nosso estudo, à saúde e doença.

Sem dúvida, os grupos se formam por partilharem de idéias comuns. Mas, à proporção que esses grupos se disseminam, dá-se início ao que Bourdieu categorizou como *campo científico*. Esse *campo* se configura por interesses pessoais, reconhecido pelos pares e voltado para um mercado capitalista, com o objetivo claro de criar para si o crédito científico. Logo

É por isso – e não ‘em nome do progresso’ – que existe a prioridade nas descobertas, nas investigações que geram produtos diferentes e originais, escassos no mercado científico, valorizando o nome do cientista, que procurará manter e incrementar seu capital.²⁷⁹

²⁷⁸ HOCHMAN, Gilberto. A Ciência entre a Comunidade e o Mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina. In: PORTOCARRERO, Vera (org.). **Filosofia, História e Sociologia das Ciências**: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994. p. 202.

²⁷⁹ Id. Ibidem. p. 211.

Essas questões sobre *comunidade e campo científicos* são importantes para compreendermos e analisarmos a intensificação das propagandas dos remédios de laboratórios que se apresentavam nos jornais do Ceará durante a segunda metade do século XIX e primeira década do século XX.

São reportagens que muitas vezes ocupam colunas inteiras do jornal, atribuindo, cada remédio para si, a imagem de solução única e eficaz contra as doenças as quais se propõem a curar. Como é possível verificar com o *Oleo Puro Medicinal de Fígado de Bacalhão, de Lanman & Kemp*:

Quando as doenças dos pulmões ou da garganta se chegam à desenvolver em forma de tísica, a crença qual é que já não há esperança para o mesmo doente. Isto é um erro perigoso. Milhares de pessoas que se achão neste caso curão se com o Oleo Puro Medicinal de Fígado de Bacalhão de Lanmen & Kemp.²⁸⁰

Sua fórmula era eficaz, quando não, era porque havia sido modificada com a inclusão de algum outro componente não indicado pelo fabricante. Há na propaganda uma justificativa para esses casos, com o intuito claro de reafirmar a eficácia do remédio e de atribuir a um meio “externo” a sua não comprovação na aplicabilidade positiva.

Porem há casos em que o Oleo de Fígado de Bacalhão, não produz bem nenhum. E sabe porque? E porque o artigo era uma preparação espessa, adulterada com azeite de baleia, toucinho e outros ingredientes não menos de preciaveis (sic), destituídos de toda a virtude medicinal. Por ventura, tendes alguma vez ouvido dizer que o Oleo de Fígado de Bacalhão, de Lanmem & Kemp, fora administrado sem produzir os mais felizes effeitos, nos casos da tísica, bronchites, asthma (sic), affecção do fígado ou escrofulas? Nunca com tudo ainda não se há notado um só caso em que tenha falhado.²⁸¹

²⁸⁰ Jornal **O Cearense**. 22 de janeiro de 1880. nº 03. p. 04. Annuncio: Oleo Puro de Fígado de Bacalhão.

²⁸¹ Id. Ibidem.

Com a intenção de reforçar a idéia da comprovada eficácia, ressalta o reconhecimento do remédio em outros lugares além do Brasil. Tal apelo chamativo nos permite refletir sobre a intensificação da produção de remédios em escala mundial como também de sua circulação.

Em todas as partes do mundo, - porque conserva-se perfeitamente em todos os climas - este grande remedio, tem triumphado uma e outra vez, onde todos os mais forão inuteis.

À sua superior frescura e pureza são proverbias, em todos os hospitaes dos Estados Unidos.

Cuidado com as imitações!! Acha-se a venda em toda a parte do mundo em todas as principaes boticas e lojas de drogas.²⁸²

Outro remédio de produção internacional que “competia” em termos de eficácia com *O Puro Oleo de Fígado de Bacalhão de Lanmem e Kemp* era o *Peitoral de Anacahuita*, os dois remédios eram do mesmo fabricante que se propunha a curar bronquites e inflamações dos pulmões:

O grande Remedio Mexicano que tem sido clinicamente analizado e recommendado pelo (...) Medicato Imperial de Berlim como possuidor da mais alta excellencia e efficacia no Curativo da Tísica e de todas as molestias da Garganta, o Peito e os Pulmões.²⁸³

À proporção que esses remédios eram produzidos e comercializados nas mais diferentes localidades, havia a necessidade de uma clientela para seu consumo. O compromisso com a fabricação do remédio não era simplesmente a cura, como função ética e moral pensada por Kuhn na *comunidade científica*, mas o mercado e o reconhecimento de validade pensado por Bourdieu no *campo científico*. Os recursos utilizados para se auto-validarem eram inúmeros, indo desde chamados apelativos para sua eficácia, passando pelo reconhecimento de sua composição puramente natural à exposição da ineficácia dos outros remédios concorrentes, ou seja, ao mesmo tempo em que ressalta as eficácias e qualidades do produto, cria uma imagem depreciativa dos demais medicamentos

²⁸² Id. Ibidem.

²⁸³ Jornal **O Cearense**. 30 de janeiro de 1880. nº 11. p. 04. Annuncio: Bronchites e Inflamação, dos Pulmões.

quanto a sua aplicabilidade. A propaganda seguinte da *Salsaparrilha de Bristol* faz uma síntese geral desses recursos propagandísticos.

Na pratica da medicina empregão-se todos os venenos activos, e todos elles encurtão irremediavelmente a vida. A Salsaparrilha de Bristol é realmente uma das poucas preparações medicinais, que se podem considerar como um remedio puramente vegetal. Não contem um só grão que seja de mercurio, assenico, estrechnica, bromos, iodo, nem nenhuma outra substância venenosa que seja. E de mais dá um antidoto contra os mesmos e dura as enfermidades produzidas por elles mesmos. O melhor que estes sabem fazer é matar uma enfermidade substituindo-a por outra; porém a Salsaparrilha de Bristol, obra de acordo com a natureza e não contra ella, destruindo para sempre com o seu effeito neutralizador, as cauzas das molestias ulcerosas, cancerosas e eruptíveis, regulando o fígado e o estomago, dando força e vigor ao ventre, limpando o systema de todos os elementos morbosos, restabelecendo o vigor corporeo e a elasticidade mental, e rebustecendo cada orgão debilitado. Tanto as crianças como as senhoras as mais delicadas a podem tomar sem susto algum. **E' a Ancora da vida, dos fracos.**²⁸⁴ (grifos nossos)

Com o objetivo de atrair mais ainda a percepção do leitor do jornal para a eficácia da *Salsaparrilha de Bristol*, também eram publicadas muitas notícias sobre pessoas que haviam se medicado com o remédio e qual sua opinião sobre o mesmo. O próprio título da matéria, grafado em maiúsculo, negrito e com texto apelativo, evidencia a importância do medicamento.

TOCA AOS DOENTES O LEREM ESTES FACTOS!

Forão offerecidos á mais de mil e tresentos editores dos principais jornais nos Estados Unidos, pacotes de Amostras contendo as Pilulas Assucaradas de Bristol, acompanhado do pedido especial que cada um dos Editores, fizesse sciente a sua opinião quando ao resultado dos effeitos produzidos por meio de suas familias ou seus amigos doentes. Do **inumeravel numero de satisfatorias notificações** publicas em resposta, extrahimos as seguintes passagens: o senhor R. D. Croswell do D. Times diz: << No caso d' uma senhora, uma sua parente chegada, as Pilulas effectivarão a remoção de inchações hydropicas que havião existido para cima de **trez annos** >>. (...). o Senhor Joseph Edwards, do << Tribunes >> escreveu: << Eu me julgava, assim me parecia um

²⁸⁴ Jornal **O Cearense**. 06 de fevereiro de 1880. nº 03. p. 03. Matéria: Venenos Minerais.

dyspeptico incuravel, porem dous frasquinhos das Pilulas Assucaradas de Bristol fizerão inteiramente desaparecer dita minha molestia, da qual havia sido um martyr pelo espaço de pouco mais ou menos **doze annos** >>. **Semilhante** (sic) **provas são mais que conclusivas**. A excellente forma em que as Pilulas vão acondicionadas, mettidas dentro em vidrinhos de christal, os tornão invulneraveis em todos os climas e conservão-se invariavelmente frescas e perfeitas.²⁸⁵ (grifos nossos)

Como percebemos, a *Salsaparrilha de Bristol* não era um produto brasileiro, o que fazia com que houvesse uma necessidade maior de argumentos e apresentações sobre o remédio e seus benefícios. Talvez a essa necessidade de comprovação e aplicabilidade nas doenças, tenham sido publicadas várias cartas e notícias sobre esse remédio, uma vez que o medicamento concorrente ocupava quase uma coluna inteira, destacando logo de início a sua fabricação brasileira, o que evidenciava que fora produzido e pensado dentro dos problemas reais sobre as doenças existentes no Brasil. O remédio “falava”, expunha problemas e soluções, do Brasil para o Brasil, uma vez que a concorrência de remédios internacionais, sobretudo franceses, fazia-se presente de forma cada vez mais massiva nos periódicos cearenses.

**MEDICINA BRASILEIRA
ESSENCIA
DE SALSAPARRILHA
E
CAROBA**
**Approvada pela junta central d’Higiene Publicada do
Rio de Janeiro, em 22 de março de 1874**
**ESTE GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE E’ DE
PROPRIA INVENÇÃO E PREPARAÇÃO
DOS PHARMACEUTICOS**
JOAQUIM LUIZ FERREIRA & G.
**Membros do Instituto Pharmaceutico do Rio de
Janeiro, premiados com a medalha de prata na
Exposição de 1872.²⁸⁶**
(...)

Esse medicamento ainda trazia como argumento a seu favor o fato de sua composição “(...) ser feita de plantas cuidadosamente escolhidas na clinica

²⁸⁵ Jornal **O Cearense**. 22 de fevereiro de 1880. nº 18. p. 03. Matéria: Toca aos Doentes o Lerem estes factos!

²⁸⁶ Id. Ibidem. p. 04. Seção: Annuncio.

medica por homens doutissimos e abalisados (...).²⁸⁷ Atribuindo assim o reconhecimento da ciência, pois “os attestados de illustres facultativos e particulares são garantias que nos teem parecido sufficientes para offerecer ao publico como verdadeiras provas de sua efficacia”.²⁸⁸ Outro argumento favorável ao seu uso era sua indicação para as mais variadas moléstias como as *syphilis, cancras de mau carater, bubões dartros, empigens, escrofulas, ulceras, rheumatismo articular, gottoso e syphilitico, escorações da pelle* (..)²⁸⁹ e em todas as doenças que tivessem sua origem no sangue. Essa eficácia em uma diversidade de doenças só contribuía para legitimar seu reconhecimento em detrimento dos outros remédios ao que se referia à credibilidade.

É interessante perceber como a competitividade de mercado influencia no destaque do título da notícia bem como no seu conteúdo. No mesmo ano da publicação anterior da *Essencia de Salsaparilha e Caroba*, veio logo abaixo outra notícia das *Pilulas Assucaradas de Bristol*, enfatizando não somente sua eficácia, mas também sua composição puramente vegetal.

**PILULAS
VEGETAES
ASSUCARADAS
DE BRISTOL**

A medicina antibiliosa, mais efficaz e poderosa que se conheça, garantindo-se ser puramente vegetaes as substancias que entram na sua composição. (...)²⁹⁰

Os argumentos de eficácia e composição passavam a ser incorporados por todos os fabricantes. Entretanto o argumento que quase sempre estava presente

²⁸⁷ Id. Ibidem.

²⁸⁸ Id. Ibidem.

²⁸⁹ Id. Ibidem.

²⁹⁰ Id. Ibidem.

pode ser delimitado através de uma única palavra: vegetal. A utilização desse reino da natureza evidencia a importância dos remédios naturais bem como sua valorização. Ou seja, a valorização das “plantas de quintais” referenciadas por Juvenal Galeno, ou apresentada por ele, também estava acontecendo por parte dos laboratórios de manipulações. Tal observação nos remete à pergunta inicial de nosso processo investigativo: qual a importância e interesse de Juvenal Galeno em publicar um livro sobre medicina caseira em 1919?

Como tentativa de elaborar uma justificativa que se torne “aceitável” ou pelo menos “convicente”, uma vez que somos nós, enquanto pesquisadores, que damos voz ao morto, como referenciou Certeau,²⁹¹ e não sabemos e provavelmente jamais teremos a certeza de que o que supomos é uma das “verdades” talvez pensadas ou formuladas pelos autores sobre os quais debruçamos nossos estudos, formularemos nossa argumentação explicativa a partir de uma citação de Sevcenko sobre a relação de um intelectual com sua produção:

(...) todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam. Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza, do clima e das condições ambientais?²⁹²

Assim como o historiador é filho de sua época, o literato também o é. No momento em que está escrevendo, o autor também é “personagem” de uma realidade e deixa, muitas vezes, que suas experiências de mundo e vida transbordem pela tinta da caneta e perpassem para o papel, transformando-se em fonte para a história.

Tomando as palavras como “(...) atividades práticas desenvolvidas pelos indivíduos no curso de sua existência como membro de uma coletividade”

²⁹¹ CERTAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Campinas, SP: Papyrus, 1985.

²⁹² SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República**. SP: brasiliense, 1983.p. 19.

²⁹³, é que consideramos que Juvenal Galeno utilizou-se da palavra escrita em forma de poemas como ferramenta para atingir uma coletividade através de sua oralidade. Metodologia utilizada para preservar a cultura popular na memória do povo, através de uma socialização da linguagem.

Em nosso estudo, a intencionalidade de Juvenal Galeno em registrar os hábitos e costumes populares reforça a importância do seu livro como fonte de pesquisa, pois partimos do livro *Medicina Caseira* para chegarmos às práticas populares de cura bem como para esse universo de “disputas” e “conflitos” que a medicina dita erudita enfrentou até se consolidar, no século XX, como um saber hegemônico, pelo menos aparentemente, e validado pela racionalidade dos livros e das pesquisas. Juvenal Galeno deixou em seus poemas uma rica e valiosa “síntese” dos vários olhares (médicos, curandeiros, farmacêuticos) que estavam se voltando para a doença e a cura durante o século XIX. Entretanto, somente um olhar atento e observador é capaz de ver esse emaranhado de teias na sua composição poética.

Por tudo isso é que enfatizamos que se “violentamos o morto” em seus escritos foi com a “melhor das intenções”: a de compreendermos e analisarmos um período da história cearense que ainda se apresentava por ser estudado. Tomamos o livro *Medicina Caseira* como uma porta entreaberta para esse processo investigativo. E, ao adentrá-la, descobrimos que não era um caminho único a ser seguido, mas vários que, ao final da trilha, se convergiam para um só: o de compreender o universo da doença e da cura. Para atingi-lo, foi necessário aceitar que não se torna possível pensar em medicina popular sem pensar em medicina científica e vice-versa, pelo menos até o final do século XIX. São duas faces de uma mesma moeda que se caracterizou pela construção de conceitos, saberes e práticas que se tornaram excludentes ao longo do século XX.

²⁹³ PALÁCIOS, Manuel. O Programa forte da sociologia do conhecimento e o princípio da causalidade. In: PORTOCARRERO, Vera (org.). **Filosofia, História e Sociologia das Ciências I: abordagens contemporâneas.** op. cit. Palácios faz um estado sobre o uso e significativo de Jogos de Linguagem de Wittgenstein, procurando analisar o papel dos interesses sociais nos processos cognitivos. p. 188.

Conclusão

Ando devagar
Porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte,
Mais feliz, quem sabe,
Eu só levo a certeza
De que muito pouco eu sei,
Que nada sei. (...)

Tocando em Frente. Almir Sater/Renato
Teixeira

Quando falamos em conclusão, temos sempre a tendência a associar a fim, término ou ponto final. Entretanto, não pretendo concluir com uma pontuação definitiva. Após fazer uma breve reflexão sobre todo o processo da pesquisa, que envolve aulas, coleta de fontes, construções de hipóteses, dentre vários outros elementos que compõem a situação de ser mestrando (a), preferi, como é necessário, terminar esse presente trabalho investigativo com uma reticência.

Ao iniciar com uma passagem da música *Tocando em Frente* sinalizo o que representou refletir sobre as práticas populares de cura e a ciência médica. Foram momentos que envolveram certezas e incertezas diante da escrita, medo pela

ausência de fontes e alegrias diante dos que apoiaram e indicaram caminhos que poderiam ser seguidos.

Na tentativa de refletirmos sobre nosso objeto, buscamos uma junção diferenciada de pesquisa, a qual não envolvia apenas o profissional da História, mas o de outras áreas como a Medicina. Para compreender o universo da doença e da cura, foi necessário dialogar diretamente não só com os livros da medicina, mais também com o profissional da área, o médico, o que envolveu várias horas no hospital, para que, entre um paciente e outro, pudéssemos nos informar sobre a doença em uma perspectiva mais acadêmica e “racionalista”.

Abrir um manual repleto de fotos de doenças, de “receituários”, diagnósticos e sintomas apresentava-se como uma tarefa difícil, diante do desconhecido e do estranho. Uma coisa era manipularmos algo para que somos preparados, “treinados” no olhar, na coleta e na sistematização de nossas idéias, outra era buscar “apoio” no ignorado, ousar refletir sobre algo que, aparentemente, passava ao largo da história como é o caso da medicina. Entretanto a cada página virada, a cada doença estudada, tínhamos a certeza de que não se torna possível falar de práticas de cura, independente da atribuição de referência, se popular ou científica, sem dialogar com os especialistas para nos esclarecer sobre alguns significados de sua prática como as noções de enfermidade, seus sintomas e possíveis diagnósticos.

Os elementos coletados durante a pesquisa evidenciaram que, até o final do século XIX, as práticas referentes às várias formas de cura encontravam-se constantemente interligadas. Principalmente os médicos se apropriavam das observações e práticas populares como forma de as estudarem sobre o prisma da ciência, para, posteriormente, validarem-nas como científicas ou deslegitimarem-nas como superstições ou credices. Outra percepção que consideramos importante foi a de que o povo não rejeitava simplesmente a medicina científica, embora não abdicasse das suas práticas e crenças conhecidas e passadas entre as pessoas e as gerações. As “superstições” e os rituais muitas vezes davam respostas a certos acontecimentos da vida que a ciência médica não sabia responder. As respostas procuradas pelo povo, muitas vezes, eram encontradas

na fé, na magia e no empirismo. Logo “não havia apenas reações ao controle dos saberes dominantes, mas uma produção/articulação própria de saberes, de acordo com a origem de cada um daqueles grupos ou de acordo com as possibilidades entrevistadas por eles”.²⁹⁴ Desde o período colonial, há uma mistura de elementos indígenas, africanos e europeus que se desenvolveram na vida cotidiana.

Ao pesquisarmos sobre as práticas de cura no Ceará, evidenciamos certa efervescência dos médicos em coletar informações dos mais variados lugares não só do país, mas do mundo; não só da ciência, mais do povo. Os jornais são repletos de colunas que trazem matérias sobre descobertas e usos variados de medicamentos, ervas e plantas.

Apesar de toda uma tentativa por parte dos médicos em legitimar e delimitar o seu campo de atuação como “profissionais da saúde”, não lograram êxito em sua totalidade. A sociedade, em pleno século XXI, ainda faz usos de suas crenças e costumes firmados como tradicionais. O uso da ciência médica pode ser, em determinados momentos, mais usual, porém a medicina caseira apresenta-se, muitas vezes, como aliada na busca da cura. Ciência e “superstição” juntas com um único objetivo: o de curar o enfermo.

Identificamos que esse Ceará médico, voltado para um cientificismo que envolvia urbanização, planejamento social e criação de laboratórios para diagnóstico, foi se formulando ao longo do século XIX e se firmando, propriamente, no século XX, através da criação de revistas e instituições científicas e locais de formulação e legitimação do saber médico.

A elaboração do livro *Medicina Caseira*, em 1919, por Juvenal Galeno, evidenciou não só as inúmeras doenças que aconteceram no Ceará durante a segunda metade do século dezenove, mas também a existência de uma medicina que, ao mesmo tempo em que se fortalecia através da formulação de seus remédios e dos seus saberes eruditos, rejeitava outra que era acessível e de uso cotidiano: a baseada em ervas medicinal. Daí, a importância de se preservar

²⁹⁴ WEBER, Beatriz Teixeira. **As Artes de Curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense (1889-1928)**. Santa Maria: Ed. da UFSM; bauru: EDUSC – Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999. p. 179.

essas práticas de cura populares através da escrita para serem posteriormente transmitidas na oralidade.

Podemos considerar que o livro *Medicina Caseira* foi uma tentativa de preservar um “saber”, uma prática, que aparentemente estava em vias de extinção. Logo, como sugeriu Oswaldo Riedel na apresentação do livro *Medicina Caseira*, em sua primeira edição em 1969, procuramos perceber o livro como “(...) impregnado de componente sociológico que identifica, de modo inconfundível, uma época”.²⁹⁵ Pois, era

Tempo em que o povo se agarrava aos mais estaparfúdios recursos para não deixar sem tratamento muitas doenças que os mais doutos esculápios – aqui e alhures – desconheciam completamente ou não sabiam tratar de modo adequado. Tempo em que não poucas vezes os próprios médicos aceitavam, por falta de melhores, os remédios que o uso popular consagrava. Pois é nesse tempo, e no Ceará, que Juvenal Galeno fixa usos e costumes, expressões idiomáticas, alimentos, bebidas e principalmente mezinhas que o progresso de nossos dias vai célere e definitivamente desaparecer.²⁹⁶

Na tentativa de reconstruirmos um pouco esse universo da doença e da cura no Ceará e diante da pouca existência de registros (fontes), é que fizemos uso não só da História e seu processo investigativo analítico, mas também do material produzido pelo folclorista Juvenal Galeno e da Medicina (enquanto ciência). Porém, várias foram as lacunas e interrogações deixadas ao longo do trabalho e em nossas inquietações particulares. Muito ainda falta por ser feito. Por isso é que não se tornou fácil atribuir um ponto final à conclusão, mas sim uma reticência como forma de indicar que o novelo dessa pesquisa não se encontra fechado, mas com vários nós a serem desfeitos. Tentamos apenas indicar a ponta que se apresentava escondida e aparentemente impossível de ser localizada. Trabalhar com a produção de Juvenal Galeno e principalmente com um livro em forma de poemas, o qual aparentemente não “diz nada”, pois não apresenta notas explicativas, referências diretas de autores lidos nem os lugares em que o poeta

²⁹⁵ RIEDEL, Oswaldo. Apresentação. In: GALENO, Juvenal. **Medicina Caseira**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1969. s/p.

²⁹⁶ Id. *Ibidem*.

visitou para coletar as informações do povo, significou dizer que nosso olhar ainda precisa ser mais disciplinado ao “sensível”.

Diante do tempo e das dificuldades, tentamos estranhar o “normal” e refletir sobre algo tão corriqueiro e “comum”, como é o caso da medicina caseira. Esperamos que, posteriormente, outro estudioso possa dar continuidade às brechas deixadas e, quem sabe, trocar algumas das reticências, não por ponto final, pois acreditamos que na História, principalmente no campo social, essa pontuação jamais será constante, nenhum pesquisador dará certeza absoluta das experiências passadas, mas por pontos e vírgulas, como forma de representar um aprofundamento maior sobre algumas questões levantadas. Mesmo diante de tantas dificuldades na localização de fontes, que muitas vezes limitam e deixam espaços em branco no processo investigativo, acreditamos ser possível localizar pequenas fissuras nos documentos, sobretudo nos oficiais, os quais devem ser lidos a contrapelo, para que possibilitem uma reflexão nova, com um olhar desconfiado sobre a fonte. Como referencia a música *Tocando em Frente*,

(...)

Cada um de nós compõe
A sua própria história
E cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz

(...)

As limitações fazem parte da pesquisa e do próprio ser humano. Ousar superá-las é correr riscos de conquistas e perdas, de críticas e elogios. O caminho foi aberto e muito ainda há por ser feito. Com certeza, outras abordagens surgirão a partir do mesmo objeto, mostrando que o fazer histórico é plural e complexo ...

Bibliografia

- ALEGRE, Silvia Porto. **Comissão das Borboletas: a ciência do Império entre o Ceará e a Corte (1856-1867)**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do estado do Ceará, 2003;
- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro (1857-1945)**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980;
- ALMEIDA, Renato. **Manual de Coleta Folclórica**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1965;
- ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de (org.). **Ciência em Perspectiva: estudos, ensaios e debates**. Rio de Janeiro: MAST: SBHC, 2003. (Coleção História da Ciência –Série Estudos da Ciência, v.1);
- AZEVEDO, Sânzio de. **A padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará**. Fortaleza: Casa de José de Alencar/ Programa Editorial 1996. Coleção Alagadiço Novo, 74;
- _____. **Aspectos da Literatura Cearense**. Fortaleza: Edições UFC/Academia Cearense de letras, 1982;
- BAKTHIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais**. São Paulo: Editora HUCITEC, Annablume, 2002;
- BALMÉ, François. **Plantas Mediciniais**. São Paulo: Editora Hemus, 1978;
- BARBOSA, Francisco Carlos J. **Caminhos da Cura: A experiência dos moradores de Fortaleza (1850-1880)**. SP/PUC: tese de doutorado, 2002;
- _____. **As Doenças viram Notícias: imprensa e epidemias na Segunda metade do século XIX**. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do e

- CARVALHO, Diana M. de (orgs.). **Uma História Brasileira das Doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004;
- BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão um Lugar Incomum**: O Sertão do Ceará na Literatura do século XIX. Rio de Janeiro Relume-Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000;
 - BARBOSA, José Policarpo. **História da Saúde Pública do Ceará**: da colônia a Vargas. Fortaleza: Edições UFC, 1994;
 - BARROSO, Gustavo. **Através dos Folk-lores**. São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1927;
 - BETHENCOURT, Francisco. **O Imaginário da Magia**. feiticeiras, adivinhas e curandeiros em Portugal no século XVI. SP: Companhia das Letras, 2004;
 - _____ . **Terra de Sol**. Natureza e Costumes do Norte. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962;
 - BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**: RJ: Jorge Zarar, 2001;
 - BÓIA, Wilson. **Ao Redor de Juvenal Galeno**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1966;
 - BOSI, Antônio de Pádua. Saberes e Práticas no Brasil do Final do século XIX: A Criminalização dos Curandeiros. In: **Cadernos de Pesquisa do CDHIS** (Centro de Documentação e pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História), ano 15, Nº 30, Uberlândia, 2002, p. 13-15;
 - BOURDIEU, Pierre. **Campo de Poder, Campo Intelectual**: Itinerário de un concepto. S/L: Montessor Jungla Simbólica (editora), 2002;
 - _____ . **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Editora DIFEL, 1989;
 - BRAGA, Renato. **Plantas do Nordeste**: especialmente do Ceará. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1960;
 - CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular**: superstições, credices e mezinhas. 2ª edição, Rio de Janeiro: Livraria-Editora do Estudante do Brasil, s/d;
 - CAPONI, Sandra. **Da Compaixão à Solidariedade**: uma genealogia da assistência médica. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000;
 - CARVALHO, Ronald de. **Pequena História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Comp., 1919;
 - CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro (A- I)**. 2ª edição. Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultural. Rio de Janeiro, 1962;

- _____ . Juvenal Galeno. In: **Anais da Casa de Juvenal Galeno**. Tomo II. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1958;
- CERTEAU, Michel. **A Cultura no Plural**. São Paulo: Papirus, 1995;
- _____ . **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994;
- CHALHOUB et al (org.). **Artes e Ofícios de Curar no Brasil: capítulos de história social**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003;
- _____ . **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996;
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. RJ. Bertrand Brasil, 1988;
- _____ . **Cultura Escrita, Literatura e História**. Porto Alegre: ARTMED, 2001;
- CHAUI, Marilena. **Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura Popular no Brasil**. SP: Brasiliense, 1993;
- CHERNOVIZ, Pedro Napoleão. **Dicionário de Medicina Popular e das Ciências Acessórias**. Paris: A . Roger & F. Chernoviz, 1890;
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999;
- COSTA, Maria Clélia Lustosa. A Cidade e o Pensamento Médico: Uma Leitura do Espaço Urbano. In: **Revista Mercator**, ano 1, nº 02 (Universidade Federal do Ceará), Fortaleza, 2002, pp.65-69;
- COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga: estudos sobre o culto, o direito e instituições da Grécia e de Roma**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1957;
- CZERSNIA, Dina. **Do Contágio à Transmissão: ciência e cultura na gênese do conhecimento epidemiológico**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997;
- DANTES, Maria Amélia M. (org.). **Espaços da Ciência no Brasil 1800-1930**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001;
- DARTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos e Outros episódios da História Cultural Francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do Povo**. São Paulo: Paz e Terra, 1990;
- EDELWEISS, Frederico. **Apontamentos de Folclore**. Salvador: EDUFBA, 2001 (Coleção Nordestina);

- ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. SP: Brasiliense, 1989;
- FARIA, Lira Rodrigues de. **Os Primeiros anos da Reforma Sanitária no Brasil e a Atuação da Fundação Rockefeller (1915-1920)**. Physis. Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, V5, nº 1, págs. 109-127, 1995;
- FERNANDES, Tânia Maria. **Plantas Medicinais: memória da ciência no Brasil**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004;
- FERREIRA, Luiz Otávio et al. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX: a organização institucional e o modelo de ensino. In: DANTES, maria Amélia (org.). **Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001;
- _____. Medicina Impopular: ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In: CHALHOUB, Sidney (org.). **Artes e Ofícios de Curar no Brasil: capítulos da história social**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003;
- FIGUERIEDO, Betânia Gonçalves. **A Arte de Curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. Rio de Janeiro: s/editora, 2002;
- FOUCOULT, Michel. **Microfísica do Poder**. RJ: GRAAL, 1986;
- _____. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1980;
- FURTADO, Júnia Ferreira (org.). **Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira**. BH: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; RJ: Fundação Oswaldo Cruz, 2002;
- GALENO, Juvenal. **Folhetins de Silvanus**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1969;
- _____. **Lendas e Canções Populares**. Fortaleza, Julho de 1978. 4ª edição. S/E;
- _____. **Medicina Caseira**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, Julho de 1969. 4ª edição;
- GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian, 1984;
- GARDNER, George. **Viagem ao Interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos Distritos de ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841**. BH, Editora Itatiaia; SP, Ed. da Universidade de SP, 1975;

- GINZBURG, Carlos. **O Queijo e os Vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2002;
- GOODMAN, Louis S. e GILMAN, Alfred. **As Bases Farmacológicas da Terapêutica**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.^a, 1973;
- GOORDON, Richard. **A Assustadora História da Medicina**. São Paulo: Ediouro, 2004;
- GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. In: **Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos** (on-line). V. 12. Nº 2. Rio de Janeiro, maio/ago. 2005;
- _____ . **Civilizando as Artes de Curar**: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. Dissertação de mestrado do programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da casa Oswaldo Cruz/Fiocruz. Agosto/2003. (retirada do site www.fiocruz.br/pos-graduacao);
- HEIZER, Alda e VIDEIRA, Antônio Augusto Passos (orgs.). **Ciência, Civilização e Império no Trópicos**. Rio de Janeiro: Access, 2001;
- HOBBSAWN, Eric e TERENCE, R. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997;
- HOCHMAN, Gilberto. A Ciência entre a Comunidade e o Mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina. In: PORTOCARRERO, Vera (org.). **Filosofia, História e Sociologia das Ciências**: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994;
- HUIZINGA, John. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. SP: Editora Perspectiva, 1926;
- IYDA, Massako. **Cem Anos de Saúde Pública**: a cidadania negada. SP: Editora da USP, 1994;
- KURY, Lorelai. A Comissão Científica de Exploração (1859-1861): a ciência Imperial e a musa cabocla. In: HEIZER, Alda e VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. **Ciência, Civilização e Império nos Trópicos**. RJ: Access, 2001;
- LARA, Sílvia Hunold. **Ordenações Filipinas**: Livro V. SP: Companhia das Letras, 1999;
- LE FEBVRE, Henri. Introducción a la Psicosociologia de la Vida Cotidiana. In: **De la Rural a lo Urbano**. Barcelona: Lito-pison, 1978;
- LE GOFF, Jacques. **As Doenças têm sua História**. Lisboa: Terramar;
- _____ . **História: Novos Problemas**. RJ: F. Alves, 1979;

- Levítico (décimo terceiro livro). **BÍBLIA SAGRADA**;
- LUZ, Madel T. **Medicina e Ordem Política brasileira**: políticas e instituições de saúde (1850-1930). Rio de Janeiro Graal, 1978;
- MAGALHÃES, Jósa. **Medicina Folclórica**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966;
- MANGUEL, Alberto. **Uma História da leitura**. SP: Companhia das Letras, 1997;
- MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Natureza em Boiões**: medicinas e boticários no Brasil setecentista. Capinas, SP: Editora da Unicamp (Centro de Memória – Unicamp), 1999. Coleção Tempo e Memória, nº15;
- MARTIUS, C. F. P. von. **Natureza, Doenças e Remédios dos Índios Brasileiros**. Companhia Editora Nacional, 1939;
- MATOS, F. J. de Abreu. **O Formulário Fitoterápico do Professor Dias da Rocha**: informações sobre o emprego na medicina caseira, de plantas do Nordeste, especialmente do Ceará. Edição Fac-simi. Fortaleza: EUFC, 1997;
- MORGAN, René. **Enciclopédia das Ervas e Plantas Medicinais**. São Paulo, Editora Humus, 1979;
- MOTA, André. **Quem é Bom já Nasce Feito**: sanitarismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. (Coleção Passado Presente);
- MOTA, Leonardo. **Padaria Espiritual**. 2ª Edição. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1994. Coleção Alagadiço Novo, 50;
- NAVA, Pedro. **Capítulos da História da Medicina no Brasil**. Cotia, SP: Ateliê editorial; Londrina, PR: Eduel; SP: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003;
- NETO, Lira. **O Poder e a Peste**: na vida de Rodolfo Teófilo. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1999;
- NOBRE, Maria do Socorro Silva. **História da Medicina no Ceará** (Período Colonial). Fortaleza, Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1979;
- NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e História**: as práticas mágicas no Ocidente Cristão. SP: EDUSC, 2004;
- NUNES, Patrícia Portela. **Medicina, poder e produção intelectual**: uma análise sociológica da medicina no Maranhão. São Luís: Edições UFMA; PROIN (CS), 2002;
- OLIVEIRA, Almir Leal de. **O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico**: memória, representações e pensamento social (1887-1914). Tese de Doutorado: São Paulo, PUC. 1998;

- _____ . **Saber e Poder:** o pensamento social cearense no final do século XIX. Dissertação de Mestrado: São Paulo, PUC, 2001;
- OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é Medicina Popular.** SP: Abril Cultural: Brasiliense, 1985. Coleções Primeiros Passos. Nº 31;
- ORTIZ, Renato. **Cultura Popular:** Românticos e Folcloristas. Texto 3. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1985;
- PÁDUA, José Augusto. **Um Sopro de Destruição:** pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002;
- PALÁCIOS, Manuel. O Programa forte da sociologia do conhecimento e o princípio da causalidade. In: PORTOCARRERO, Vera (org.). **Filosofia, História e Sociologia das Ciências:** abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994;
- PAOLI, Maria Célia e ALMEIDA, Marcos Antônio de. Memória, Cidadania e Cultura Popular. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Cidadania.** Nº 24, 1996;
- PIERANGELLI, José H. (org.). **Códigos Penais do Brasil.** Evolução Histórica. Bauru/SP: Javoli, 1980;
- PISO, Guilherme. **História Natural da Índia Ocidental:** em cinco livros. Volume V. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e cultura/Instituto Nacional do livro (coleção de obras raras), 1957;
- POMPEU, Thomaz. Importância da vida humana como fator de riqueza. O desenvolvimento de Fortaleza; sua natividade e mortalidade; taxa excessiva desta. In: **Revista da Academia Cearense.** Fortaleza: Typ. Studart, 1896;
- PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque:** reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001;
- PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. **Comissão das Borboletas:** a ciência do império entre o Ceará e a corte (1856-1867). Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da cultura do estado do ceará, 2003;
- PRADO, Francisco. A Sugestão do Contraste. In: **Anais da Casa de Juvenal Galeno.** Tomo I. Ano I. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1949;
- PRESTES, Maria Elice Brzezinski. **A Invenção da Natureza no Brasil Colônia.** São Paulo: Annablume/ FAPESP, 2000;
- RODRIGUES, José Carlos. **O Corpo na História.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999;

- ROMERO, Silvio. **História da Literatura Brasileira**. Tomo 1º, 4ª edição. Livraria José Olympio Editora, 1949;
- _____ . **História da Literatura Brasileira**. Tomo 3º, 4ª edição. Livraria José Olympio Editora, 1949;
- _____ . **História da Literatura Brasileira**. Tomo 4º, 4ª edição. Livraria José Olympio Editora, 1949;
- ROOBINS, Stanley L (org.). **Patologia Estrutural e Funcional**. Rio de Janeiro: Editora Interamericana, 1975;
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas Trincheiras da Cura**: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, CECULT, IFCH, 2001. (Coleção Várias Histórias);
- SANTIAGO, Silviano (coord.). **Intérpretes do Brasil**. RJ: Nova Aguiar, 2003;
- SANTOS FILHO, Lycurgo. Medicina Colonial. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História Geral da Civilização Brasileira**: a época colonial. Tomo I. Vol. 02. SP: DIEFEL, 1985;
- SANTOS, Luiz Antônio de Castro. **O Pensamento Sanitarista na Primeira República**: Uma ideologia de construção da nacionalidade. Dados Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, V.28, nº02, págs. 193-210, 1985;
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. SP: Companhia das Letras, 1996;
- SERAINE, F. Os Estudos Folclóricos e Etnográficos Cearenses. In: **Revista do Instituto do Ceará**. (Tomo: LXV, Ano: LXV). Fortaleza: Editora do Instituto Histórico do Ceará Ltda, 1951;
- SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina**: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Brasiliense, 1984;
- _____ . **Literatura como Missão**: Tensões Sociais e criação Cultural na Primeira República. SP: Brasiliense, 1983;
- SILVA DIAS, Maria Odila. Hermenêutica do Quotidiano na Historiografia Contemporânea. In: **Revista Projeto História**. SP: EDUC, nº 17, 1998 (b);
- SILVA, Marcos A. da. **História**: o prazer do ensino e da pesquisa. SP: Brasiliense, 1995;
- SINGER, Paul et al. **Prevenir e Curar**: o controle social através dos serviços de saúde. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1981;

- STUDART, Guilherme de. **Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará**. Fortaleza: Fundação Aldemar Alcântara, 1997;
- THEÓPHILO, Rodolpho. **A Fome**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002;
- REDONDO, Garcia e THEÓPHILO, Rodolpho. **Botânica Elementar**. 2ª edição. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997;
- THEÓPHILO, Rodolpho. **Scenas e Typos**. Ceará: Editor Assis Bezerra: Typ. Minerva, 1919;
- _____ . **Variola e Vacinação no Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. (Coleção biblioteca Básica Cearense);
- THIELEN, Eduardo Vilela e al. **A Ciência a Caminho da Roça**: imagens das expedições científicas do instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913;
- THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1996;
- THOMPSON, E. P. **As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos**. Org^(dores): Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas, SP; UNICAMP, 2001;
- VALE, Marcus R. (org.). **História da Medicina**: fragmentos pictóricos. CD-ROM da SEARA da ciência: órgão da divulgação científica da UFC: Fortaleza, 2004;
- VIGARELLO, Georges. **O Limpo e o Sujo**: a Higiene do Copo desde a Idade Média. Lisboa: Editora Fragmentos, 1988;
- WILKER, Nikelen A. Curandeirismo: Um outro olhar sobre as práticas de cura no Brasil do século XIX. In: **VIDYA**/ Centro Universitário Franciscano Santa Maria, Vol.19, n.34 (Julho/dezembro 2000);
- YARZA, Oscar. **Plantas que Curam e Plantas que Matam**. São Paulo: Editora Humus, 1982;
- ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz**: A “literatura” medieval. SP: Companhia das Letras, 1993.
- VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. **Entre o Regional e o Nacional: Folcloristas na década de 1950**. – Apresentado ao XIX Encontro Anual da ANPOCS, realizado de 17 a 21 de outubro de 1995 em Caxambu (MG). Grupo de trabalho sobre pensamento social no Brasil.

Lista de Fontes:

❖ **Relatórios de Presidentes de Província:**

Local da Pesquisa: Os Relatórios encontram-se microfilmados na Biblioteca Pública Menezes Pimentel.

Obs.: Dentro dos Relatórios de Presidente de Província se encontram algumas das *Fallas e Mensagens* dos Presidentes às reuniões nas Assembléias.

- Relatório que por ocasião de deixar a presidencia desta provincia, dirigio o Excellentissimo senhor doutor Ignacio Francisco Silveira da Motta ao seu successor o Excellentissimo senhor doutor Joaquim Marcos d'Almeida Rego. Ceará: Typographia Cearense, 1851;
- Relatório apresentado ao Illustrissimo e Excellentissimo senhor doutor Joaquim Vilella de Castro Tavares, presidente d'esta Provincia, pelo seu antecessor, o Illustrissimo e Excellentissimo senhor doutor Joaquim Marcos d'Almeida Rego, ao passar-lhe a administração. Ceará: Typographia Cearense, 1853;
- Relatório apresentado pelo Illustrissimo senhor Conselheiro Vicente Pires da Motta ao Excellentissimo senhor tenente-coronel José Antonio Machado, 3º vice-Presidente da Provincia, no acto de passar-lhe a administração da mesma. Ceará: Typographia Cearense, 1855;
- Relatório com que o Excellentissimo senhor doutor Francisco Xavier Paes Barreto passou a administração da Provincia ao segundo vice-presidente da mesma, o Excellentissimo senhor Joaquim Mendes da cruz Guimarães, em 9 de abril de 1856. Ceará: Typographia Cearense, 1856;
- Relatório com que o Ecellentissimo Senhor vice-Presidente, Joaquim Mendes da Cruz Guimarães, entregou a administração da Provincia ao Excellentissimo senhor doutor Joaquim Silveira de Souza, presidente da mesma, no dia 27 de julho de 1857. Ceará: Typographia Cearense, 1857;
- Relatório que a Assembléa Legislativa provincial do Ceará apresentou no dia da abertura da sessão extraordinaria em 21 de novembro de 1859, ao Excellentissimo senhor doutor Antonio Marcellino Nunes Gonçalves, presidente da mesma. Ceará: Typographia Cearense, 1859;
- Relatório com que o dr. Manuel Antonio Duarte Azevedo passa a administração desta Provincia ao quarto vice-presidente da mesma o Exm. sr. Commendador José Antonio Machado, em 12 de fevereiro de 1862. Ceará: Typographia Cearense, 1862;

- Relatório com que o Excellentissimo senhor Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello passou a administração da Província ao Excellentissimo senhor João de Sousa Mello e Alvim no dia 6 de novembro de 1866. Fortaleza: Typographia Brasileira de João Evangelista, 1867;
- Relatório com que o Excellentissimo senhor doutor Pedro Leão Vellozo passou a administração da Província ao Excellentissimo senhor 1º vice-presidente dr. Antonio Joaquim Rodrigues Junior, no dia 22 de abril de 1868. Fortaleza: Typographia Brasileira de João Evangelista, 1868;
- Relatório com que passou a administração da Província o Exm. sr. Presidente dr. Diogo Velho Cavalcante de Albuquerque ao 2º vice-Presidente, o Exm. sr. Coronel Joaquim da Cunha Freire, em 24 de abril de 1869. Fortaleza: Typographia Constitucional, 1869;
- Relatório apresentado ao Exm. Sr. Coronel Joaquim da Cunha Freire, 2º vice-Presidente da Província do Ceará, pelo Exm. sr. Desembargador João Antonio de Araujo Freitas Henriques, no acto de passar-lhe a administração da mesma em o dia 13 de dezembro de 1870. Fortaleza: Typographia Cearense, 1870;
- Relatório com que o Excellentissimo senhor Commendador João Wilkens de Mattos abriu a 1ª sessão da 21ª Legislatura da Assembléa Provincial do Ceará no dia 20 de outubro de 1872. Fortaleza: Typographia Constitucional, 1873;
- Relatório com que o Excellentissimo senhor Commendador Joaquim da Cunha Freire, 1º vice-Presidente da Província do Ceará, passou a administração da mesma, no dia 13 de novembro de 1873, ao Excellentissimo senhor Presidente dr. Francisco Teixeira de Sá. Fortaleza: Typographia Constitucional, 1873;
- Relatório apresentado pelo Exm. sr. Barão de Ibiapina, ao passar a administração da Província ao Excellentissimo senhor Presidente, dr. Heraclito de Alencastro Pereira da Graça no dia 23 de outubro de 1874. Fortaleza: Typographia Constitucional, 1874;
- Relatório com que o Excellentissimo senhor doutor Heraclito d'Alencastro Pereira da Graça passou a administração da Província do Ceara ao Exm. snr. Dr. Esmerino Gomes Parente, 2º vice-Presidente da mesma, no dia 17 de março de 1875. Fortaleza: Typographia Constitucional, 1875;
- Relatório apresentado pelo Excellentissimo senhor dr. Esmerino Gomes Parente ao passar a administração da Província ao Exm. sr. Presidente da mesma, Desembargador Francisco de Farias Lemos no dia 22 de março de 1876. Fortaleza: Typographia Constitucional, 1876;

- Relatório com que o Excellentissimo senhor Desembargador Francisco de Faria Lemos passou ao Ex.^{mo} sr. Desembargador Caetano Estellita Cavalcanti Pessoa a administração da Província do Ceará no dia 10 de janeiro de 1877. Fortaleza: Typographia Cearense, 1877;
- Relatório com que o Ex.^{mo} sr. Desembargador caetano Estellita Cavalcanti Pessoa passou a administração da Província do Ceará ao Ex.^{mo} sr. Conselheiro João José Ferreira d'Aguiar Presidente da mesma Província em o dia 23 de novembro de 1877. Fortaleza: Typographia do Pedro II, 1877;
- Relatório com que o Exm. sr. Conselheiro João José Ferreira de Aguiar passou a administração da Província do Ceará ao Ex.^{mo} sr. dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca, 3º vice-Presidente da mesma Província em o dia 22 de fevereiro de 1878. Fortaleza: Typographia Brasileira, 1878;
- Relatório com que o Exm. sr. Conselheiro André Augusto de Padua Fleury passou a administração da Província do Ceará ao Exm. sr. Senador Pedro Leão velloso no dia 1 de abril de 1881. Fortaleza: Typographia Cearense, 1881;
- Relatório com que o Exm. sr. Barão de Guajará passou a administração da Província do Ceará ao respectivo 2º vice-Presidente Exm. sr. Commendador Antonio Theodorico da Costa, no dia 17 de maio de 1883. Fortaleza: Typographia do Cearense, 1883;
- Relatório com que o Exm. sr. Commendador Antonio Theodorico da Costa, 2ª vice-Presidente da Província do Ceará, passou a respectiva administração ao Exm. sr. dr. Satyro d'Oliveira Dias em 21 de agosto de 1883. Fortaleza: Typographia do Cearense, 1883;
- Relatório com que o sr. Satyro de Oliveira Dias passou a administração da Província ao 2º vice-Presidente , Exm. sr. Commendador dr. Antonio Pinto Nogueira, no dia 31 de maio de 1884. Fortaleza: Typographia da Gazeta do Norte, 1884;
- Relatório com que o Exm. sr. Commendador dr. Carlos Benedicto passou a administração da Província do Ceará ao Exm. sr. Conselheiro Sinval Odorico de Moura no dia 19 de fevereiro de 1885. Fortaleza: Typographia da Gazeta do Norte, 1885;
- Relatório com que o Exm. sr. Desembargador Miguel Galmon du Pin Almeida passou a Administração da Província do Ceará ao Exm. sr. Desembargador Joaquim da Costa Barradas no dia 9 de abril de 1886. Fortaleza: Typ. do Cearense, 1886;

- Relatório com que o Exm. sr. dr. Enéias de Araujo Torreão passou a administração da Província do Ceará ao Exm. sr. dr. Antonio Caio da Silva Prado no dia 21 de abril de 1888. Fortaleza: Typ. Constitucional, 1888;
- Relatório com que o Exm. snr. Conselheiro Henrique d'Avila senador do Imperio e Presidente do Ceará passou a administração desta Província ao Exm. sr. (s/nome. Trata-se de um pedido de "demissão" do cargo de Presidente da Província). Fortaleza: Typographia Economica, 1889;

❖ Mensagens apresentadas à Assembléa Legislativa do Ceará.

- Mensagem apresentada ao congresso Constituinte do Ceará pelo Ex.^{mo} Clarindo de Queiroz em 06 de maio de 1891, Estado do Ceará. Fortaleza: Typographia Economica, 1881;
- Mensagem do Presidente do Estado, Tenente Coronel D^{or} José Freire Bezerril Fontenelle, á Asembléa Legislativa do Ceará em sua 2^a sessão ordinaria da 1^a Legislatura. Fortaleza, Typ. da Republica, 1893;
- Mensagem do Presidente do Estado Coronel dr. José Freire Bezerril Fontenelle á Assembléa legislativa do Ceará em sua 3^a sessão ordinaria da 2^a legislatura. Fortaleza: Typ. d' A Republica, 1894;
- Mensagem do Presidente do Estado do Ceará C.^{el} dr. José Freire Bezerril Fontenelle á respectiva Assembléa Legislativa em sua 4^a sessão ordinaria da 1^o Legislatura. Fortaleza: Typ. d' A Republica, 1895;
- Mensagem do Presidente do estado do Ceará C.^{el} dr. José Freire Bezerril Fontenelle á respectiva Assembléa Legislativa em sua 5^a sessão ordinaria da 1^o Legislatura. Fortaleza: Typ. d' A Republica, 1896;
- Mensagem apresentada á Assembléa Legislativa do Ceará pelo Presidente do Estado Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly em 1^o de julho de 1897. Fortaleza: Typ. d' A Republica, 1897;
- Mensagem apresentada á Assembléa Legislativa do Ceará pelo Presidente do Estado Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly em 4 de julho de 1897. Fortaleza: Typ. Economica, 1898;
- Mensagem apresentada á Assembléa Legislativa do Ceará pelo Presidente do Estado Exm. sr. dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly em 1^o de julho de 1899. Fortaleza: Typ. d' A Republica, 1899;

- Mensagem apresentada á Assembléa Legislativa do Ceará pelo Presidente do Estado Exm. sr. dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly em 1º de julho de 1900. Fortaleza: Typ. d' A Republica, 1900.

❖ Fallas apresentadas à Assembléa Legislativa do Ceará.

- Falla com que o Excellentissimo senhor Desembargador Francisco de Faria Lemos, presidente da Provincia do Ceará, abriu a 1º sessão da 23ª legislatura da Assembléa Provincial no dia 1º de julho de 1876. Fortaleza: Typ. Cearense, 1876;
- Falla com que o Ex.^{mo} sr. dr. José Julio de Albuquerque Barros, presidente da Provincia do Ceará, abriu a 1ª sessão da 24ª Legislatura da Assembléa Provincial no dia 1 de novembro de 1878. Fortaleza: Typ. Brasileira, 1879;
- Falla com que o exm. sr. Commendador dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly, 2º vice-Presidente da Provincia do Ceará, abriu a 1ª sessão da 27ª Legislatura da Assembléa Legislativa provincial no dia 1º de julho de 1884. Fortaleza: Typ. da Gazeta do Norte, 1884;
- Falla que o Exm. sr. Conselheiro Sinval Odorico de Moura, Presidente da Provincia do Ceará, dirigio á respectiva Assembléa Legislativa no dia 2 de julho de 1885 por ocasião da installação de sua sessão ordinaria. Fortaleza: Typ. Gazeta do Norte, 1885;
- Falla que o Exm. sr. Desembargador Joaquim da Costa Barradas, Presidente da Provincia do Ceará, dirigio a respectiva Assembléa Legislativa no dia 1º de Setembro de 1886 por ocasião da Installação de sua Sessão Ordinaria e officio que o mesmo Exm. sr. passou a administração da Provicia ao Exm. sr. dr. Eneas de Araujo torreão no dia 21 ddo referido mez. Ceará: typ. Economica, 1886;
- Falla dirigida a Assembléa Legislativa Provincial do Ceará na segunda sessão da 26ª Legislatura pelo Presidente da Provincia sr. Enéas de Araujo Torreão. Fortaleza: Typ. Economica, 1887.

❖ **Documentos Pesquisados no Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC)**

- FUNDO: Palácio Episcopal do Ceará/Bispado Cearense.

GRUPO: Vigários das Freguesias do Ceará.

SÉRIE: Ofícios Expedidos pelas Diversas Freguesias Cearenses.

PERÍODO: 1835 – 1869

ALA: 19

ESTANTE: 411

CAIXA: 01

- FUNDO: Palácio Episcopal do Ceará/Bispado Cearense.

GRUPO: Vigários das Freguesias do Ceará.

SÉRIE: Ofícios Expedidos pelas Diversas Freguesias Cearenses.

PERÍODO: 1870 – 1916

ALA: 19

ESTANTE: 411

CAIXA: 02

- DOCUMENTOS: Ofícios ao sr. Bispo, Vigários e Irmandades

PERÍODO: 1863 - 1876

Sem Catalogação / Documentação avulsa.

- FUNDO: Saúde Pública

GRUPO: Comissão Sanitária

SÉRIE: Ofícios

SUBSÉRIE: Epidemias

PERÍODO: 1839 – 1862

- DOCUMENTOS: Saúde Pública (epidemias)

PERÍODO: 1872 - 1875

Sem Catalogação / Documentação avulsa.

- DOCUMENTOS: Ofícios de Saúde e Socorros Públicos

PERÍODO: 1863 - 1876

Sem Catalogação / Documentação avulsa.

- DOCUMENTOS: Ofícios e Relatórios da Santa Casa de Misericórdia

Sem Catalogação / Documentação avulsa.

- Livro de Registro dos Ofícios dirigidos à Presidência da Província pela Direção de Obras Públicas.

PERÍODO: 1869 – 1870

- Livro de Leis Provinciais do Ceará compreendendo os anos de 1835 a 186. (Livro de difícil acesso_ Péssimo estado de conservação).

- FUNDO: Câmara Municipal

SÉRIE: Correspondências Expedidas

PERÍODO: 1881-1890

MUNICÍPIO: Fortaleza

ALA: 20

ESTANTE: 429

CAIXA: 40

❖ **Jornais:**

- *O Cearense* (1846 à 1891);

- *O Democrata* (1856).

ANEXOS

0.1. Síntese dos livros escritos por Juvenal Galeno

Nome: Juvenal Galeno da Costa e Silva.

Pseudônimo: Silvanus, devido a obra *Folhetins de Silvanus*.

Nascimento: 27 de setembro de 1836, na antiga rua Formosa, nº 66.

Naturalidade: Fortaleza / Ceará

Filiação: José Antônio da Costa e Silva e Maria do Carmo Teófilo e Silva

Casamento: 1876, casou-se com Maria do Carmo Cabral Galeno.

Filhos: José, Antônio, Maria do Carmo, João, Henriqueta e Júlia.

✍️ FORMAÇÃO INTELECTUAL E ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

- ⌚ Iniciou o curso de primário em Pacatuba/Ce, continuando-o em Aracati, época que viajou com seu tio José Marcos Theóphilo e exerceu a função de Prático de Farmácia;
- ⌚ Em 1854 cursou o curso de Humanidades no Liceu/Ce;
- ⌚ Em 1855 viajou para o Rio de Janeiro, com 19 anos, para estudar os mais modernos métodos da lavoura cafeeira. Nesse período conheceu Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Melo Moraes, e, lá, iniciou a publicação de algumas poesias na “Marmota Fluminense”, pertencente a Paulo Brito, na qual colaborou Joaquim Manuel de Macedo e outros;
- ⌚ 1856, retornou ao Ceará para o sítio Boa Vista;
- ⌚ Em 1859, com a chegada da Comissão Científica, iniciou o contato com Gonçalves Dias, Tomas Pompeu e Silva Coutinho;
- ⌚ 1859 foi deputado suplente pelo Círculo do Icó;
- ⌚ 1860 a 1862 colaborou nas páginas da constituição e do Pedro II;

- ⌚ 1861 foi levado ao teatro a sua comédia “Quem com Ferro Fere com Ferro será ferido”;
- ⌚ 1862 fundou o jornal literário “O Peregrino”;
- ⌚ 1865 foi designado membro da comissão para o alistamento de voluntários da pátria na vila de Maranguape e foi nomeado para o cargo de inspetor literário na comarca de Fortaleza;
- ⌚ 1876 foi nomeado 3º suplente do juiz municipal e de órfãos de Pacatuba;
- ⌚ 1877 voltou de Pacatuba para Fortaleza e fixou residência à rua General Sampaio com a família;
- ⌚ 1887 foi sócio fundador e depois nomeado por Caio Prado para as funções de bibliotecário, na Biblioteca Pública, situada na rua Sena Madureira;
- ⌚ 1887 foi membro fundador do Instituto Histórico do Ceará;
- ⌚ 1889 a 1906 foi diretor da Biblioteca Pública de Fortaleza;
- ⌚ 1908, aposentou-se do serviço público, passando a viver da aposentadoria;
- ⌚ no dia 7 de março de 1931, em sua residência, aos 95 anos, faleceu vítima de ataque de uremia.

Livros

1856 – Prelúdios Poéticos

Primeira obra publicada por Juvenal Galeno. Conta o drama do burguês Leopoldo, freqüentador de salões e teatros. A história é tipicamente romântica. Algumas das poesias foram publicadas na “Marmota Fluminense”, no Rio de Janeiro.

1860 – A Machadada

Poema em que satiriza o comandante João Antônio, que o mandara prender quando Juvenal era Alferes da Guarda Nacional.

1861 – Porangaba

Poema indianista que conta a história de uma índia e Martins Soares Moreno. Dentro dos poemas há a descrição de crenças e costumes dos índios.

 **1865 – Lendas e Canções Populares**

Esse livro é considerado por muitos intelectuais o livro de estréia do poeta. Nele há a o maior registro dos costumes, crenças e hábitos do povo, que se deu através de uma coleta nos locais visitados por Juvenal Galeno.

 **1871 – Canções de Escola**

Poemas escritos para serem estudados nas escolas. Nesse livro é explicitamente revelada a preocupação de Galeno com o papel pedagógico de seus poemas e com a educação.

 **1871 – Cenas Populares**

Neste livro o poeta utilizou-se da prosa para descrever lugares, pessoas, costumes típicos e aspectos do folclore.

 **1872 – Lira Cearense**

Não Localizado.

 **1891 – Folhetim de Silvanus.**

Escrito em verso, estigmatiza e satiriza os costumes, hábitos, o pedantismo provinciano e a falsa consciência dos diletantes na Fortaleza do século XIX.

 **1919 - Medicina Caseira (publicado em 1969)**

Livro em formas de poemas que trazem receitas caseiras utilizando plantas de quintais. Registrando assim a prática popular de cura, as doenças existentes no Ceará durante a segunda metade do século XIX.

Outras colaborações:

Além dessas obras publicadas o poeta colaborou com suas sátiras e poesias em revistas e jornais do Ceará e do Rio de Janeiro, como o *Peregrino*, *Revista do Instituto do Ceará*, *A Quinzena*, *República*, *Revista Popular* e *Jornal das Famílias*.